



FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CENTRO DE PESQUISAS AGGEU MAGALHÃES
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA
Mestrado em Saúde Pública

RICARDO JOSÉ DE SOUZA CASTRO

**VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE
ADOLESCENTES DO RECIFE: Em busca de
sentidos**

RECIFE
2009

RICARDO JOSÉ DE SOUZA CASTRO

**VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES DO RECIFE: Em
busca de sentidos**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Saúde Pública do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Maria Luiza Carvalho de Lima

Co-Orientadora: Kathie Njaine

**RECIFE
2009**

Catálogo na fonte: Biblioteca do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães

C355v Castro, Ricardo José de Souza.

Violência nas relações de namoro entre adolescentes do Recife:
em busca de sentidos / Ricardo José de Souza Castro. — Recife: R.
J. S. Castro, 2009.
119 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Centro de Pesquisas
Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz.

Orientadora: Maria Luiza Carvalho de Lima, co-orientadora:
Kathie Njaine.

1. Violência – psicologia. 2. Adolescente. 3. Gênero e Saúde. I.
Lima, Maria Luiza Carvalho de. II. Njaine, Kathie. III. Título.

CDU 316.624

RICARDO JOSÉ DE SOUZA CASTRO

VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES DO RECIFE: Em busca de sentidos

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Saúde Pública do Centro
de Pesquisas Aggeu Magalhães,
Fundação
Oswaldo Cruz para a obtenção do grau
de mestre em Ciências.

Aprovado em: 15/ 05/ 2009

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima – 1ª examinadora
/ Presidente (CPqAM/FIOCRUZ)

Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca – 2º examinador (Instituto PAPAÍ)

Profa. Dra. Eduarda Ângela Pessoa Cesse (CPqAM/FIOCRUZ) – 3ª examinadora

AGRADECIMENTOS

A Vivi, companheira, amiga e mulher, pelo apoio, amor e carinho que alimentam o desejo de envelhecermos como namorados.

Ao meu pai e minha mãe, Mauricio e Dalva, por 30 anos de exemplo, dedicação e amor.

A Miguel, meu filho de sorriso largo e olhinhos brilhantes, te amo muito.

À minha irmã Ana, pelo companheirismo e amizade.

A minha avó Remilde, que para mim representa a força da mulher nordestina.

A Bob, Capitu, Artur e Princesa, pela devoção diária traduzida num olhar e no abanar de cauda.

Às pessoas que fizeram e fazem parte do Instituto PAPAI: Pedrinho, Maristela, Karlinha, Fofa, Jorge, Luck, Breno, Camila, Cláudio, Benedito, Auzenir, Edna Granja Ana Carla, Cassandra, Narinha, Ana Roberta, Ricardo Gomes, Rafael, Sirley, Thiago, Mariana, Ana Luiza, Roberto, Ednaldo, Alexandre, Paula, Carla Vidal, David, Edna, Hemerson, Fábio, Cat, Marcilene, Daniel, Alba e Rhemo... Aos adolescentes que participaram dos grupos de Jovens Promotores de Saúde, JovEMovimento, Gaymado e Atuação, pelo aprendizado, conversas, brincadeiras e pela possibilidade de aprender com vocês a ser um educador.

Aos professores, Parry Scott, Benedito Medrado, Jorge Lyra, Eduarda Cesse, Kathie Njaine e Maria Rejane, pelas leituras cuidadosas e valiosas contribuições para a realização deste trabalho.

Ao CNPq que através de sua bolsa, possibilitou a realização deste trabalho.

Ao Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, pelo compromisso com a saúde pública brasileira expresso em pesquisas e programas de ensino.

Ao professor André pelo acolhimento inicial.

Por fim, agradeço a Maria Luiza, minha orientadora, pela paciência, carinho e dedicação e pela capacidade de aglutinar em torno de si pesquisadores e pesquisadoras dedicados a produzirem respostas e caminhos para o fim da violência no nosso país.

Amar é um ato de coragem
(Paulo Freire)

CASTRO, Ricardo José de Souza Castro. **Violência no namoro entre adolescentes da cidade do Recife: Em busca de sentidos**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2009.

RESUMO

A violência nas relações de namoro entre adolescentes vem despertando interesse crescente da comunidade científica, seja pela sua magnitude, seja pelo impacto que traz na vida e saúde dos mesmos, além da importância na estruturação de programas de prevenção. Alguns estudos apontam que sua prevalência possa ser até maior que a observada na população adulta, principalmente no tocante a violência psicológica. A violência no namoro traz um grande impacto negativo na vida de jovens e adolescentes, sendo muitas vezes associada à relações sexuais desprotegidas, DST/AIDS, distúrbios alimentares e transtornos mentais. O objetivo desse estudo foi analisar os sentidos da violência no namoro entre adolescentes (15 a 19 anos) de ambos os sexos, estudantes do ensino médio da rede pública e privada da cidade do Recife, no ano de 2008. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, no qual foram analisados os discursos de seis grupos-focais realizados com adolescentes de ambos os sexos de escolas das redes públicas e privadas da cidade do Recife no mês de junho de 2008. O produto dos grupos-focais foi transcrito e submetido a um processo de análise discursiva a fim de apreender e compreender os sentidos referentes a violência nas relações de namoro vivenciadas por estes adolescentes. Os resultados apontam que alguns elementos presentes nas relações de namoro poderiam criar “ambiências” para o surgimento da violência, dentre elas os comportamentos de controle exercido por meninos e meninas em suas relações de namoro, o medo de ser abandonado/a pelo parceiro/a, papéis tradicionais de gênero, a influência da homofobia e do machismo. No caso do machismo ainda destacaríamos o medo/rechaço da traição e dupla moral sexual que concede direitos sexuais diferentes para meninos e meninas. As construções sobre amor romântico e relações de gênero, criam situações favoráveis para o surgimento da violência e dificultam a saída do/da adolescente da relação violenta.

Palavras-Chave – Adolescente, Violência, Gênero e Saúde

CASTRO, Ricardo José de Souza Castro. **Violence in adolescent dating relationships in Recife city: In search of meanings.** Dissertation (Masters in Public Health) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2009.

ABSTRACT

Violence in adolescent dating relationships has been calling increasing attention to the scientific community, for its impacts concerning their health and lives, and for its importance to the development of prevention programs. Some studies suggest that its prevalence might be even higher than the observed among adult populations, especially psychological violence. In dating relationships contexts, it may cause great negative impact to adolescents and youth lives, frequently associated to unprotected sexual intercourse, STD/AIDS, eating and mental disorders. This study aimed to analyze the meanings of violence in dating relationships to male and female adolescents (15 to 19 years old), high school students of private and public schools of Recife, Pernambuco, Brazil, in 2008. It is a qualitative study, which analyzed the speeches of six focal groups with male and female adolescents in June, 2008. Material from the focal groups was transcribed and submitted to a speech analysis process, in order to apprehend and understand the meanings of violence in dating relationships these adolescents experience. Results suggest that some present elements in adolescent dating relationships could engender “ambiences” to violence uprising, such as, boys’ and girls’ controlling behaviors in their dating relationships; fear of being abandoned by their partners; traditional gender rules; homophobia and machismo influence. Concerning machismo, there is also fear/recoil of betrayal and sexual double standards, which endows different sexual rights for boys and girls. Constructs over romantic love and gender relations create favorable situations for violence emerging and hinder the adolescent’s way out of the violent relationship.

Keywords – Adolescent, Violence, Gender and Health

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLAVES	- Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli
CPqAM	- Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães
CDC	- Centers for Disease Control and Prevention
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
ENSP	- Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
FIOCRUZ	- Fundação Oswaldo Cruz
LEVES	- Laboratório de Estudos em Violência e Saúde
LGBT	- Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros
OMS	- Organização Mundial de Saúde
RPA	- Região Político-Administrativa
F	- Feminino
M	- Masculino

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 VIOLÊNCIA NO NAMORO: SITUANDO TERMOS E AMBIVALÊNCIAS	12
1.2 SITUANDO A LITERATURA ESPECÍFICA SOBRE VIOLÊNCIA E NAMORO	18
1.2.2 <i>Magnitude e diferenças na violência entre namorados</i>	21
1.3 PERGUNTA CONDUTORA DO ESTUDO	27
1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	27
2 OBJETIVOS DO ESTUDO	28
2.1 OBJETIVO GERAL	28
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	28
3 MARCO REFERENCIAL	29
3.1 DEFININDO A ADOLESCÊNCIA NUM CENÁRIO DE INDEFINIÇÕES	29
3.2 MODELOS EXPLICATIVOS PARA A VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE ADOLESCENTES	32
3.2.1 <i>Violência no namoro no contexto das relações de gênero</i>	33
3.2.2 <i>Algumas palavras sobre o amor</i>	35
3.2.3 <i>Do namoro ao ficar: Um pouco de História, um pouco de suas regras.</i>	39
3.3 PRODUÇÕES DE SENTIDOS NO COTIDIANO	43
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
4.1 TIPO DO ESTUDO	47
4.2 INTEGRAÇÃO COM A PESQUISA NACIONAL	48
4.3 LOCAL DE REALIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DOS SUJEITOS	48
4.4 TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO UTILIZADAS NESTE ESTUDO	51
4.4.1 <i>Sobre Grupos-Focais</i>	52
4.5 MARCO ANALÍTICO	55
4.6 ASPECTOS ÉTICOS	57
5 RESULTADOS	59

5.1 REPERTÓRIOS E NOMEAÇÕES SOBRE OS RELACIONAMENTOS DE NAMORO RELATADOS PELOS/AS ADOLESCENTES PARTICIPANTES DOS GRUPOS-FOCAIS	59
5.1.1 <i>Conhecer</i>	60
5.1.2 <i>Pegar</i>	60
5.1.3 <i>Ficar</i>	61
5.1.4 <i>Namoro</i>	65
5.1.5 <i>Noivado e casamento</i>	68
5.1.6 <i>Relações homossexuais, bissexuais e heterossexuais</i>	68
5.1.7 <i>Sobre o amor romântico</i>	69
5.2 SENTIDOS DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO	71
5.2.1 <i>A violência Física</i>	71
5.2.2 <i>A violência psicológica</i>	76
5.2.2 <i>A Violência sexual</i>	78
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERENCIAS	91
APENDICE A – DETALHAMENTO DOS GRUPOS-FOCAIS	102
ANEXOS	113
ANEXO – A: Parecer Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães.	114
ANEXO – B: Parecer Comitê de Ética da escola Nacional de Saúde Pública	115
ANEXO – C: CARTA DE ANUÊNCIA	116
ANEXO – D: Roteiro grupo-focal	117
ANEXO – E: Modelo dos termos de consentimento livre e esclarecido preenchidos pelos estudantes	118
ANEXO – F: Modelo dos termos de consentimento livre e esclarecido preenchidos pelos diretores da escolas participantes.	119

1 INTRODUÇÃO

1.1 VIOLÊNCIA NO NAMORO: SITUANDO TERMOS E AMBIVALÊNCIAS

Sexta-feira, dia 13 de outubro de 2008, os meios de comunicação do Brasil registram uma notícia que choca a nação, Eloá Cristina Pimentel de 18 anos foi brutalmente assassinada com um tiro na cabeça disparado pelo seu ex-namorado Lindenberg Alves de 22 anos.

Na ocasião Lindemberg também feriu Nayara Silva de 15 anos. Para todo o país, Eloá não era uma vítima anônima, já que há mais de 100 horas freqüentava o noticiário nacional, como o mais longo caso de cárcere privado do estado de São Paulo.

Com a conclusão do caso, vários elementos vieram a tona: Lindemberg era considerado por vizinhos e amigos como uma pessoa calma e mesmo com todo ciúme que demonstrava por Eloá, poucas pessoas acreditavam que ele seria capaz de dar tal desfecho na sua relação, também se destacou o fato dele ter liberado logo nas primeiras horas dois amigos de Eloá e Nayara que estavam estudando junto as adolescentes. Segundo o jornal o Globo em matéria publicada no dia 17 de outubro detalhando o caso:

Lindemberg, conhecido como liso, se apaixonou pela morena Eloá. Namoraram por dois anos e sete meses. Brigaram muito. Mais de 10 vezes o relacionamento chegou a ser interrompido. Em alguns momentos, segundo ele, com violência. "Já terminei o namoro com ela e ela colocou uma faca no pescoço e falou que não viveria sem mim", contou Lindemberg. [...] Mas foi ela quem, em agosto, decidiu: não tinha mais volta. Ele ligava sempre, ela não atendia. Nos últimos dias, Lindemberg parecia perturbado com o fim do namoro (SEQUESTRO..., 2008).

Exemplos como o de Eloá e Lindemberg ilustram a importância de pesquisas voltadas para o tema da violência no namoro e de uma maior atenção da sociedade para o fato. Como será discutido durante o texto, vários mitos sobre e preconceitos

sobre gênero, amor romântico, sexualidade e adolescência contribuem para que o tema da violência no namoro ainda seja pouco percebido e debatido por instituições como a escola, o serviço de saúde ou mesmo pela família.

Dentro deste cenário, o primeiro passo para se desenvolver alguma ação ou programa de prevenção a violência no namoro é, promover um conhecimento detalhado sobre o problema em questão, o que só pode ser feito com pesquisas exaustivas sobre a violência no namoro vivida por jovens e adolescentes.

Para compreender o fenômeno, é fundamental a realização de pesquisas de base quantitativa para dimensionarmos a magnitude deste tipo de violência, bem como investigações qualitativas focadas nos sentidos que essa violência assume no contexto das relações afetivas entre adolescentes brasileiros.

No Brasil, a violência no namoro, mesmo presente em várias publicações nacionais e internacionais, ainda se configura como uma categoria ambígua e com uma definição quase tautológica, sendo bem comum que encontremos definições como “a violência física, sexual ou psicológica em relações de namoro” (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2006).

Pela falta de uma definição operacional de violência no namoro, tentaremos fazer um exercício, situando este termo nas discussões já existentes sobre tipologia e classificações das violências.

Para facilitar este exercício, desmembramos o termo em suas partes (namoro e violência) procurando sentidos que auxiliem a nossa compreensão. Iniciamos com o termo *namoro*, não que o mesmo esteja isento de polissemias e controvérsias, mas nos contentaremos, no momento, com uma definição mais direta¹ e por hora, aceitaremos que namoro é:

Uma relação diádica que envolve encontro para uma interação social, em atividades conjuntas e com intenção implícita ou explícita para continuar o relacionamento, até o momento que uma ou outra parte decida rompê-la, ou que um relacionamento mais próximo seja estabelecido, tal como: morar juntos, noivado ou casamento (ALDRIGHI, 2004).

¹ No capítulo 3 da dissertação realizaremos uma discussão mais ampla sobre namoro, amor romântico e suas implicações com a violência.

Conforme essa definição, aqui adotada, o que caracteriza as relações de namoro no estudo é o caráter informal (não existe estatuto legal que defina o namoro em termos jurídicos) e diádico (as duas pessoas envolvidas precisam reconhecer mutuamente a existência do relacionamento).

No que se refere a violência, nesse estudo, trabalharemos com a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS) em seu Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002), que define violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Adotamos essa definição por ela posicionar a violência como uma ação intencional e dessa forma distinta dos episódios acidentais, e por trazer (mesmo que de forma discreta) a violência como o uso do Poder, o que ao nosso ver a caracteriza como uma ação nitidamente humana e distinta de atos de agressividade instintivos e biologicamente determinados.

No contexto da violência no namoro é importante ressaltarmos o caráter de intencionalidade da violência e seu aspecto de subjugação da outra pessoa. No estudo de Perry e Fromuth realizado nos Estados Unidos, sobre comportamentos violentos entre casais de estudantes universitários, muitos comportamentos identificados como atos de violência de garotas contra seus namorados, eram muitas vezes percebidos e contextualizados como comuns ao universo do lúdico da relação (PERRY; FROMUTH, 2005).

Devido a sua complexidade, a Organização Mundial da Saúde (2002) propôs uma classificação em que a violência passa a ser dividida a partir de critérios que podem variar quanto a sua natureza, ao tipo de agressão e relacionamento entre a vítima e autor da violência (ver figura 1).

No sentido de padronizar e estabelece comparação com outras publicações, os termos aqui utilizados seguem a classificação da própria OMS, que qualifica a violência em três grandes categorias: **violência contra si mesmo**; **violência interpessoal** e **violência coletiva**. Essas categorias se subdividem em tipos de

violência mais específicos. A violência auto-infligida inclui o comportamento suicida e autodestrutivo. A violência interpessoal inclui a violência familiar, a violência íntima (parceiros íntimos, não necessariamente no lar) e a violência comunitária. A violência coletiva inclui inúmeros conflitos de ordem política, econômica e social. Essa tipologia abarca a natureza dos atos violentos, tais como a física, a psicológica, a sexual, e a privação ou a negligência. Segundo essa classificação a violência entre namorados se enquadra como uma violência do tipo interpessoal e entre parceiros íntimos.

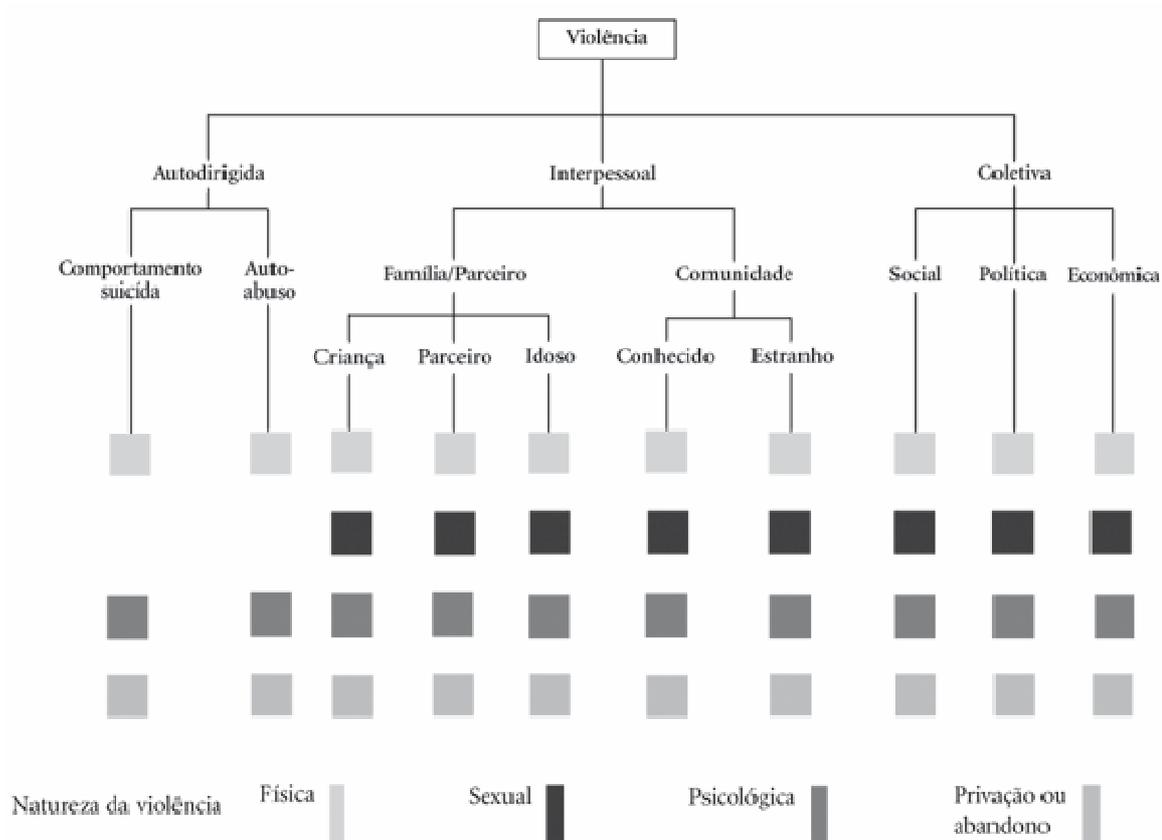


Figura 1 – Quadro de tipologia da Violência da Organização Mundial de Saúde

Fonte: Informe Mundial Sobre Violência e Saúde (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE 2002).

Ao estudarmos o fenômeno da violência entre parceiros/casais de namorados rapidamente nos deparamos com duas categorias de violência que precisam ser citadas e discutidas e sobre as quais o estudo também deve se situar, os termos são

“violência contra a mulher” e “violência de gênero”, termos que inclusive aparecem de forma bem mais freqüente em publicações científicas e se constituem com descritores próprios nas ferramentas de busca bibliográficas.

A violência contra a mulher é definida na declaração da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (1994), como qualquer ato de violência, baseada em gênero, que resulta em morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, incluindo ameaças deste tipo de violência, coerção ou privação de liberdade, tanto no âmbito público como no campo da intimidade.

Em diferentes países da América Latina, estudos apontam um número significativo de mulheres que afirmam ter sido vítimas de violência física exercida por seu parceiro. Em alguns países, o percentual de mulheres que afirmou ter sido agredida fisicamente por um homem chegou a 50%, enquanto que o menor percentual foi de 20% (HEISE, 1994). Mais da metade de todas as mulheres assassinadas no Brasil foram mortas por seus parceiros íntimos (HEISE, 1994). De acordo com pesquisa da Fundação Perseu Abramo (2001), a cada 15 segundos uma mulher é agredida no Brasil e mais de 2 milhões de mulheres são espancadas a cada ano por maridos ou namorados, atuais e antigos.

Apesar de alguns atos de violência contra a mulher serem cometidos pelos namorados, não podemos dizer que a totalidade dos atos de violência no namoro esta restrita a díade homem-autor e mulher-vítima, ou mesmo que todos os atos de violência no namoro aconteçam em relações heterossexuais. Esta observação inclusive é destacada na recente Lei 11.340/2006², conhecida como Lei Maria da Penha, que visa coibir a violência doméstica e familiar contra as mulheres, admitindo a parceria íntima entre duas mulheres e que em situações de violência, a ofendida pode se valer dos mesmos direitos a proteção e salvaguarda por parte do Estado do que aquela vitimada por um parceiro masculino (BRASIL, 2006). Desta forma, *violência contra a mulher* é um termo que dialoga intimamente com a violência no namoro, mas não dá conta de todas as situações que o presente estudo se propõe a investigar.

² Lei no. 11.340 (Lei Maria da Penha). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal. Diário Oficial da União, 8 ago. 2006;

Segundo autores como Basile (BASILE, 2006), a socialização³ para a violência nas relações de namoro deve ter um status especial nos estudos sobre violência de gênero. Para estes autores, a violência no namoro entre adolescentes pode se configurar como um elemento “preditivo” de futuros episódios de violência contra a parceira na vida adulta e ações de prevenção e intervenção voltadas nessa fase podem trazer impactos positivos para o decréscimo da prevalência de violência nas relações entre parceiros íntimos adultos.

A prevenção de futuros episódios de violência intrafamiliar na vida adulta passa pela intervenção na fase infanto-juvenil, porém, a adolescência não pode ser encarada apenas como uma fase de transição para a vida adulta. Os adolescentes são sujeitos de direitos, cujo sofrimento se dá em tempo presente e que necessitam de políticas públicas que atentem para suas especificidades (ABRAMO, 1997).

Antes de apresentarmos o conceito de violência de gênero, seria importante uma rápida revisão do próprio conceito de gênero, para tanto, empregaremos a seguinte definição:

Quem aborda gênero como objeto de estudo entende que o conceito se refere às relações de poder na construção de diferenças e igualdades entre homens e mulheres, diferença essa que remete a dispositivos que conferem significações culturais e sociais a atributos identificados como masculinos e femininos nas mais diversas esferas de ação (SCOTT, R.P. et al., 2005).

Então quando focamos a violência de gênero, estamos olhando para os processos de socialização de homens e de mulheres. Nos homens, por exemplo, esses processos de socialização estariam relacionados com a repressão de algumas emoções como medo, tristeza e insegurança, mas que permite a violência se expresse em formas muitas vezes socialmente aceitas no que vêem a se constituir como marcas e provas de uma masculinidade hegemônica.

Neste processo de socialização vivenciado por muitos meninos, existe pouco espaço para noções de autocuidado e cuidado com os outros, o que é muitas vezes substituído por uma postura destrutiva e autodestrutiva. Sendo frequente que os homens venham a configurar os infelizes campeões de mortes por causas violentas, tanto na figura de vítima como na de autor (MEDRADO; LYRA, 2003).

³ Dentro da perspectiva construcionista o processo de socialização se dá através de nossas práticas sociais e não de algo que apreendemos do mundo (SPINK; FREZZA, 2004).

De forma simétrica esses processos de socialização também operam nas mulheres onde é reservado os domínios da casa e do cuidado com os outros. Essa manutenção dos lugares de homens e mulheres é atualizada por componentes individuais, sociais e institucionais. Assim, a violência de gênero pode ser vista tanto no ato de agressão entre dois namorados motivados pelo ciúme, quanto pode ser encontrada no espancamento de gays, vistos como homens que se afastam dos modelos de uma masculinidade dominante (KIMMEL, 1997) ou mesmo na postura de um Estado em criminalizar a prática de aborto, num exemplo de violência institucional de gênero, que reserva ao Estado o domínio sobre o corpo das mulheres (BATISTA; MAIA, 2006).

1.2 SITUANDO A LITERATURA ESPECÍFICA SOBRE VIOLÊNCIA E NAMORO

A violência nas relações íntimas de jovens e adolescentes (namoro, ficar etc.) vem despertando interesse crescente da comunidade científica. Existem evidências de que prevalência de violência no namoro entre jovens seja maior que a observada em relações íntimas entre adultos, apesar de, geralmente, envolver episódios de menor gravidade⁴ (BARNETT; MILLER-PERRIN; PERRIN, 1997).

No plano internacional, pesquisadores como Hickman, Jaycox e Aronoff (2004) apontam um conjunto de limitações que dificultam a realização de estudos sobre o tema da violência no namoro. Segundo esses mesmos autores, isso se dá pela dificuldade de operacionalizar o conceito de violência no namoro (e até mesmo de namoro), a dificuldade de acesso a essa população, aspectos éticos e a inexistência de um fator legal e que diferentemente do contexto marital atrairia a população vitimada a serviços de proteção (juizados, vara de família, serviços de apoio formais), além da mensuração do evento através de escalas.

⁴ Mantivemos a expressão “violência de menor gravidade” para garantirmos uma citação completa dos autores. Apesar de reconhecermos o esforço dos autores em diferenciar as práticas de violência cometidas entre adolescentes das vivenciadas pelos adultos, discordamos da divisão da violência em gradações pela dificuldade de escalonar esse tipo de experiência.

Em pesquisas nas bases de dados Medline, Lilacs e PUBMED a partir dos descritores “dating violence” ou “courtship violence”⁵ compreendendo o período de 2001 a 2007 encontramos uma resposta inicial de 160 artigos. Alguns foram descartados por não tratarem diretamente do assunto ou por se apresentarem de forma incompleta, perfazendo um total de 106 artigos.

Numa análise preliminar quanto ao desenho dos estudos, observamos que dos 106 estudos, 79 eram da área da epidemiologia e referentes a desenhos de estudo clássicos da epidemiologia:

TIPO DE ESTUDO	QUANTIDADE
Estudos transversais	55
Estudos de casos-controle	5
Coortes	16
Estudos ecológicos	2
Ensaio clínico	1
TOTAL	79

Quadro 1 - Lista de artigos quanto ao desenho de estudo: estudos epidemiológicos

Fonte: BIREME – Biblioteca Virtual em Saúde – Descritores (acesso em 2007)

Além disso, observamos outros estudos em desenhos provenientes de outras disciplinas como a antropologia e a psicologia social.

TIPO DE ESTUDO	QUANTIDADE
Avaliação de programas e projetos de intervenção	5
Revisão de literatura específica	6
Análise psicométrica de escalas e instrumentos	1
Etnografia	1
Outros estudos qualitativos	14
TOTAL	27

Quadro 2 - Lista de artigos quanto ao desenho de estudo: estudos não-epidemiológicos

⁵ Ambas expressões foram traduzidas para a língua portuguesa como “violência no namoro”

Fonte: BIREME – Biblioteca Virtual em Saúde – Descritores (acesso em 2007)

Fica evidente que os estudos epidemiológicos se apresentam em maior número e em destaque os de tipos transversais, a maior parte deles se referem a prevalência da violência no namoro e a fatores de risco associados.

A grande maioria dos estudos são oriundos de países de língua inglesa, 82% dos artigos foram realizados por grupos de pesquisa norte americanos e os demais divididos entre Canadá (5 estudos), Reino Unido (3 estudos), Israel (1 estudo), Austrália (1 estudo), Hong-Kong e África do Sul (1 estudo cada). Além dos países de língua inglesa encontramos um trabalho realizado na Hungria, três no México e dois estudos multicêntricos (HINES; STRAUS, 2007⁶; STRAUS; RAMIREZ, 2007⁷).

Por considerarmos que o fato de estar presente nessas bases não significa que não exista produção em outros países, iniciamos assim, uma nova pesquisa em outros sites de busca acadêmica⁸ e encontramos dois trabalhos na Península Ibérica (1 em Portugal e 1 na Espanha).

No Brasil, os estudos sobre violência no namoro ainda é um tema a ser explorado, um campo ainda incipiente, contudo, encontramos um estudo de prevalência da violência no namoro entre estudantes universitários de São Paulo (ALDRIGHI, 2004) a partir de dados de uma pesquisa multicêntrica e um outro estudo que buscava a associação entre a violência no namoro à vulnerabilidade de infecção por HIV (TAQUETTE et al., 2003)

Quanto a população de estudo, 65% eram constituídos por homens e mulheres, 28% apenas com mulheres e 5,3% apenas com homens. Entre os estudos feitos exclusivamente com homens, 4 eram com homens jovens autores de violência. Mais da metade dos estudos foram realizados no contexto escolar (ensino médio ou universitário), mas também foram comuns os estudos realizados em amostra domiciliar, além de um estudo realizado com jovens militantes do

⁶ O estudo foi realizado nos seguintes países: China, Hong Kong, Índia, Cingapura, Coreia do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Bélgica, Inglaterra, Alemanha, Lituânia, Holanda, Portugal, Suécia, Suíça, Brasil, Israel e Estados Unidos.

⁷ Este estudo foi realizado nos Estados Unidos e México.

⁸ Google Acadêmico

movimento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) que foram entrevistados enquanto faziam parte de um ato público promovido pelo próprio movimento GLBT norte-americano.

1.2.2 Magnitude e diferenças na violência entre namorados

Os estudos sobre a prevalência de violência no namoro entre jovens (15 a 24 anos) apresentam diferença de magnitude em decorrência do local estudado, grupo étnico ou sexo dos sujeitos investigados.

No estudo de Howard et al. (2007) com jovens do sexo feminino, 10,3% relataram experiências de violência física no namoro, bem como, aproximadamente 9,0% dos meninos relataram ter sofrido o mesmo tipo de violência (HOWARD; WANG, 2003) encontraram um número próximo ao obtido em 2006 pelo Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos que foi de 8,9% nos estudantes, sendo 8,9% dos homens e 8,8% das mulheres que relataram o mesmo tipo de violência (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2006).

Os dados acima apresentados aproximam de outro estudo americano que entrevistou 15.214 estudantes de 158 escolas do ensino médio. Desses estudantes, 8,9% relataram experiências de violência no namoro, sendo 8,9% entre os meninos e 8,7% nas meninas (BASILE et al., 2006).

A maior parte desses estudos mensuraram o evento violência no namoro a partir de escalas de mensuração de violência no namoro, em que o pesquisador apresenta ao jovem uma série de situações solicitando que o mesmo destaque aquelas vivenciadas nas relações de namoro. Sobre essas escalas, autores como Foshee et al. (2007) questionam a falta de adequação das mesmas, afirmando que são descontextualizadas da cultura local e que haveria uma grande diferença entre as categorias de violência e o que os jovens realmente identificavam como sendo um ato ou situação violenta. Além disso, Foshee et al. (2007) apontavam que as

definições dos participantes das pesquisas sobre o que seria (ou não) violência no namoro variavam muito entre distintas culturas e entre homens e mulheres.

Em jovens nativos do Havaí a prevalência da violência física no namoro foi de 7,8% em ambos os sexos, sendo 7,6% no sexo masculino e 8,0% no sexo feminino. (RAMISETTY-MIKLER et al., 2006), ou seja, realidades bem semelhantes entre os sexos.

Raiford e colaboradores realizaram um estudo de coorte em que acompanharam jovens afro-americanas e mexicanas. Nos dois grupos foram observadas incidências de cerca de 28% no relato de violência física ou verbal por parte de seus namorados (RAIFORD et al., 2007). Esses elementos nos trazem a hipótese de que diferenças culturais, econômicas e sociais de determinados grupos sociais podem favorecer uma maior propensão a relatos de violência nas relações de namoro entre adolescentes.

Quanto à perpetração de violência no namoro por parte dos jovens as informações também são bem variadas, em estudo, realizado no final da década de 1990, com 324 rapazes e 309 moças das três últimas séries do ensino médio dos Estados Unidos, mostraram que 19% dos rapazes e 26% das meninas afirmaram ter usado duas ou mais formas de violência durante o namoro (SEARS et al., 2007).

Num estudo com 1544 jovens americanos e mexicanos de ambos os sexos, (STRAUS; RAMIREZ, 2007) chegou-se a uma amostra de 553 casais em que um ou ambos os parceiros eram violentos, sendo que em quase três quartos dos casos (71,2%), houve simetria entre os sexos⁹, no sentido em que ambos os parceiros estavam envolvidos neste tipo de comportamento. Quando apenas um dos parceiros era violento, este foi duas vezes mais provável de ser o parceiro do sexo feminino (19,0%) do que o parceiro do sexo masculino (9,8%)¹⁰ Evidências semelhantes também foram encontradas em estudos realizados com estudantes de Israel (SHIEFF; ZEIRA, 2005):

⁹ Expressão empregada por Strauss e Ramirez: a simetria entre os sexos nos casos de violência no namoro seria compreendida como uma equivalência (pelo menos numérica) entre os episódios de violência sofrida nas relações íntimas entre homens e mulheres. No nosso estudo utilizaremos a expressão “reciprocidade entre vitimização e perpetração”, por a considerarmos mais precisa.

¹⁰ Tradução nossa do trecho: Among the 553 couples where one or both of the partners were violent, in almost three quarters of the cases (71.2%) there was gender symmetry in the sense that both partners engaged in this type of behavior. When only one partner was violent, this was twice as likely to be the female partner (19.0%) as the male partner (9.8%).

A presença de simetria entre os sexos em diferentes contextos culturais (mexicano e americano), combinado com estudos que mostram que as mulheres são agredidas de forma mais freqüente e mais séria em episódios de violência no casal e estudos que mostram que as mulheres iniciam a violência no casal mais frequentemente do que os homens sugerem que as mulheres deveriam ser o foco principal em programas e políticas voltadas à prevenção primária de violência nos casais, para a prevenção da violência no casal e redução da vitimização de homens e mulheres (STRAUS; RAMIREZ, 2007, tradução nossa).

A pequena diferença nas prevalências de violência nas relações afetivo-sexuais entre meninos e meninas reflete a reciprocidade na vitimização e perpetração da violência no namoro entre adolescentes (SHIEFF; ZEIRA, 2005, tradução nossa).

A questão da reciprocidade entre vitimização e perpetração da violência entre adolescentes e a correspondência em estudos voltados para adultos motivou um estudo na Espanha em 1999; em que 1.146 estudantes de ambos os sexos deveriam relatar violência cometida ou sofrida em relações de namoro e se presenciaram violência marital cometida por pais e mães (MÉNDEZ; HERNÁNDEZ, 2001). A hipótese defendida por estas autoras é que tanto nos jovens como em seus pais a prevalência de violência cometida por homens seria significativamente maior do que nas mulheres. As mesmas autoras, ao analisarem a violência presenciada pelos jovens, observaram que 12% presenciaram pelo menos uma vez o pai agredindo fisicamente a mãe (por exemplo, empurrando) e somente 6% presenciaram suas mães agredindo fisicamente seus pais, esses números aumentavam em situações que não representavam agressão física direta como insultos (33.3% e 29.8%) e atirar objetos (23.2% e 14.2%). Os dados relativos aos pais contrastam com o dos filhos, já que nesse caso as taxas de autoria de violência no namoro foram muito próximas para ambos os sexos (7,5% nos homens e 7,1% nas mulheres) (MÉNDEZ; HERNÁNDEZ, 2001).

De modo semelhante, um estudo realizado em 2003, em Portugal, procurou caracterizar a prevalência deste fenômeno, bem como os valores culturais que o legitimam. Concluiu-se que uma percentagem significativa de estudantes adotava condutas violentas no contexto das suas relações íntimas: 15,5% referiram ter sido vítima de pelo menos um ato abusivo durante o último ano e 21,7% admitiram já ter adotado este tipo de conduta em relação aos seus parceiros (MACHADO; MATOS; MOREIRA, 2003).

O que se observa neste estudo realizado em Portugal, é que as formas de violência mais frequentemente cometidas pelos/as adolescentes foram: insultar, difamar, gritar, quebrar objetos ou dar bofetadas. Também foram relatadas, mesmo que em menor número, formas mais “severas”¹¹ de violência (apertar o pescoço, relações sexuais não consentidas, murros, pontapés e ameaçar com armas). Quanto às diferenças entre os sexos, os resultados não indicaram distinções significativas, embora no que diz respeito a perpetração de pequenos atos de violência as mulheres admitissem uma maior taxa de agressão. As estudantes admitiram, em particular, praticar mais comportamentos específicos tais como “dar uma bofetada” e “insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir”, do que os seus parceiros de sexo masculino (MACHADO; MATOS; MOREIRA, 2003).

A quantidade de estudos nacionais e internacionais que apontam para agressões mútuas entre meninas e meninos no contexto das relações de namoro, chama muita atenção já que nos estudos voltados para a violência de gênero na mulher adulta existe a alegação recorrente de que o homem é o perpetrador e a mulher a vítima. Sobre este tema, Machado; Matos; Moreira (2003), após apresentarem vários estudos que comprovam ou rechaçam a idéia de reciprocidade entre vitimização e perpetração, as autoras explicam esta reciprocidade através de quatro hipóteses ou argumentações abaixo:

1. A primeira idéia é que não haveria diferenças quantitativas entre homens e mulheres no que concerne a perpetração de violência no contexto das relações afetivas, mas que as mulheres experienciam níveis mais “elevados” de violência e teriam reações emocionais mais severas que as observadas nos homens, o que do ponto de vista clínico implicaria seqüelas mais graves nas mulheres (MACHADO; MATOS; MOREIRA, 2003).
2. O segundo grupo, trabalhando a partir da abordagem feminista, contestaria os instrumentos usados para investigar a prevalência da violência nas relações amorosas (normalmente variações de escalas de conflitos), segundo estas/es autoras/es, tais medidas permitiriam apenas mensurar a frequência dos atos violentos, mas não forneceria nenhuma informação de origem

¹¹ Mantivemos o termo “formas severas de violência” para garantir a correta citação da autora, apesar de não concordarmos com o mesmo, pois consideramos difícil escalonar a experiência da violência em escalas de gravidade e severidade, principalmente quando esta violência acontece na esfera da intimidade.

etiológica, o que esconderia vários atos de violência perpetrados por mulheres em situação de autodefesa (MACHADO; MATOS; MOREIRA, 2003).

3. Uma terceira possibilidade aponta que esta discrepância entre dados se dá em razão de opções metodológicas nos estudos, o que variaria é a forma como a violência é conceitualizada e mensurada.

4. Por último, teríamos estudos focados na questão da conjugalidade, ou seja, transformações estruturais na vida do casal (dependência econômica, maior controle, nascimento dos filhos) transformassem as relações de poder de uma forma mais drástica, desequilibrando idéias mais igualitárias presentes na população juvenil e adolescente e criando um terreno fecundo para uma maior vitimização da mulher (MACHADO; MATOS ; MOREIRA, 2003).

Como já foi citado anteriormente, a existência de poucos estudos nacionais que abordem a prevalência de violência nas relações de namoro no Brasil, o que torna difícil elaborar uma imagem sobre a questão da simetria por sexo entre perpetração e vitimização. Destacamos, contudo um estudo brasileiro que trabalhou com estudantes universitários do estado de São Paulo (ALDRIGHI, 2004). A partir de uma amostra de 455 estudantes (35% de homens e 65% de mulheres), 21% relataram pelo menos um episódio de agressão por parte do namorado ou da namorada no último ano. O estudo demonstrou uma equivalência entre agressões praticadas somente pelo homem (13,2%) e somente pela mulher (14,5%). Porém, 72,4% dos casos, os respondentes apresentaram episódios de agressão mútua.

Um outro dado que chama a atenção na revisão da literatura, é quase a totalidade de estudos referentes a amostras de jovens heterossexuais. Em alguns casos (FROMUTH, 2005; MAHLSTEDT; RICKERT et al., 2002; SWART et al., 2002; SEARS et al., 2004,) isto é explicitado no detalhamento da metodologia, nos demais estudos fica evidente a heterossexualidade presumida em todos os relacionamentos de namoro entre jovens e adolescentes e a rara referência a outras possibilidades de relacionamento sexual e amoroso entre os mesmos.

Uma exceção foi o estudo de Naomi Freedener e colaboradores (FREEDENER et al., 2002) realizado nos Estados Unidos no ano de 2001, focando a

violência no namoro entre adolescentes gays, lésbicas e bissexuais e comparando-os com os dados obtidos entre adolescentes heterossexuais. O estudo foi realizado com uma amostra total de 521 adolescentes (13 a 22 anos), sendo 171 homens e 350 mulheres. Segundo os autores 41,5% dos homens e 37,1% das mulheres que participaram da entrevista responderam de forma afirmativa a pelo menos uma das cinco perguntas do inquérito que eram exemplos de violência no namoro, resultado que não foi considerado significativo para uma diferença entre sexos, o que estava próximo de outros estudos focando esse tema. Quando foi feita uma comparação entre orientação sexual e relato de violência no namoro, homens bissexuais tinham 3,6 a 5,4 vezes mais probabilidade de reportarem uma experiência de violência no namoro do que se comparados a homens jovens heterossexuais e gays respectivamente. Também entre as mulheres, 27,3% das bissexuais relataram experiência de violência, número também maior (19,3%) ao das lésbicas que relataram esse tipo de experiência. Um dado interessante produzido nesse estudo é que 25% dos homens jovens e 30% das mulheres jovens que sofreram violência no namoro não relataram o fato para ninguém. Esse mesmo estudo também foca a figura do autor dessa violência e destaca que foi comum gays e lésbicas descreverem situações de violência cometidas por parceiros de sexo oposto (6,9% dos homens e 42,9% das mulheres) o que recobra a diferença entre identidade sexual e a variedade de possibilidades de práticas (FREDNER et al., 2002).

Sobre estes debates, é importante ressaltar que devido à natureza do nosso estudo não poderemos contribuir sobre as informações de prevalência de perpetração e vitimização entre homens e mulheres, muito menos identificar a etiologia das agressões que foram cometidas. O mesmo pode ser afirmado, quando se foca a relação entre violência no namoro e diferentes orientações sexuais. A nossa contribuição neste debate é na explicitação de sentidos que adolescentes de ambos os sexos possuem sobre temas como relacionamento, amor, conflitos e violência. Esta explicitação não deve ser entendida como uma “verdade imutável” sobre a questão da violência entre namorados, mas versões, específicas, negociadas e consideradas como relevantes para as pessoas com quem dialogamos através dos grupos-focais.

1.3 PERGUNTA CONDUTORA DO ESTUDO

Quais os sentidos que adolescentes de ambos os sexos, construíram sobre temas como relacionamento, amor, conflitos e violência?

1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

Este estudo justifica-se por:

- a. A escassez de estudos no país e em nossa região;
- b. A relevância da violência social da cidade do Recife em que se destaca a magnitude elevada da violência contra as mulheres;
- c. A necessidade de compreender como se dá a construção das relações de gênero nas situações de namoro no contexto sócio-cultural da cidade do Recife;

Portanto, esse estudo cobre uma lacuna de conhecimento, além de se propor a dar subsídios para uma atuação preventiva sobre o problema estudado.

2 OBJETIVOS DO ESTUDO

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os sentidos atribuídos a violência nas relações de namoro entre adolescentes de ambos os sexos, estudantes do ensino médio da rede pública e privada da cidade do Recife, no ano de 2008.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. Analisar as definições e sentidos atribuídos à violência nas relações de namoro entre adolescentes;
- b. Analisar as possibilidades de construções de relacionamentos amorosos entre os/as adolescentes.

3 MARCO REFERENCIAL

3.1 DEFININDO A ADOLESCÊNCIA NUM CENÁRIO DE INDEFINIÇÕES

Segundo a Organização Mundial de Saúde (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 1995), adolescentes seriam as pessoas com idades entre 15 e 19 anos, fase essa que seria definida como “um processo fundamentalmente biológico, de vivências orgânicas, no qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade”.

Enquanto a faixa compreendida entre 10 e 14 anos seriam compreendidas como pré-adolescentes, os adolescentes propriamente ditos se configurariam na faixa dos 15 aos 19 anos anteriormente citadas. Para efeitos de comparabilidade com outros estudos, trabalharemos com o critério cronológico para adolescência proposto pela OMS.

O reconhecimento dos adolescentes como sujeitos de direitos é assegurado pela Constituição Federal em seu artigo 227, que traz como premissa central a doutrina da proteção integral, a qual consagra a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, em perfeita integração com o princípio fundamental da Dignidade da Pessoa Humana:

Art. 227, CF: É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Neste cerne, a fim de conferir maior efetividade à norma constitucional supracitada, concebeu-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº. 8.069/90),

Para garantir uma maior efetividade a norma constitucional, foi promulgada em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990a). O Estatuto surge fundamentado em dois preceitos básicos: o primeiro que reconhece a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, e o segundo, que confirma a sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. O Estatuto define como adolescente as pessoas com idades compreendidas entre 12 a 18 anos. Contudo, no âmbito jurídico internacional, não existe consenso sobre o que é ser adolescente, apesar da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança definir, de forma genérica, criança como todo indivíduo de idade menor que 18 anos (VENTURA; CORREA, 2006).

A falta de um consenso sobre o termo, não é por acaso, o termo adolescência ganha força no século XX, fortemente marcado por aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais.

O conceito de adolescência é um construto historicamente datado e, na civilização ocidental moderna, corresponde a um período de passagem da infância para a idade adulta que foi sendo elástico com o desenvolvimento da urbanização e com o aprofundamento das relações econômicas de mercado (ADORNO et al., 2005; MEDRADO-DANTAS, 2002).

A idéia da construção social da adolescência é defendida também por Calligaris (2000), que assinala que até a década de 1950, a adolescência deixa de ser simplesmente uma faixa etária e ganha ares de um grupo social específico, ainda segundo Calligaris este grupo despertaria sentimentos ambíguos nos adultos. A adolescência passa a ser vista como uma fase de alegria, de plenitude em que as pessoas desejavam se aproximar através de ícones culturais como a música e moda:

A imagem da adolescência feliz nos propõe um espelho para contemplar a satisfação de nossos ávidos desejos, como se por algum milagre pudéssemos deixar de lado os deveres e as obrigações básicas que nos constroem (CALLIGARIS, p. 68).

A adolescência também se configura como uma fase que incomoda os adultos, relacionada a comportamentos agressivos, ao abuso de drogas e a prática sexual, considerada por muitos adultos como precoce, o que alguns autores alertam

é que a adolescência passa a ser considerada como a fase dos riscos, inclusive para a violência, cabendo aos adultos o papel de vigiar e controlar os passos dos adolescentes:

Em nossa sociedade, circulam idéias sobre adolescência e juventude que se associam à noção de crise, desordem, irresponsabilidade, um problema social a ser resolvido, que merece atenção pública. O enfoque de risco, em particular, aparece fortemente associado a esses repertórios, por meio de expressões como: gravidez de risco de contrair o HIV, risco de uso de drogas ilícitas, risco de vida frente à violência. O risco generalizado parece, assim, definir e circunscrever negativamente esse período da vida, gerando expressões e ações absurdas conduzidas por uma postura de quase prevenção da adolescência (MEDRADO; LYRA, 1999).

Apoiado por historiadores e antropólogos, Lyra et al. (2002) questiona a visão da adolescência como uma fase inerente ao desenvolvimento humano, sem negar a existência de um período entre a infância e a adultez, este deve ser desprendido do orgânico e do meramente cronológico, numa visão mais ampliada e pautada na experiência vivida pelo sujeito, em que se agregam valores étnicos/raciais, de gênero e de classe, ou seja, pessoas com idades variadas poderiam viver dilemas e questões próprias da adolescência sem que sejam enquadradas na faixa etária associada a este grupo. Assim, faz-se necessário à compreensão das adolescências, situando-a em seu tempo, em sua cultura.

Então, além de impreciso, o conceito de adolescência está marcado por uma tradição medicalista, psicologizante e controlista. Além disso, o enquadramento etário dificultaria a identificação de pessoas com necessidades semelhantes de acesso a direitos, de exposição à violência ou de morbidades específicas e que estariam de fora deste grupo.

Apesar da imprecisão do termo, este estudo trabalhará com o conceito de adolescência por duas razões principais:

1. Numa sociedade fortemente hierarquizada e com divisões desiguais de poder, a incapacidade legal de crianças e adolescentes traz um elemento de subalternidade e desigualdade deles e delas em relação aos adultos (ROSEMBERG, 1993);
2. A adoção de um critério cronológico vem se constituindo como um meio eficiente de orientação de políticas públicas específicas para

setores da sociedade que necessitam de atenção especial (MEDRADO, 2002).

Contudo, pelas razões de imprecisão e das variações culturais acima apresentadas não descartamos da revisão de literatura artigos que se refere também aos/as jovens, por acreditarmos que estes artigos e textos tragam contribuições importantes sobre o tema do estudo.

Os pressupostos da adolescência como experiência de vida, dos adolescentes como sujeitos de direitos e da adolescência como uma possibilidade de foco para políticas públicas servirá como guia para abordarmos a questão da violência entre namorados adolescentes e as possibilidades de formulação e implantação de políticas voltadas a esse tipo de violência.

3.2 MODELOS EXPLICATIVOS PARA A VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE ADOLESCENTES

Como em todo fenômeno socialmente relevante, poderíamos apresentar alguns modelos explicativos para a violência nas relações afetivas entre adolescentes. A apresentação de um rol de modelos seria desnecessária e estenderia demais o texto, confundindo o/a leitor/a sobre qual é o posicionamento deste trabalho em relação ao tema. Trabalharemos de forma mais explícita com as teorias de gênero, pensando a violência não como algo que se encerra no indivíduo que cometeu ou sofreu uma agressão, mas a violência surgiria como uma prática complexa que envolve a socialização de homens e mulheres e que é atualizada através de práticas e instituições.

Também dedicaremos algum tempo focando o amor e os relacionamentos amorosos mais comumente relatados pelos/as adolescentes como o namoro e o ficar. A idéia é explicitar a influência que o amor romântico ou outras formas de amor exerce sobre elementos como o ciúme, a traição, o controle e sobre as regras de relacionamentos entre os/as adolescentes.

3.2.1 Violência no namoro no contexto das relações de gênero

O conceito de gênero opera, dentro do contexto das ciências sociais, uma desconstrução das categorias sexo/feminino e sexo/masculino, destacando a naturalização de aspectos sociais fundidos com os aspectos biológicos destas duas categorias. É um conceito que surge para combater explicações biologicistas (sexo e diferença sexual). Os primeiros estudos tentavam demonstrar que anatomia não era destino e que os corpos masculinos e femininos não eram os únicos determinantes para a condição social de homens e de mulheres, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, J., 1995).

É um conceito fundamental para a compreensão da complexidade da vida social, enriquecendo a compreensão de categorias clássicas como idade, status e classe social (NASCIMENTO, 1999). Segundo a historiadora Joan Scott (1995), o gênero se constituiu como uma categoria analítica importante para a compreensão da desigualdade entre homens e mulheres, entre o masculino e o feminino em determinada sociedade, cultura ou período histórico, permitindo uma compreensão de determinadas relações sociais, dentre elas, a violência.

É também um conceito político, ao retirar as diferenças do que é masculino e feminino do campo biológico e trazer as desigualdades entre homens e mulheres para a arena das construções sociais e históricas. O conceito de gênero se associa as conquistas feministas para afirmar que o “privado é político” e que as relações de gênero estruturam as diferenças de poder entre homens e mulheres.

Quando utilizamos o conceito de gênero para compreender o fenômeno da violência entre namorados adolescentes é fundamental recuperar algumas reflexões sobre a sexualidade como impulso instintivo mediado por instintos ancestrais ou por variações hormonais. Por ser dificilmente controlável a sexualidade masculina seria dominante, violenta e controladora, o que naturalizaria certas expressões da violência dos homens contra as mulheres (GIFFIN, 1994).

As explicações que apontam à violência no namoro como causada por atitudes de manutenção dos papéis e estereótipos de gênero, encontra respaldo em estudos feministas:

Para a perspectiva feminista, a violência trata de algo estrutural e que o objetivo da violência contra as mulheres é manter o poder e o controle das mesmas, em geral e, mais concretamente, sobre sua sexualidade, predizendo que tal violência diminuirá na medida em que a mulher envelhece e diminui sua capacidade reprodutiva (PETERS; SHACKELFORD; BUS, 2002, tradução nossa).

Em pesquisa realizada em Recife sobre aspectos de masculinidades, a partir do relato de 170 recrutas do exército. Aparece na questão “Há momentos em que mulher merece apanhar?” 25% responderam que “sim”; 18% disseram que “depende”. Além disso, 18% afirmaram que “já usou agressão física contra uma mulher”. De forma, que o machismo criaria e legitimaria situações em que as mulheres “mereceriam” a violência que sofrem (MEDRADO; MELLO, 2008).

Outra vertente, dentro das teorias de gênero, aborda que uma visão extremamente romântica também pode se associar às razões da violência no namoro:

A crença de que o amor pode tudo, leva algumas jovens a considerar que os seus esforços conseguiriam aplacar qualquer inconveniente que surja na relação. O desprezo, e inclusive as agressões podem ser interpretados como um obstáculo a vencer. Desta forma, o romantismo facilitaria a manutenção de relações potencialmente destrutivas (MENDÉZ; HERNÁNDEZ, 2001).

Também surge uma confusão entre ciúme e amor, o que contribui para que a violência se “naturalize” no contexto de muitas relações. Estudo realizado com universitárias americanas relata que 75% das mulheres que haviam sido vitimizadas nas suas relações de namoro, continuavam nas relações, de forma muito semelhante ao que ocorrem em relações maritais (MATOS; MACHADO; CARIDADE 2006).

Os elementos comuns entre as teorias de gênero e aqueles que abordam o amor romântico é que a violência no namoro está relacionada com processos de socialização. As pessoas não nascem com genes que determinarão que elas se

tornem autoras ou vítimas de situações de violência no namoro. A violência no namoro passa por processos de aprendizagem social e de uma série de mediadores sociais, políticos e culturais que reafirma o lugar da violência nas relações como estratégia de resolução de conflitos e manutenção de relações de poder.

3.2.2 Algumas palavras sobre o amor

Abordar os processos atuais de namoro entre adolescentes e jovens brasileiros, quase nos obriga a trazer a tona elementos do que se constitui modernamente por amor romântico. Longe de fazer um levantamento exaustivo sobre os teóricos que se debruçaram sobre o tema do amor, de uma forma geral, dialogaremos com autores que pesquisam o amor romântico ao longo dos séculos, bem como aqueles que se debruçaram sobre os chamados “amores modernos” e “amores contemporâneos”.

Acreditamos que vertentes culturais e históricas dialoguem no cotidiano numa polissemia de sentidos referentes ao amor, ao que se espera dos relacionamentos, numa constante reinvenção do amar. Antigas e modernas formas de amar, se confundem nas práticas discursivas cotidianas e reverberarão por último, na emergência ou não de episódios de violência dentro da relação afetiva, objeto principal deste trabalho, o que encontra ressonância com o trecho de Maria Luiza HÉlborn, ao concluir sobre as várias tendências de pensamento sobre o desenvolvimento do amor na civilização ocidental:

Observa-se que há, portanto, um quadro de linhas variadas que confluem para a construção da pessoa moderna. Essas vertentes dizem respeito à distância entre os corpos, à organização dos espaços, à produção da intimidade e da sensação de singularidade radical, assim como a forma de conceber e exprimir o sentimento de amor (HELBORN, 2004, p. 67).

Segundo Costa (1998), existiriam duas visões antagônicas sobre o amor. A primeira, chamada de *visão idealista do amor*, pregaria que não teríamos controle

algum sobre a escolha dos objetos de amor, que o amor aconteceria de forma aleatória, é essa visão que sustenta o amor romântico.

O amor romântico, tido como motivador do casamento contemporâneo ou como modo peculiar de expressão de sentimentos da pessoa moderna. Segundo Costa (1998, p. 13), o amor romântico se sustentaria em três idéias principais:

1. **Caráter universal do amor** - O amor é um sentimento universal, natural e presente em todas as épocas e culturas;
2. **Amor como algo, por definição, incontrolável** – O amor é um sentimento surdo a “voz da razão” e incontrolável pela força da vontade.
3. **Amor como única possibilidade de realização e felicidade** – O amor é a condição *sine qua non* da felicidade a que podemos aspirar.

O processo moderno de construção do amor romântico passa pela valorização deste sentimento, “aprender a valorizar o amor como um bem desejável é, ao mesmo tempo, não duvidar de sua universalidade de naturalidade” (COSTA, 1998, p.13). Mas como ficariam os grandes relatos de amores que permearam a antiguidade e a idade média, personificados nas figuras de Tristão e Isolda, de Romeu e Julieta e Marco Antonio e Cleópatra, de Guinevere e Lancelot, de Helena por Páris, enfim como duvidar de um sentimento que moveu personagens históricos e fictícios pelos braços do amor? Um amor tão intenso que frente à possibilidade de ser proibido, inibido ou desmoralizado, lançava os amantes para a amargura, a tragédia e a morte.

Costa defende que é a nossa leitura moderna que vê nestes amores históricos ou lendários o mesmo amor que vivemos na atualidade e o tomarmos como exemplos de que o amor é algo grandioso, mágico e que atravessa os tempos como um sentimento a ser buscado, alcançado por alguns poucos e negado para uma grande maioria que vaga, de parceiro em parceiro, a procurá-lo numa busca que como nos personagens lendários só termina com a satisfação plena do amor realizado ou com a frustração daqueles que não alcançam este amor idealizado.

Esta idealização pode ser comprovada num manuscrito do século XII, intitulado **Código do Amor**, reproduzido por Costa (1998, p. 47 – 48):

1. A alegação de casamento não é uma desculpa válida contra o amor.
2. Quem não é ciumento não sabe amar.

3. Ninguém pode dar-se a dois amores. [...]
 8. Ninguém que não tenha um motivo razoável pode ser privado do direito do amor.[...]
 13. O amor divulgado raramente dura.[...]
 15. Toda pessoa que ama empalidece diante do amado.
 16. Diante da visão imprevista de quem amamos, trememos.[...]
 21. Pelo verdadeiro ciúme, afeição de amor sempre cresce.
 22. Da suspeita e do ciúme que deriva dela, o amor sempre cresce.
 23. Quem está tomado por pensamentos de amor come e dorme menos.[...]
 25. O amor verdadeiro só encontra o bem naquilo que pode agradar o amado.
 26. O amor nada pode recusar ao amor.
 27. O amante só pode saciar-se com o gozo do amado. [...]
 29. O Hábito excessivo dos prazeres impede o nascimento do amor.
 30. Uma pessoa que ama é ocupada pela imagem do amado assiduamente e sem interrupção.
 31. Nada impede que uma mulher seja amada por dois homens e um homem seja amado por duas mulheres.
- [...]

A segunda forma, de encarar o amor, seria definida como a **visão realista do amor**, ocupada em descrever como se dá o amor, autores como Giddens (1993), criticam o amor romântico na sua idealização cega e afirmam que a escolha do objeto de amor se dá por razões bem pragmáticas, geralmente levando em consideração aspectos sociais, étnicos e religiosos.

A passagem do amor romântico para o amor moderno, estaria ancorada nos valores da modernidade. Na expansão dos canais de comunicação e num forte sentimento de individualidade, segundo o pensamento de Simmel (1993), o objetivo real do amor é a reciprocidade, reciprocidade entendida no fato do amor ser correspondido.

A cultura amadureceu, processaram-se mudanças em duas direções. O círculo possível de parceiros para o casamento foi largamente expandido pela mistura de grupos de status, pela eliminação de barreiras religiosas, pelo declínio da autoridade parental, pela liberdade de movimento tanto no sentido geográfico quanto no sentido social. Por tudo isso a seleção individual tornou-se ainda mais rigorosa, um fato e um direito de total inclinação pessoal (SIMMEL, 1993).

A nova compreensão de tempo e espaço própria da contemporaneidade, associada à derrubada das fronteiras sociais e geográficas assinalada por Simmel,

promove relações mais breves, fluidas e instáveis. Segundo Giddens (1993), o amor romântico fincado na promessa de amor eterno, na indissolubilidade do casamento, na dedicação total ao parceiro e na predisposição ao sacrifício em nome do sentimento ou da pessoa amada se tornou completamente extemporâneo. Em seu lugar, surge uma forma de relacionamento e amor mais plástica, onde o afeto e o relacionamento se dariam através de mecanismos de negociações entre os amantes, dentro de uma relação mais horizontalizada e inspirada em valores de igualdade entre os pares. Esse amor, chamado de confluyente, em oposição ao amor romântico, duraria enquanto durasse a co-satisfação entre os parceiros.

Essa fluidez presente em Giddens (1991) e geradora de relações mais horizontais ganha outros ares na obra de Bauman (1998), que destaca que os amantes modernos se encontram em uma encruzilhada de um lado ainda permanece o ideário romântico: é necessário viver uma relação amorosa para ser feliz, por outro lado existem as incertezas sobre a qualidade desta escolha, a possibilidade de sofrer intrínseca ao amor romântico, chega agora como impossibilidade de entrega, o amor torna-se líquido (na expressão do próprio autor). Num mundo que não favorece a aproximação, as relações seriam abreviadas ou visto de outra forma renovadas continuamente.

O amor romântico também estaria ancorado em outros elementos e comporiam o “relacionamento ideal”, segundo Helborn, o ideário do amor romântico estaria ligado as componentes heterossexistas e machistas presentes em muitos relacionamentos amorosos modernos, do amor casto e voltado para o casamento em oposição ao amor voltado a satisfação dos prazeres:

O sentimento amoroso assume na tradição ocidental: confluência inextricável entre as contradições como a exaltação da dama, o aparecimento da cortesia, a religião literária do amor casto, a mulher idealizada, uma forma de piedade (HELBORN, 2004, p. 64).

Entender os vários contextos que o amor romântico assume na sociedade ocidental, é fundamental para compreendermos que papel ele pode assumir na vida dos adolescentes e de como este romantismo que aparece na maioria das relações de forma tranqüila e prazerosa pode se converter num elemento de perigo para casais adolescentes.

Um desses “perigos” é justamente a crença de que o amor pode tudo, ou no já citado texto medieval “*O amor nada pode recusar ao amor*”, ou seja, alguns adolescentes podem considerar que alguns obstáculos devem ser vencidos para que se possa vivenciar o verdadeiro amor, dentre eles a recusa inicial por parte do objeto amado ou mesmo expressões de violência, segundo Mendéz e Hernandez: “O romantismo facilita a permanência de relações potencialmente destrutivas” (MENDÉZ; HERNANDEZ, 2001, p.. 47).

Ainda segundo Mendéz e Hernandez, a visão romântica excessiva poderia contribuir para que os jovens construíssem relações asfixiantes, em que o sentimento de amor apareceria como justificativa para que um parceiro exerça o controle sobre o/a outro/a. Além disso, o cotidiano das relações põem em xeque o mito da alma gêmea prometida pelo amor romântico, a violência nasceria então dos esforços de aproximar a pessoa daquilo que seria a/o parceira/o ideal.

3.2.3 Do namoro ao ficar: Um pouco de História, um pouco de suas regras.

O sociólogo Thales de Azevedo foi o pioneiro nos estudos sobre o namoro dentro da realidade brasileira com a sua preocupação em descrever a afetividade e os rituais amorosos dos brasileiros com a publicação no ano de 1986 da obra “regras de namoro à antiga”. Azevedo utiliza o termo regra de namoro, traçando um paralelo com as “regras de casamento”.

Por regras no casamento, se entende um conjunto de critérios e normas derivados da cultura, do sistema de parentesco e dos tabus de incesto, que determinam à escolha dos cônjuges e a confirmação por parte de uma comunidade das relações conjugais. Contudo, todo casamento seria precedido por uma fase em que os pretendentes e suas famílias realizariam ajustes e entendimentos, essa fase, seria o noivado. As escolhas dos cônjuges reverberavam em toda estrutura social e familiar da época, segundo o próprio Thales:

A escolha do cônjuge para as filhas e até para os filhos era, sob o regime patriarcal e faminalista do Brasil colonial, um privilégio quase exclusivo do **pater familias**; por isso que o casamento interessava à solidariedade e a integridade dos grandes grupos de parentesco em que se apoiavam a ordem social, a economia, a política e própria realização pessoal dos indivíduos [...] (AZEVEDO, 2004, p. 81).

Mas já no século XIX o antigo padrão começou a ser substituído pelas exigências do amor romântico, ainda que este continuasse a depender bastante das obrigações morais e até jurídicas do privatismo familiar e das tradições patriarcais (AZEVEDO, 2004, p. 82).

Ou seja, o namoro ainda não havia se instituído no Brasil como prática corrente, as regras vigentes até o momento giravam em torno do casamento e do seu antecessor direto que era o noivado, mas um noivado com intenções claras de finalizar-se no matrimônio.

Os primeiros movimentos do que hoje se aproximaria do namoro, acontecia de forma furtiva, nos encontros ocasionais promovidos por festas e pelas atividades da igreja. No Brasil anterior ao século XIX, os encontros eram oportunidades de discretas trocas de olhares, para não despertarem uma recusa do par, ou para não despertarem a atenção das outras pessoas. Conforme antigo manual dos namorados, transcrito por Azevedo:

O primeiro cuidado do cavalheiro ao simpatizar com uma senhorinha é não tentar fitá-la. Um olhar insistente compromete a dita senhorinha aos olhos paternos e pode provocar a atenção dos maldizentes. Precisa, no entanto dar conhecimento cabal dos seus nobres sentimentos, fazendo representar perante os parentes e conhecidos que está em condições de tomar novo estado. Se, por um revés de sorte, houver oposição deve discretamente se afastar ou transmitir seus respeitosos sentimentos à gentil eleita. Não deve afrontá-la com bilhetes com termos que maculem a sua paz, quiçá vexatórios para a sua modéstia e candidez (VIANA, 1967 apud AZEVEDO, 2004, p. 88).

A grande transformação no padrão de namoro no Brasil, só aconteceria no início do século XIX com a transformação das cidades e o hábito do passeio público. A construção das grandes avenidas nas capitais brasileiras convidava os jovens para o passeio público. Institucionaliza-se o *footing*, o espaço de circulação em que rapazes e moças podiam ser vistos. Este é inclusive, o primeiro momento em que as moças conseguem quebrar um pouco o véu de reclusão e a vigilância constante dos

olhares familiares, circulando com outras moças, trocando olhares com rapazes, como explica Thales de Azevedo:

O footing era ocasião para o flirt, um primeiro comércio de olhares aparentemente casuais, de sorrisos, de gestos significativos. Seria a primeira vez que as moças se expunham deliberadamente, ainda que de modo dissimulado, à conquista pelos rapazes em vista do namoro. Ainda hoje persiste, particularmente nas pequenas cidades, o hábito desse passeio das moças diante dos grupos de rapazes que estacionam a beira das calçadas ou no meio das ruas, nos domingos após a missa, à noite durante as retretas das filarmônicas, para “tirar uma linha” e encetar um namoro sério. Via de regra os olhares provocativos partem dos moços e são o preâmbulo de palavras amáveis, de ditos chistosos, de pés-de-conversa, com os quais se firma o relacionamento (AZEVEDO, 2004, p.90).

Nem todo o *flirt* geraria um namoro, como nem todo namoro ocasionaria um casamento, mas este atravessava o século como fim principal, mesmo nas décadas de 40 e 50 do século XX, o casamento ainda se mantinha como fim principal do namoro e caso não houvesse esta intenção, o relacionamento deveria ser abreviado o mais rapidamente possível, como assinala Mary Del Priore, no seu História do Amor no Brasil (2006):

O tempo do namoro seguia alguns padrões, não devendo - como no início do século - durar muito, levantando suspeitas sobre as verdadeiras intenções do rapaz, nem tão pouco que precipitasse decisões sérias e definitivas. Além disso, o namoro muito longo comprometia a reputação das moças que se tornava alvo de fofocas maliciosas. A opinião do grupo era tão importante quanto a do namorado ou da namorada. E a cobrança da sociedade para que os pombinhos decidissem também contava pontos (DEL PRIORE, 2006, p. 286).

É bem fácil imaginar que todos os jovens obedeciam aos manuais e ditos da época, haviam jovens, incluindo algumas mulheres pioneiras, que transgrediam as normas fumando, discordando dos pais, vivenciando sua sexualidade e questionando o casamento como único destino reservado a elas. Algumas acabaram engravidando e cuidando sozinhas de seus filhos, outras mantinham as aparências e passavam como moças “respeitáveis” aos olhos da sociedade da época, outras vinham a público e eram consideradas levianas, apelidadas de “vassourinhas” ou “maçaneta”, “tais comportamentos poderiam até mesmo inspirar muitos admiradores, mas essas jovens não casariam, pois [...] o casamento é para vida toda e nenhum

homem deseja que a mãe de seus filhos seja apontada como uma doidivanas” (DEL PRIORE, 2006, p.289).

Contudo, durante as décadas de 1960 e 1970, eclode a chamada “revolução sexual”, impulsionada por avanços o que se expressa numa desenvoltura erótica desconhecida até o momento, se bem que a revolução sexual não aconteceu da mesma forma em todos os cantos do país, inicialmente essa flexibilização da moral sexual acontecia primeiro nas capitais e nos grandes centros urbanos, se espalhando lentamente durante os anos que se sucederam para o interior do Brasil.

Mesmo nos dias atuais, várias regras de namoro à antiga ainda convivem na realidade atual brasileira, algumas sendo postas em prova, outras resistindo ao decorrer dos anos, como descreve Mônica Franch, em seu trabalho sobre o tempo livre de jovens moradores de comunidades pobres da periferia de Recife, é esta convivência entre modelos que reproduzimos a seguir:

O namoro de portão observado no Vietnã parece responder apenas parcialmente às características que Thales de Azevedo (1975) atribui ao namoro tradicional – o que, aliás, não é de estranhar já que à época das suas primeiras pesquisas sobre o assunto, esse tipo de relacionamento pré-conjugal já estava em franca regressão, além de corresponder às classes sociais mais abastadas da sociedade baiana. Feitas as ressalvas, em alguns aspectos as descrições de Azevedo parecem retratar o “namoro em casa” do Vietnã – trata-se de relações longas, supervisionadas pelas famílias, que zelam pela reputação e virgindade (ou honra) das filhas, bastante ritualizadas pois são previamente estabelecidos dias de visita que devem ser cumpridos, bem como visam o casamento. Entretanto, esse padrão de relacionamento convive com os “namoros de rua” e ainda com todas as modalidades da nova afetividade juvenil (“ficar”, “colar”, “esquema”, etc.). Igualmente, há muitos “namoros em casa” efêmeros, sem que isso macule a honra das jovens (FRANCH, 2000, p.. 107).

O contexto dos relacionamentos amorosos entre os adolescentes, não é só permeado pelo namoro, havendo também espaço para o *ficar*. O *ficar* é definido por José Sterza Justo, como:

Um relacionamento episódico e ocasional, na maioria das vezes com duração de apenas algumas horas (...) Outra característica importante é que o *ficar* não implica compromissos futuros e é visto como um relacionamento, fortuito e sem maiores conseqüências ou envolvimento futuros (JUSTO, 2005, p. 74).

O que se observa é que o *ficar* pode estabelecer uma relação análoga entre aquela existente entre o namoro e o casamento. Pode-se *ficar* com intuito de

conhecer uma pessoa melhor com fins de namoro ou o ficar pode ser um fim em si mesmo, sem pretensões de relacionamentos futuros.

Ainda segundo Justo, o ficar não seria compreendido como um modismo ou fenômeno superficial, mas como uma modalidade de relacionamento fortemente conectada com as subjetividades produzidas na sociedade contemporânea, do aceleração do tempo, do alargamento do espaço e das movimentações humanas sem precedentes na história e que seriam impeditivas de vinculações estáveis e prolongadas.

3.3 PRODUÇÕES DE SENTIDOS NO COTIDIANO

Esse estudo se alinha nos aspectos teóricos, políticos e metodológicos com a corrente construcionista de estudo da linguagem, a partir de uma perspectiva psicossocial. Segundo Spink e Frezza (SPINK; FREZZA, 2004), o Construcionismo Social trabalha com a idéia da explicitação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem e explicam o mundo em que vivem trazendo agregadas várias problematizações sobre a maneira como entendemos o “conhecimento”.

Essa corrente de pensamento oriunda do final do século XX propôs profundas mudanças paradigmáticas no conjunto de pensamentos, percepções e valores acerca da realidade social se posicionando de maneira diferente em relação aos principais modelos filosóficos voltados ao fazer científico e que delineavam o seguinte embate:

De um lado, os empiristas lógicos consideram o conhecimento uma representação mental de eventos do mundo real (perspectiva exogênica); de outro fenomenologistas, racionalistas, idealistas afirmam ser o conhecimento originado em processos endêmicos ao organismo, alguns considerados inatos (perspectiva endogênica). Desafiando tal movimento pendular e rompendo com o tradicional dualismo sujeito-objeto, a perspectiva construcionista questiona a noção do conhecimento como representação mental e o seu suposto caráter natural (MELLO et al., 2007).

Assim, a perspectiva é de que o conhecimento não é algo que é apreendido do mundo, e sim uma construção que as pessoas fazem juntas por meio de suas

práticas sociais. Desse modo, trata-se, fundamentalmente, de uma teoria social do conhecimento, desconstruindo a dicotomia sujeito-objeto, pois é o conhecimento socialmente produzido que constrói ambos, o sujeito e o objeto. Portanto, a partir dessa perspectiva surge a idéia de uma desnaturalização da realidade, opondo-se, assim, a uma abordagem representacionista em que a relação sujeito-objeto encontra-se fragmentada. Ao adotarmos a perspectiva construcionista nos distanciamos das correntes que defendem que a linguagem tem um papel de representar a realidade, pelo contrário consideramos a linguagem como ação:

Uma vez compreendida que a 'realidade' é construída a partir de nossas práticas cotidianas, pode-se afirmar que a linguagem é um instrumento imprescindível para construí-la. Em outras palavras, a linguagem é condição de possibilidade para a configuração da 'realidade' na medida em que é uma prática, provoca efeitos: faz parte das construções, manutenções e mudanças que perpassam as relações sociais (MELLO et al., 2007).

Pode ser entendida como uma corrente de análise do discurso, mas nessa teoria o conceito de discurso precisa ser mais bem explicitado. Existe uma diferença naquilo que entendemos sobre *discurso* e *práticas discursivas*. Por *discurso*, entendemos um conjunto de regularidades lingüísticas, institucionalizadas de alguma forma e que por isso tendem a permanência no tempo, mesmo que o contexto histórico possa mudá-los radicalmente, por exemplo, de *discursos* temos o posicionamento oficial da igreja, de partidos políticos e de certas sociedades científicas (SPINK; MEDRADO, 2004).

Já as *práticas discursivas*, segundo Spink e Medrado (2004), se referem aos momentos em que as pessoas são inquiridas a ressignificação da realidade, momentos ativos do uso da linguagem, como, por exemplo, quando perguntamos a um estudante o que ele acha sobre aborto ou sobre sua própria condição de jovem. Durante o diálogo podem vir elementos de discurso como o posicionamento da igreja, mas podem vir opiniões de familiares ou algo que a pessoa leu no jornal ou na televisão. Durante o diálogo não existe regras para onde a fala pode se encaminhar, sendo um espaço propício para a polissemia e a contradição. É a linguagem em ação, que revela a maneira como as pessoas se posicionam em suas relações sociais cotidianas.

É um tipo de estudo que se foca nos jogos de posicionamentos e abre espaço para vislumbrarmos relações de poder presentes na fala dos sujeitos. No estudo sobre as práticas discursivas, o pesquisador não limita a sua análise aos sentidos que frases ou palavras assumem na fala das pessoas, mas ele está atento às relações de poder presentes nos discursos, em que condições o enunciado foi dito:

Entendemos discurso como um conjunto de enunciados que, mesmo pertencendo a campos de saberes distintos, seguem regras comuns de funcionamento. Dado que, de um lado, tais discursividades colocam em circulação determinados regimes de verdade e que, de outro lado, tais regimes articulam-se segundo determinados saberes, o que sempre está em jogo (VEIGA-NETO; LOPES, 2007)

Se estivermos preocupados com as relações de poder presentes nas práticas discursivas das pessoas precisamos estar atentos as **vozes** presentes nessas produções. As **vozes**, segundo Spink e Medrado (2004) compreendem “*diálogos, negociações que se processam na produção de um enunciado*”(p.44). As vozes se fazem presentes nos diálogos com os interlocutores que atravessam a produção. Contudo, os enunciados não surgem automaticamente do nada, eles se organizam como elos de uma corrente com outros enunciados em ligações complexas, o que nos leva ao conceito de **repertórios interpretativos**, definidos por Spink e Medrado (2004, p.47) como: construção das práticas discursivas, portanto do conjunto de lugares comuns e figuras que sinalizam o rol de construções discursivas, tendo como parâmetro o contexto em que são produzidas.

A produção de sentido, nessa perspectiva, é uma prática social, dialógica, que implica a linguagem em uso. Desse modo, o estudo da produção de sentidos compreende a análise das práticas discursivas que atravessam o cotidiano, entendidas como as maneiras pelas quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações sociais. Essas práticas discursivas se desenvolvem pelo uso de *repertórios interpretativos*, o conjunto de termos, descrições, lugares-comuns e figuras de linguagem que demarcam o rol de possibilidades de construções discursivas, tendo por parâmetros o contexto em que essas práticas são produzidas e os estilos gramaticais específicos empregados (SPINK; MEDRADO, 2004, p. 42).

A opção pelo estudo das produções de sentidos no cotidiano da abordagem construcionista compreende uma postura ética entre o discurso científico e o

discurso das pessoas que encontramos no trabalho de campo. Tanto o fazer científico como as atividades que desenvolvemos em nosso cotidiano são formas de produzir sentido sobre o mundo, o que em nada reduz a importância da prática científica. A diferença é que a “verdade” científica deixa de ser coletada dos dados e passa a ser construída na interação do pesquisador com o campo, a pesquisa passa a ser vista como uma prática social e a sua qualidade medida pelo rigor metodológico com que a investigação é tocada (SPINK; MENEGON, 2004).

Contudo, o rigor científico deixa de estar pautado em elementos como a replicabilidade, generabilidade e fidedignidade, elementos que pautam uma ciência como correspondente da realidade, o rigor na perspectiva construcionista passa a ser concebido como a “possibilidade de explicitar os passos da análise e da interpretação de modo a propiciar o diálogo” (SPINK; LIMA, 2004). A pesquisa se reconhece como produção dialógica e suas “verdades” momentâneas e contextualizadas deixam de pertencer a “cabeça” do pesquisador e se voltam para a interação. O conhecimento científico, como as demais práticas discursivas se dá no cotidiano, em jogos e posicionamentos, refletindo conflitos e interesses e sempre permeado por relações de poder. Reconhecemos assim a ciência como um produto humano e como tal deve-se pautá-la pelos referenciais da ética.

Desse modo, pesquisar a produção de sentidos sobre violências no namoro, a partir da abordagem construcionista, constitui um exercício ético-científico.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 TIPO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter analítico. Segundo Cecília Minayo, em seu trabalho sobre a pesquisa qualitativa, a mesma tem como característica a abordagem de “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (MINAYO, 1994, p.21-22).

Apesar de nos posicionarmos na vertente qualitativa, questionamos a dicotomia que associa tudo o que pode ser mensurado com rigor e o que não se pode com a subjetividade (SPINK; MENEGON, 2004), ou seja, a subjetividade está presente nas metodologias quantitativa através das várias decisões que os pesquisadores precisam tomar, além dos interesses que os mesmos possuem nos seus objetos de pesquisa e no uso que pode ser feito deles.

O rigor nas abordagens qualitativas viria na forma de rigor do método, com a descrição clara não só do objeto pesquisado, mas dos contextos referentes ao fazer científico, incluído o lugar de onde fala os pesquisadores. Não basta questionar a neutralidade da ciência, mas é preciso clarificar ao leitor as especificidades envolvidas neste fazer científico, explicitando o pesquisador como um sujeito histórico e político.

Sobre o debate entre ciências sociais e epidemiologia no contexto da saúde pública, concordamos com Minayo et al. (2003), ao descrever, em seu grupo de pesquisa, os esforços de interação e diálogo entre pesquisadores de diferentes disciplinas:

A contribuição da interação entre ciências sociais e epidemiologia provém, justamente, de suas diferenças. Por um lado, existe a possibilidade de *compreensão em profundidade* dos valores, práticas, lógicas de ação, crenças, hábitos, atitudes e relações de grupos e indivíduos sobre a saúde, a doença, as terapêuticas, as políticas, programas e demais ações protagonizadas pelos serviços de saúde. E, por outro lado, a leitura

epidemiológica da *explicação em extensão* de como esses sujeitos, agregados em um nível populacional, tornam-se expostos ou vulneráveis a eventos ou processos que colocam em risco sua saúde, como adoecem, como e com qual magnitude demandam tratamento e atenção. Mais que pares de oposições, as ciências sociais e a epidemiologia traduzem, cada qual a sua maneira, as articulações entre o singular, o individual e o coletivo presentes nos processos de saúde-doença (MINAYO et al., 2003).

Dessa forma, este trabalho se posiciona no campo da saúde coletiva, como um estudo de ciências sociais aplicada a saúde, onde se relacionam conhecimentos oriundos da epidemiologia e da psicologia social, numa interdisciplinaridade que constitui a própria saúde coletiva e contribui para que a mesma consiga cumprir seu objetivo de compreender a realidade sanitária brasileira e apontar caminhos para a melhoria nas condições de vida da população.

4.2 INTEGRAÇÃO COM A PESQUISA NACIONAL

O material básico do estudo foram as transcrições dos grupos-focais realizados em Recife em junho de 2008, pelos pesquisadores do projeto “Violência entre namorados adolescentes. Um estudo em dez capitais brasileiras”, coordenado pelo Centro latino-americano de Estudo em Violência e Saúde (CLAVES).

Todos os dados provenientes dos grupos-focais realizados em Recife foram gentilmente cedidos pelas coordenadoras da pesquisa para a realização deste trabalho.

Mesmo tendo a possibilidade de acessar todo o material de campo cedido pelo CLAVES, este estudo optará por se concentrar nas abordagens de coleta voltadas para uma abordagem qualitativa dos fatos, na medida em que se interessa principalmente pelos significados, contextos e contradições referentes ao tema da violência entre jovens namorados.

4.3 LOCAL DE REALIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DOS SUJEITOS

A cidade do Recife se encontra dividida em seis Regiões Político-Administrativas (RPA), conforme Figura 1, cada uma subdividida em três microrregiões (MR) cada uma. Em junho de 2008, pesquisadores do CLAVES da Escola Nacional de Saúde Pública e do LEVES do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães realizaram, durante uma semana, entrevistas, grupos-focais e aplicação de questionário em escolas de ensino médio das redes públicas e privadas da cidade do Recife. As escolas foram definidas segundo critérios estatísticos de representatividade do universo de estudantes da cidade do Recife, para atender aos componentes quantitativos da pesquisa nacional.

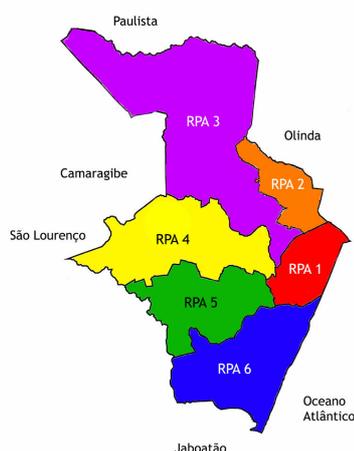


Figura 2 – Mapa da Cidade do Recife Distribuído por Regiões Político administrativas

Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife (RECIFE, 2001).

Por questões de salvaguarda da população de estudo omitiremos o nome da escola, assinalando apenas o bairro e a Região Político administrativa em que ela se encontra. A população de referência foi composta por adolescentes estudantes do 2º ano do ensino médio das escolas públicas municipais e particulares das cidades que fizeram parte do estudo, no ano de 2008. O recorte de alunos no 2º ano foi tomado devido a maior facilidade desse grupo em responder a temas mais delicados como o da sexualidade, e por não estarem ainda no último ano, etapa em que as escolas têm mais dificuldade em permitir a liberação de período para pesquisa. Os alunos

deveriam ter entre 15 e 19 anos de idade. No total, participaram 43 adolescentes no estudo sendo 20 meninas e 23 meninos, distribuídos da seguinte forma:

Escola RPA	Bairro	Rede	Turmas	Total de Alunos no Segundo Ano da escola	Grupo - Focal
COLEGIO RPA 6	Ibura	Estadual	5	200	Meninos (7 participantes)
COLEGIO RPA 3	Beberibe	Estadual	4	142	Misto (4 meninos e 5 meninas)
COLEGIO RPA 5	Areias	Estadual	3	106	Meninas (6 participantes)
COLEGIO RPA1	Centro	Particular	2	52	Misto (7 meninas e 3 meninos)
COLEGIO RPA 3	Espinheiro	Particular	8	416	Meninos (8 participantes)
COLEGIO RPA 3	Graças	Particular	2	99	Meninas (6 participantes)

Quadro 3: Distribuição dos grupos-focais

Fonte: do próprio autor

É importante ressaltar que todos/as adolescentes que participaram dos grupos-focais responderam previamente o questionário da pesquisa quantitativa com 85 perguntas, abordando temas sobre relacionamento familiar, namoro, amizade, uso de substâncias, apoio social e violência, cujo preenchimento levava aproximadamente uma hora, o que significa que os/as adolescentes já estavam refletindo previamente sobre os temas dos grupos-focais.

4.4 TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO UTILIZADAS NESTE ESTUDO

Em Recife foram utilizadas as mesmas técnicas de instigação das outras cidades que participaram da pesquisa “VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES - UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS” (ASSIS, 2009). Em todos municípios foram utilizadas duas estratégias: uma quantitativa e

outra qualitativa, através da aplicação de questionários e da realização de entrevistas individuais e grupos focais, abordando alunos das escolas que participaram do estudo.

Dentro do contexto da abordagem quantitativa foi aplicado um inquérito epidemiológico, voltado para as vivências de afeto e violência apresentadas pelos alunos das escolas públicas e particulares das cidades do estudo. Esse tipo de desenho transversal, quando analisado, permitirá fazer um estudo de associação entre diferentes atributos, mas não será possível realizar inferências causais. Esse tipo de estudo é geralmente utilizado como um estudo exploratório, para originar dados preliminares, que poderão permitir a elaboração de outros estudos de maior profundidade.

Contudo, para efeito deste estudo, empregaremos a segunda parte da pesquisa composta por grupos-focais. Foram realizados 6 (seis) grupos focais com estudantes, três em escolas públicas e três em escolas particulares. Foram realizados dois grupos masculinos, dois femininos e dois mistos. Em cada sessão de grupo focal tivemos um mínimo de 6 e um máximo de 10 participantes.

4.4.1 Sobre Grupos-Focais

É uma técnica adequada para o conhecimento de valores, normas e crenças e negociações de sentidos mais gerais de determinado segmento social, sem, no entanto aprofundar esse conhecimento. Busca-se compreender o que se diz e o seu contexto. É uma técnica que busca incorporar o processo de influência mútua das opiniões e atitudes entre membros de grupos, ganhando vantagens nesse aspecto, em relação à entrevista individual. Ao utilizar-se essa técnica é possível trazer à tona tanto os aspectos cognitivos (opiniões, influências, idéias), interacionais (conflitos, lideranças, alianças) como as vivências singulares dos indivíduos e do grupo de referência (CARLINI-COTRIM, 1996)

O grupo é a unidade de análise: opiniões individuais são consideradas, mas busca-se identificar o que é o consenso ou comum no segmento estudado. Mas não nos deteremos apenas no consenso, os paradoxos, os jogos argumentativos enfim, a dinâmica do grupo farão parte de nossa análise. O conteúdo do debate - e do grupo - não é resultado das opiniões individuais, mas da interação que ocorre entre os participantes. Na entrevista individual, ao contrário, o indivíduo é a unidade de análise, as particularidades e não os consensos são centrais.

A coleta de dados através de grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas se basear na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. Ele contrasta, nesse sentido, com dados colhidos em questionários fechados ou entrevistas individuais, onde o indivíduo é convocado a emitir opiniões sobre assuntos que talvez ele nunca tenha pensado a respeito anteriormente. As pessoas em geral precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias. E constantemente mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) quando expostas a discussões de grupo. É exatamente este processo que o grupo focal tenta captar (CARLINI-COTRIM, 1996).

As principais características do grupo-focal são os seguintes:

1. Grupo de 7 a 12 pessoas com características semelhantes, que são convidadas a participar de uma conversa sobre um tema construído coletivamente;
2. Os participantes não devem se conhecer;
3. O grupo é conduzido por um moderador e um observador;
4. A discussão segue um roteiro pré-definido;
5. As falas são gravadas e deve ter um relatório de desenvolvimento com observações;
6. Em geral procede-se a uma análise do tipo temática

Existe uma grande controvérsia sobre o impedimento das pessoas se conhecerem, o que configuraria o grupo como um grupo natural, que existiria independentemente da existência do estudo, além disso, o conhecimento prévio dificultaria o surgimento de temas polêmicos e/ou constrangedores. A nossa experiência com a técnica é que o fato das pessoas se conhecerem não significa necessariamente que elas se reconheçam como pertencentes a um mesmo grupo,

além disso, não foi observado nenhum tipo de restrição a tratar dos temas abordados durante a realização do grupo.

Os grupos foram gravados em meio digital e cassete com a autorização prévia dos participantes posteriormente foram transcritos pela equipe do CLAVES e disponibilizados para a análise. Sobre a análise é importante ressaltar:

Os dados colhidos através de grupos focais são de natureza qualitativa. Isto vai implicar a necessidade de se analisar os dados também de forma qualitativa. Ou seja, não há tratamento estatístico envolvido, mas um conjunto de procedimentos que visam a organizar os dados de modo que eles revelem, com a objetividade e isenção possíveis, como os grupos em questão percebem e se relacionam com o foco do estudo em pauta (CARLINI-COTRIM, 1996).

Sempre que possível reproduziremos, na apresentação dos resultados, a representação espacial dos grupos-focais, o que facilita ao leitor visualizar determinado grupo, trazendo elementos valiosos sobre a dinâmica interna do mesmo, por exemplo, no grupo-focal formado por meninos e meninas de escola pública (figura 7), existia um clima claro de “guerra dos sexos” em que as meninas responsabilizavam os meninos pelas dificuldades nas relações amorosas e vice-versa. Consultando a representação espacial deste grupo podemos observar que meninas e meninos formam dois blocos separados, diferente do grupo-focal de meninos e meninas de escola particular (apresentado abaixo na figura 4), havia uma maior sincronia entre posicionamentos de meninas e meninos.

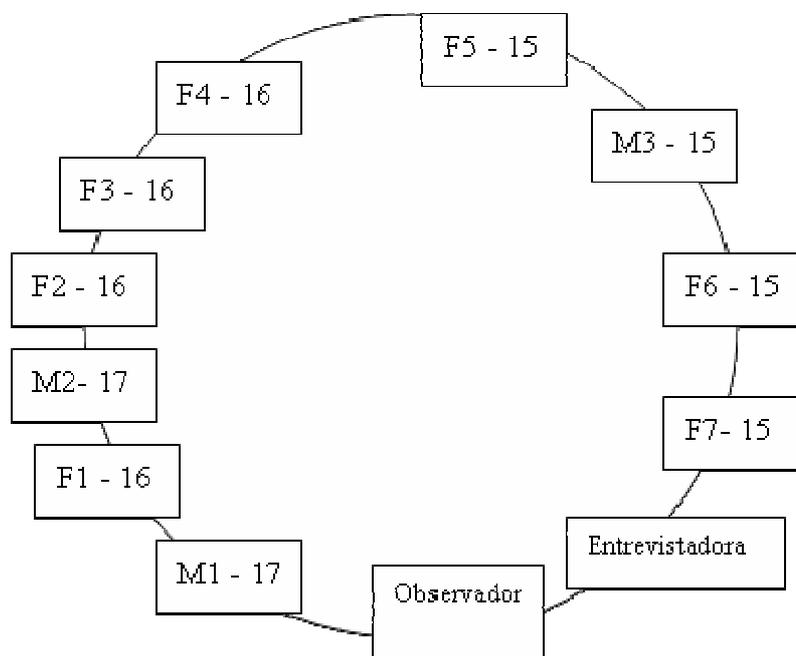


Figura 4 – Representação espacial do grupo-focal formado por meninos e meninas de escola particular.

Legenda: M- masculino e F- feminino

4.5 MARCO ANALÍTICO

Para a análise dos dados assumiremos a estratégia inicial proposta por Minayo (1999) como ponto de partida, segundo a autora a interpretação qualitativa deveria acontecer após o cumprimento de três etapas:

1. **Ordenação de dados:** mapeamentos dos dados obtidos no trabalho de campo, por meio de transcrição de gravações, releitura de material, organização dos relatos etc.;

2. Classificação dos dados: neste momento, com base na fundamentação teórica, são identificados os questionamentos relevantes ao estudo, por meio de leituras exaustivas dos textos e entrevistas;

3. Análise final: quando são estabelecidas articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, tendo como base os objetivos da mesma e respondendo aos seus questionamentos.

Num estudo que tem por base a abordagem qualitativa o que se busca é entender como as pessoas produzem sentidos a determinados aspectos de suas vidas, como esses sentidos levam a posicionamentos, que por sua vez implicam em negociações de poder que interferem nas suas vidas, mantendo ou transformando o contexto em que vivem.

Segundo Gomes (1994) normalmente o pesquisador considera a etapa de análise dos dados como a fase final da pesquisa, contudo às vezes as informações se apresentam de uma maneira que não podemos estabelecer conclusões, o que obriga o pesquisador a retornar a fase de coleta. Uma primeira função da etapa de análise dos dados é justamente avaliar a qualidade e utilidade do que foi produzido no campo.

Todo material proveniente do campo foi transcrito pela equipe do CLAVES e revisado pelo pesquisador que iniciou uma primeira etapa de formulação de categorias. Alguns pesquisadores preferem produzir essas categorias previamente ao trabalho de campo, mas acreditamos que as categorias elaboradas após a produção dos dados sejam mais específicas e coerentes. No nosso caso além de identificar essas categorias destaca-se no texto, os trechos que se referem as vozes e, repertórios ou seja, além dos significados encontrados nos discursos ficamos atentos ao jogos lingüísticos produzidos.

Uma outra estratégia de análise que empregamos para os grupos focais foram as árvores de associação, que permitem identificar o fluxo de idéias a partir da pergunta do entrevistador, “possibilitam entender as singularidades das produções de sentidos, presas à história singular de cada pessoa quanto a dialogia intrínseca do processo de entrevista” (SPINK; LIMA, 2004), como exemplo de árvore de associação:

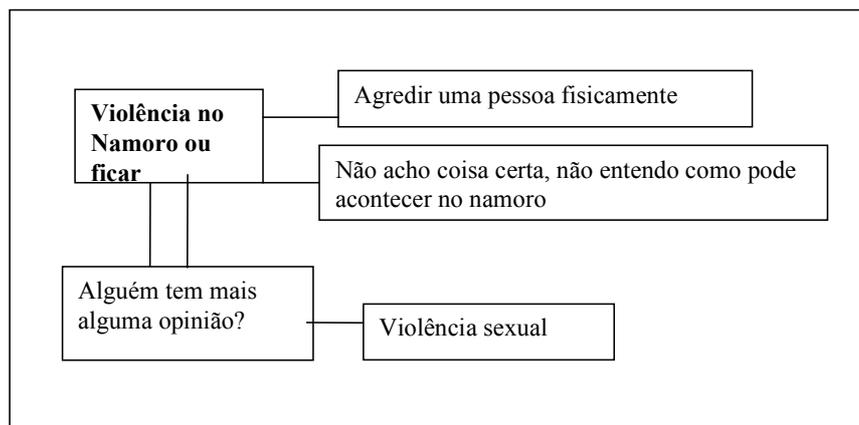


Figura 5 – Exemplo de árvore de associações

Na árvore de associação as linhas simples foram convencionadas como o desenvolvimento da fala dos participantes e as linhas duplas seriam as intervenções do entrevistador.

4.6 ASPECTOS ÉTICOS

Esta dissertação foi desenvolvida a partir de dados disponibilizados pela coordenação da pesquisa Nacional “Violência entre namorados adolescentes. Um estudo em dez capitais brasileiras”, que na sua execução respeitou as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96).

O projeto de pesquisa que originou esta dissertação foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães em 16 de março de 2009 (CEP/CPqAm/FIOCRUZ – nº. 11/09 – CAAE: 0116.0.095.000-08), que se encontra em anexo (ANEXO A).

Destacamos que a pesquisa “Violência entre namorados adolescentes. Um estudo em dez capitais brasileiras” foi aprovada pelo Conselho de ética em Pesquisa da escola Nacional de Saúde Pública (CEP/ENSP – nº. 07/08 – CAAE: 0011.0.031.000-08). Para tanto, em anexo, cópia da declaração do comitê de ética da Escola Nacional de Saúde Pública (ANEXO B) e carta de anuência da professora

Simone Gonçalves de Assis e Khatie Njaine, professoras da Escola Nacional de Saúde Pública e coordenadoras do projeto de pesquisa (ANEXO C). Os roteiros dos grupos-focais também se encontram em anexo para eventuais consultas (ANEXO D) e dos termos de consentimento livre e esclarecido preenchidos pelos estudantes (ANEXO E) e pelos diretores das escolas pesquisadas (ANEXO F).

5 RESULTADOS

5.1 REPERTÓRIOS E NOMEAÇÕES SOBRE OS RELACIONAMENTOS DE NAMORO RELATADOS PELOS/AS ADOLESCENTES PARTICIPANTES DOS GRUPOS-FOCAIS

A pergunta inicial de todos os grupos-focais era: *“Estamos aqui para conversarmos juntos sobre suas opiniões e sentimentos nas relações de namoro e do ficar. Como é o namoro ou o ficar hoje em dia entre jovens?”*. É uma pergunta que poderia fechar as possibilidades de relacionamentos no *ficar* e *namorar* explicitados na própria questão, contudo os grupos produziram uma grande variedade de possibilidades e sentidos para as relações afetivo-sexuais entre os/as adolescentes da cidade do Recife. Foram nomeadas 8 possibilidades de relacionamentos entre os adolescentes, além de nomeações específicas sobre o amor romântico.

- a. Conhecer
- b. Pegar
- c. Ficar
- d. Namorar
- e. Noivado
- f. Casamento
- g. Homossexual
- h. Heterossexual
- i. Bissexual
- j. Nomeações sobre o amor romântico

Como o objetivo principal do nosso estudo não foi inventariar as possibilidades de relacionamentos entre os jovens, mas nos aprofundarmos um pouco nos modelos de relacionamento e nas suas possíveis relações com comportamentos agressivos, contudo vamos fazer um pequeno resumo das várias nomeações de relacionamentos entre os adolescentes recifenses reveladas no nosso estudo.

5.1.1 Conhecer

Apesar desta palavra surgir em vários contextos, foi citada apenas pelo grupo-focal misto, formado por alunos de escola particular como um tipo específico de relacionamento, o **conhecer** é a primeira fase de um relacionamento. O curioso é que em determinado momento uma das meninas define o conhecer como ficar sem compromisso, sendo que o ficar é definido pela literatura como justamente um relacionamento sem a necessidade de compromisso.

Pesquisadora: Então, é primeiro eu queria saber assim, que tipo de relação amorosas existem entre os adolescentes aqui da cidade?

F1: bom. Normalmente tem mais assim é ficar, até que além de ser chamado ficar é bem conhecido. Esse termo eu não sabia há um tempo atrás que..

F2: Conhecer?

F1 responde: Conhecer, se quer logo você chega dá um beijinho e impõe vamos ficar sem compromisso.

Pesquisadora: Ah, tá. Conhecer é ficar sem compromisso?

F1: É a mesma coisa.

(grupo-focal misto escola particular)

Chama atenção a frase “você chega, dá um beijinho e impõem vamos ficar sem compromisso”, o que aponta para uma postura de controle mesmo num relacionamento que ainda está para iniciar.

5.1.2 Pegar

Confunde-se em algumas falas com o ficar, em outras aparece como um relacionamento rápido e que se encerra em si mesmo. Mas a confusão contagia até mesmo os participantes dos grupos, primeiro teremos o grupo de meninos de escola particular e, em seguida o grupo misto formado por alunos de escola pública:

M1 – *Tem gente que sai pra pegar mulher.*

M3 – *Tem gente que já sai direcionado pra pegar...*

M1 – *Já sai direcionado pra isso.*

M2 – Pegar e ficar é a mesma coisa.

Entrevistador – *Alguém discorda disso? Tem diferença de pegar e ficar?*

M1 – *Assim, depende né, nesse caso do pessoal que sai pra pegar, aí tem diferença, porque vai lá, pegou, ficou, e pronto, agora o pessoal que sai pra se divertir, aí conhece alguém, aí fica hoje, fica amanhã...*

M2 – *Também é assim, a pessoa fica, “vou ficar com a menina pra saber se a gente tem a ver!” Isso que se chama “ficar”, enquanto que “pegar” é pegar no dia...*

M5 – *Pegou no dia e pronto!*

M1 – *“Ficar” depois pode virar um namoro.*

(grupo-focal – rapazes escola particular)

Esta definição de **pegar**, como um tipo de relacionamento que se encerra em um único momento também aparece no próximo grupo, mas destaca uma contradição interna.

Pesquisadora: Pegar e ficar é a mesma coisa?

F1: Não.

F2: Pegar é tipo assim eu vi na minha frente fiquei dei um beijo fiz o que queria fazer e pronto já vou pro fulano. Peguei ele.

M1: Caraca.

M2: Esse negócio de ficar e pegar parece ser iguais.

(grupo-focal misto escola particular)

5.1.3 Ficar

Segundo Justo (2005), o “ficar” *não implica compromissos futuros e é visto como um relacionamento passageiro, fortuito, superficial, sem maiores conseqüências ou envolvimento profundos.* Para Justo (2005) o “ficar” seria um relacionamento modelo da pós-modernidade, caracterizado por uma sensorialidade, pela brevidade dos contatos, pela ausência de exclusividade e de compromisso, marcado pela descartabilidade do outro e pela não obrigatoriedade da presença de sentimentos.

M: Ficar é mais conhecido como liberdade, do que... ter liberdade e não estar com compromisso com aquela pessoa. Você pode estar com uma pessoa e ao mesmo tempo, deixar que aquela pessoa vá ao encontro de outro, porque aí você está ficando com liberdade, porque namorar, não, você fica com aquele compromisso com aquela pessoa e está explicando tudo a ela, tá continuamente com ela. Ficar, não, ficar você pode fazer o que quiser e não tem que dar satisfação pra ninguém
(Grupo-focal menino, escola pública)

F 1: ficar é você passar mais tempo com a pessoa. Um dia todo, por exemplo, uma festa

F 2: ou se não uma semana ou mais assim, ficar um tempão, mas sem compromisso (Grupo-focal Menina – Escola pública)

Segundo os/as adolescentes, o ficar teria duas motivações principais: ou se encerraria em um relacionamento em si mesmo, marcado pela liberdade e pela falta de compromisso, ou seria uma ponte para um relacionamento futuro de namoro, contudo para essa definição outros elementos viriam a tona como o medo da traição, como ilustra esta árvore de associação construída a partir do grupo-focal de meninos de escola particular:

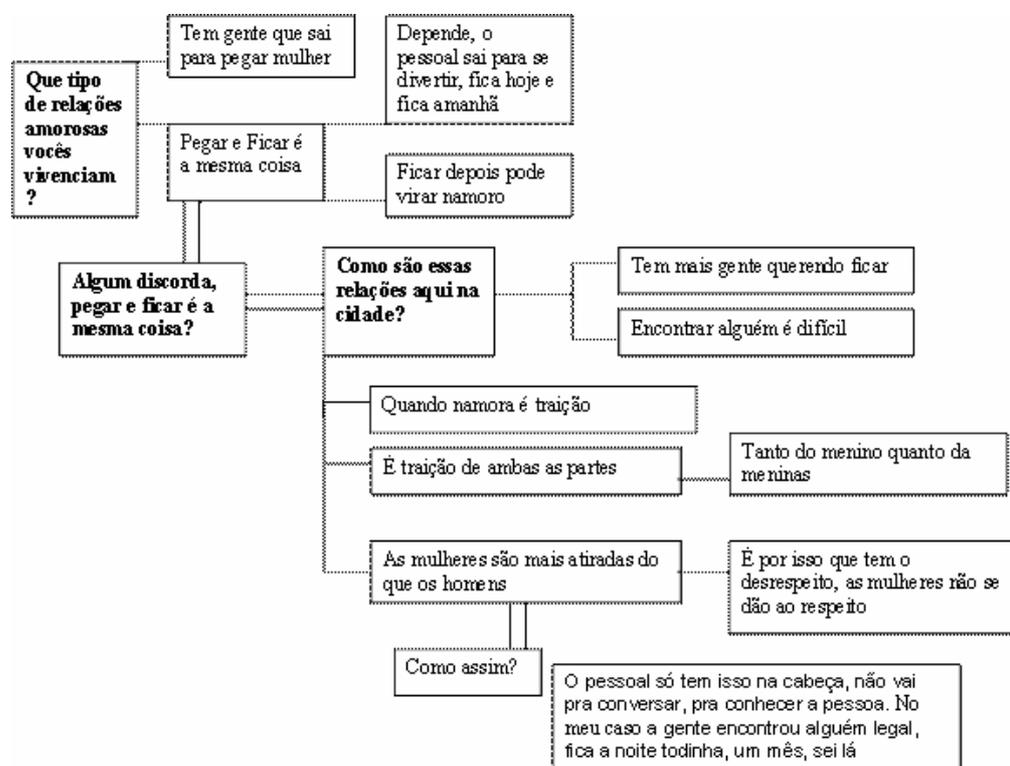


Figura 8 – Árvore de associações grupo-focal de meninos escola particular: sobre as relações entre os/as adolescentes

Esta árvore traz vários repertórios sobre o ficar e sobre os relacionamentos entre os adolescentes de forma geral. Ela trata de temas como o medo da traição como algo que inviabilizaria relacionamentos mais estáveis, o que seria um elemento novo ao analisarmos o ficar, ou seja, o ficar não seria motivado por uma insensibilidade por parte dos adolescentes, mas por um medo de ter seus sentimentos desrespeitados. A árvore traz também vários sentidos sobre como esses adolescentes encaram as mulheres, de como a forma atirada delas provocaria o desrespeito que elas mesmas sofreriam.

A traição é percebida como diferente para meninos e meninas participantes dos grupos e geralmente remete a estereótipos tradicionais de gênero referentes ao tema. Para os rapazes a traição estaria relacionada as necessidades sexuais do homem, favorecendo um sexo pulsional e favorecido pela grande quantidade de mulheres “disponíveis” em sua rede de relação, o que tornaria esperado e natural a possibilidade de traição masculina.

Elas estão mais ou menos assim, como eu posso dizer, desesperadas, entendeu, pra arrumar uma pessoa (menino, 17 anos grupo-focal masculino escola pública).

Ela ia de saia, malhava, já ia por aí, eu nunca olhei pra ela e era um abrir de perna pra lá, um abrir de perna pra cá, abria pra eu ver mesmo. Aí eu não, eu pensava, depois ela chegou: “rapaz, por que tu não olha, tu não gosta da fruta não é?”(menino, 18 anos grupo-focal masculino escola pública).

Já a traição feminina seria encarada como um ato de “vontade” das meninas, que muitas estavam fazendo como uma reação as traições esperadas dos meninos, mas isso acarretaria um preço na forma de estigmatização e possibilidade de serem desrespeitadas pelos meninos, que só teriam relacionamentos mais estáveis com meninas mais “recatadas”

Entrevistador: Aí você acha que as meninas estão ficando igual a esses meninos? Aí que vocês falaram?

F 2: são umas safadas, não se dá valor

F 1: não são feito antigamente

F 2: é

***Entrevistador*:** como assim?

F 2: algumas, assim

F 3: antigamente as meninas se davam mais valor

F 2: se dava mais valor, hoje em dia não

F 3: hoje em dia ta se comparando com os homens pra ver quem varre mais

F 3: Não, todas né!

F 4: é, se os meninos for pegar, aí elas pegam pra mostrar também que elas tem capacidade também, bota também pra ficar igual. Tipo, se respeita. Porque se fica assim, ele bota nela (butuca ela) terminava o namoro

F 2: traía no caso

F 4: se não, que quanto mais bota

(grupo-focal meninas de escola pública)

M – Se for uma mais atirada, tem umas meninas mais atiradas, ninguém vai querer aquela menina, se querer é só pra “ficar”, pra curtir aquela menina e depois jogar fora, como todo mundo faz com ela. Agora aquela menina mais recatada e tal, o pessoal já olha com olhos diferente (Menino 16 anos, grupo-focal de meninos de escola particular).

A presença do discurso machista fica evidente, existe uma crítica a traição feminina e uma condescendência a traição masculina, que seria naturalizado *“E os meninos só querem pegar, pegar, pegar, todas, assim”* (menina, 16 anos grupo-focal meninas de escola pública) e *“Porque hoje em dia o negócio.... é menino safado....”* (menina, 18 anos, grupo-focal meninas de escola pública). A própria adjetivação “safado” ganha significados completamente diferente entre meninos e meninas, sendo que o fato das meninas estarem se comparado aos homens é visto como pejorativa pelas próprias meninas que as chamam de “varredoras”, apesar de alguma justificarem que esta ação tem caráter reativo, a menina trairia, como resposta ou antecipação a traição dos meninos.

A presença de uma dupla moral em relação a sexualidade, a virilidade dos rapazes e a possibilidade ou não de meninos ou meninas se envolverem em outros relacionamentos sem que haja qualquer tipo de negociação prévia, implica que os mesmos comportamentos sejam encarados com gravidade bem distinta em relação a homens e mulheres, o que contribui para manter as meninas numa maior situação de controle por parte dos meninos e da família, essa possibilidade de controle cria um terreno fértil para o surgimento de outras modalidades de violência: (SCHRAIBER et al., 2005), dentre elas teríamos a execração das meninas que não se apresentavam como “recatadas”.

5.1.4 Namoro

Os elementos de perda de liberdade, ciúmes e controle por parte do outro apareceram com frequência em relação ao namoro. A presença destes elementos traria elementos negativos para a vivencia do namoro.

Eu acho assim. Eu comecei a namorar muito cedo. Comecei com 13 anos. Com 13 ia fazer 14, assim meu namorado assim é muito criança assim eu acho porque ele é muito ciumento, muito isso, muito aquilo é aquela babaquice. Aí pronto aí eu acho assim se ele fosse... Se eu pudesse voltar atrás, eu não, não teria escolhido namorar tão cedo porque agora eu quero sair, quero curtir com minhas amigas, subir, ir a uma festa, brincar, sair, almoçar fora com as minhas colegas e namoro sempre empaca no fim, no fim, no fim ele empaca. Aí é muito chato (menina 16 anos, grupo misto escola particular).

Muitos preferem ficar por quê? Porque principalmente homens, não gostam de dever satisfações a ninguém. Ah, vai sair, a namorada, “pra onde, com quem”? “Vai não”, “deixa eu ir e isso”... Já ficando não, o cara se quiser nem avisa, só avisa se quiser, “ó, to saindo e vai embora”. O ficar a pessoa pensa: não, o homem pensa em ficar porque ele é safado, quer ficar com uma, com outra. A questão não é essa e sim a liberdade, porque a questão do namoro é porque muita gente namora hoje e acha que namoro é viver a vida do outro, mas não, namoro, casamento, noivado, não é ninguém viver a vida de ninguém não. Mora junto, com relacionamento ou senão é casado, é noivo, cada um tem que aprender a viver a sua vida. Isso acontecendo, um namoro, um casamento, noivado pode durar anos. Por que um noivado, um casamento, acaba com pouquíssimo tempo? Porque um quer viver a vida do outro. Ah, “eu vou sair”, “eu vou também”, ah “eu vou pro shopping”, “eu vou também”, “eu vou jogar bola com os amigos”, “eu vou também” (menino, 17 anos, grupo-focal de homens de escola pública).

Por outro lado somente com a experiência do namoro o casal poderia realmente se conhecer, estabelecer vínculos afetivos mais sólidos, freqüentar a casa do/da namorado/a. A característica antes positiva de liberdade do ficar, agora seria valorada de forma negativa, já que os relacionamentos perderiam em profundidade, pois com a convivência a pessoa poderia se revelar em maiores detalhes:

M – Acho que namorar é seqüência.

M – Quando você tá namorando você conhece a pessoa mesmo, você não conhece a pessoa quando você começa a namorar.

M – É porque não dá liberdade pra pessoa te conhecer quando tá “ficando”, e quando tá namorando não, até como se fosse já um relacionamento mais concretizado, aí a pessoa vai conhecer totalmente com o tempo, e vai ver as suas qualidades e os seus defeitos, mesmo que você não queira mostrar, mas você acaba mostrando no dia a dia.

M – É porque quando a pessoa tá “ficando” assim, geral quer mais só pela aparência, tá nem aí pro outro e tal...

M – O físico, e não o...

M – Tá com ela, não tá interessado em conhecer e tal, nada mais sério, conhecer a família, nada.

M – Já no namorar a gente escolhe pela pessoa que ela é.

(grupo-focal rapazes de escola particular)

A própria questão do controle pode ser encarada de forma diferente, cabendo a pessoa impor alguns limites para que o relacionamento que foi pensado como algo que traga satisfação para ambos não se transforme num problema:

Namoro é um momento de paz - É saber levar a vida, porque o namoro, o casamento, namoro principalmente o namoro, se a gente tá falando de namoro, principalmente o namoro, o namoro é um momento de paz, não é para você estar se estressando, não. Namoro é relaxar, se você está se estressando com sua namorada, manda ela zarpar, manda ela tirar o cavalinho da chuva, porque você tem que tá relaxado com sua namorada. Agora você tá no seu trabalho... “o que que ela tá fazendo”? E isso, ela liga, fica se estressando: “já ligaste”? Isso é o quê? Não, namoro é pra você tá relaxado, tá tranqüilo, se estressou? Tchou, arruma outra. Você está esquentando a sua cabeça... aí que acontecem os maus casamentos, os maus noivados, as traições... porque tem namorado que namora, se vê um dia sim, outro não, um dia sim, outro não, não fica em cima da vida de ninguém, isso sim é um namoro bom e vai ser um casamento bom, tá entendendo (menino 17 anos, grupo-focal de rapazes de escola pública).

Nesses trechos e em vários outros momentos dos grupos-focais apareceram falas em que adolescentes relatavam que o namorado ou namorada tentavam estabelecer alguma forma de controle em suas vidas, ou quando eles e elas mesmos relatavam a dificuldade de lidar com a idas sozinhas a festas, cinemas ou mesmo na rua, sendo comum que o controle aconteça entre as duas partes. Em alguns casos, como define Mendés e Hernandés (2001), o desejo de controle da/do parceiro/a pode ser associado a um tipo de ciúmes de caráter crônico. Na maioria das pessoas, esse ciúme acontece de forma passageira, mas para muitos pode ser uma resposta mais arraigada, que acontece independente do comportamento do/da parceira/o, motivado por um forte sentimento de insegurança.

Se ele diz que... “Tu não pode ir...” assim, “tu não pode ir sozinha, eu tenho que ir contigo se não os caras tão em cima”. Aí eu: “Filho, não tem nada a

ver”. Aí num caso de um show eu só vou se ele for e ele só vai se eu for. É assim a gente sempre assim, já estamos namorando assim,(...) eu sou muito ciumenta. Aí ele reclama, mas também eu me vejo assim que também não tem necessidade, que eu confio nele e ele confia em mim, entendeu? Mas assim é mais... ciúme besta (Menina, 16 anos, escola particular).

Um elemento que veio a tona enquanto os adolescentes falavam sobre o namoro e que não apareceu em nenhum outro tipo de relacionamento foi o envolvimento das famílias nas relações de namoro. Este envolvimento poderia se dar de várias maneiras: O ato de apresentar o parceiro a família, ainda funcionaria para muitos como o “elemento de transição” entre o ficar que se encerra e o namoro que inicia, com a pessoa fazendo parte do cotidiano e dos olhos atentos do pai e da mãe, é aí que entra a figura do pai que “pastoreia” a filha, bem na lógica do antigo provérbio nordestino de que “segurem suas cabritas, pois meus bodes estão soltos”, ou seja, mantém-se a importância na atividade sexual na construção das identidades dos meninos, e simultaneamente da manutenção da virgindade feminina para garantir a honra da família, o que também coloca a mulher no lugar de passiva em relação ao homem.

Namoro seria o quê? A autorização dos pais, o consentimento dos pais. Não seria assim, em meio a praça, os colégios. Seria geralmente dentro da casa assim em meio à família (menino 19 anos, escola pública).

Menino1: O cara quer namorar com minha filha, (>>>), eu mato ele. Meu primo é PM, ele pediu pra namorar, o cara botou a arma no cinto e o cara falando com ele, e ele com a arma assim, rodando, ele é soldado da polícia. O cara, “não”, e ele: “não, vá pra lá...” E aí minha prima, porque ele é meu primo, só que a mulher também é minha prima, porque é primo com primo, no caso, casados. Aí ela, rapaz, guarda isso, deixa o cara falar, eu quero escutar”, e ele tremia, o cara não sabia se falava, se não falava. E ele disse, “olhe não quero nem escutar você falando, você tirou a roupa, lhe mato”, o cara “tá certo, tá certo”. O cara morre de medo dele, morre de medo, a gente sai até com ele, eu não bebo, a gente vai pra bar, essas coisas pra tirar onda, passa uma mulher, ele abaixa a cabeça, rapaz, olha aí: “oxe, tá doido?”

Meninos: Risos.

Menino 1: “Deixa de ser besta que não vai ter nada não”, mas ele morre de medo do cara, porque sabe que ele mata mesmo (>>>), aí mata mesmo.

(grupo-focal meninos, escola pública)

5.1.5 Noivado e casamento

O noivado foi comentado com mais detalhe por apenas uma menina (19 anos, escola pública) que era noiva e que em determinado momento diferenciou o noivado do namoro:

Entrevistadora:- Seis meses. E qual é a diferença do namoro para o noivado?

Menina:- Assim, não que o namoro não tenha a mesma... mesmo compromisso mas o noivado é uma preparação para o casamento, não é? A pessoa... para noivar, a pessoa tem que assim, conhecer bastante a pessoa, saber se é aquilo mesmo que a pessoa quer. E já é um passo mais importante do que namorar. Eu acredito que seja isso (Menina 16 anos / escola pública).

O casamento por sua vez, é definido em alguns momentos do grupo como o destino final do namoro e como possibilidade de construir família e ter filhos. O casamento surge então como uma opção final, marcado pela respeitabilidade e estabilidade. O casamento também teria a função de manutenção da honra das famílias, nos casos em que a iniciação sexual das meninas é posta em pública, num contexto em que convivem padrões sobre o amor romântico e construções de gênero (HELBORN, 2004; AZEVEDO, 2004).

5.1.6 Relações homossexuais, bissexuais e heterossexuais

Durante a realização dos seis grupos-focais nenhum/a adolescente se identificou como gay, lésbica, bissexual ou travesti, contudo quando fizemos a primeira pergunta (Como vocês definem as relações afetivas entre adolescentes na cidade do Recife?) o grupo-focal formado por meninos e meninas de escola pública iniciaram dividindo os relacionamentos em homossexual, bissexual e heterossexual. É importante ressaltar que este grupo, mesmo com um certo distanciamento, apresentou a temática da diversidade sexual de forma positiva, como uma questão do campo dos direitos.

Pesquisadora: *E dessas relações homo, que vocês falaram homossexuais que vocês falaram.. o quê que vocês poderiam falar sobre isso dessas relações amorosas que vocês vêem ou vivem ?*

Todos: *Nada...*

Menina 1: *Ninguém tem nada com isso (>>>)*

Menino 3: *Eu acho que cada um aqui tem sua opinião formada de se é hétero ou não, mas pelo menos eu, eu, eu não entendi...*

Menina 1: *Mas qual é o problema de ser bicha.*

Menino 3: *mas eu tenho minha opinião formada se é bicha se é se não é, assim eu particularmente tenho minha opinião formada. Eu acho que cada um tem o direito de ser o que quiser.*

Pesquisadora: *Mas as relações amorosas são iguais a uma pessoa que é hétero de ficar de namorar?*

Menino 3: *Assim eu nunca fiquei tipo assim na questão logo eu acho que parecia ser um pouco mais fácil, que é a questão tipo homem é homem, mulher é mulher eu acho que é mais fácil de se entender do que homem e mulher.*

Menino 2 : *Porque tem menina gosta de arranjar briga rapa. Porque a mulher é assim e o homem é assado e fulano fez isso, beltrano fez tal eu acho que sempre houve esse tipo de coisa.*

Contudo, essa postura não se repetiu nos outros grupos, havendo críticas a distribuição de preservativos nas paradas LGBTT e que estaria “faltando” homens para as meninas, já que muito homens estariam se tornando gays, o que aumentaria o número de mulheres disponíveis, o que se converteria num incentivo para a traição dos meninos.

5.1.7 Sobre o amor romântico

A apresentação dos resultados dos grupos-focais, trouxe novas luzes para o fenômeno da violência entre namorados adolescentes. A primeira diz respeito a influência do amor romântico nas relações de namoro entre os/as adolescentes e as implicações deste modelo no surgimento de violência no namoro (MENDEZ, HERNANDEZ, 2001), segundo a nossa análise dos grupos, essa influência se daria de forma parcial, privilegiando alguns aspectos do amor romântico.

Não encontramos elementos que remetam ao culto da pessoa amada (COSTA, 1998) como apresentados nos romances medievais de Tristão e Isolda ou de Lancelot e Guinevere. Não havia referências a um amor que “tudo pode”, ou do amor como possibilidade única de felicidade, sendo comum à referência a outras

possibilidades de projetos de vida, como estudo, família, trabalho e amigos. Além disso, frente a possibilidade de violência o relacionamento deveria ser encerrado em preservação da pessoa.

Menina 3: Quando agente acaba o namoro é ruim também. Agente vê a hora que não dá mais certo é melhor acabar, continuar amigo ainda do que ficar com raiva da pessoa (grupo-focal misto, escola particular).

Um outro aspecto presente no amor romântico e que encontramos nas falas dos adolescentes é o impacto do fim dos relacionamentos em suas vidas. O fim dos relacionamentos de namoro é marcado por sentimentos de tristeza e manifestações de sofrimento.

Menino1: Não, já aconteceu de uma namorada minha acabar, pronto, essa que eu tenho acabou comigo já uma vez, aí pegou, “vamos voltar”, ela: “não quero, não”. “Vamos voltar”. Isso acabou na terça, quando foi no sábado ela disse, “olha, eu tô pensando se, vou ver se (...)”. Eu disse, “como é?” Tá certo, tchau, pronto. Num fui mais lá, num liguei pra ela. . Porque ela viu Ela quis dizer então que eu tava à disposição dela pra ela voltar a hora que quisesse. Eu, perai, menino, não é assim, não. Pô, tô triste, não comia, não dormi direito, porque o cara fica triste, porque um relacionamento é difícil (menino 18 anos, grupo-focal escola pública).

Por outro lado, o fim de um relacionamento pode ser visto como uma abertura, uma possibilidade de vivenciar outros relacionamentos em detrimento daquela relação que perdia o “encanto” por causa da rotina.

M 4 – Quando você termina, na maioria das vezes assim, na nossa idade, enjoa, você enjoa do namoro, quando você acaba, você já ta enjoado, aí você não sente.(menino 16 anos, grupo-focal, meninos escola particular)

Contudo a visão romântica do amor pode contribuir com relações asfixiantes entre adolescentes, o amor aparece como uma justificativa para o controle por parte do parceiro. Em situações mais graves o “amor” pode ser usado como estratégia para coagir a outra pessoa a fazer algo que ela realmente não queira, como ter relações sexuais:

M 3 – Pressão assim pra ela transar com você, se realmente te ama, sei lá, provar alguma coisa pra você, muitas vezes acontece isso, acho que hoje em dia não acontece muito porque as meninas estão bem mais conscientizadas, e tem uma autoridade digamos assim, e tem um ponto de vista, se não quiser, “eu não quero, então vamos acabar!” (rapaz 16 anos, grupo-focal meninos de escola particular).

5.2 SENTIDOS DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO

5.2.1 A violência Física

A primeira categoria de análise sobre os sentidos da violência no namoro, foi a violência física. A literatura nacional e internacional sobre o tema (HOWARD et al., 2007; RAMISETTY-MIKLER et al., 2006; RAIFORD et al., 2007; RIVERA - RIVERA et al., 2006; ALDRIGHI, 2004) aponta que a prevalência da violência física em casais de adolescentes é significativamente mais baixa se comparada com casais adultos (CÁCERES; CÁCERES, 2006). Para alguns dos participantes dos grupos-focais, isso se daria porque a relação de namoro ou o ficar entre os/as adolescentes seria finalizada de forma mais fácil que um casamento ou outra relação vivida por adultos. Isso se daria por causa da dependência financeira ou pela presença de filhos. No contexto do namoro ou do ficar o surgimento da violência seria motivo suficiente para terminar a relação:

Eu acho que não existe muita violência assim física em namoro, porque vendo que já tá engrossando o caldo, ou ele ou ela deixa, porque isso acontece mais no casamento, porque a mulher pensa nos filhos, pensa no que o povo vai falar, pensa no que gastou da festa, pensa que o casamento foi bonito. Aí isso acontece mais no casamento, porque no namoro, porque uma namorada, como eu disse, se ela me arranhar, me pegar no braço, eu deixo ela no mesmo dia, nem tem choro, nem tem vela pra ela. Aí isso acontece mais no casamento,

(Menino 18 anos /Grupo-focal masculino – escola pública)

F 5: é melhor deixar antes que parta para a agressão física

F 2: porque se a pessoa chega nesse ponto de querer bater é porque não tem mais respeito um com o outro, então é melhor acabar.

(grupo-focal meninas de escola pública)

F1– Assim pra idade da gente é meio difícil!

F2 – Eu acho que não também!

F1– Porque na idade da gente a gente vai mais pro diálogo, isso aí eu acho que é mais pra quem já ta muito tempo junto.

(grupo-focal meninas escola particular)

Apesar de mais distante, não significa que esta modalidade de violência seja relatada nos grupos-focais, contudo existe uma grande diferença na forma como ela é relatada para os estudantes de escola pública e do que para os estudantes de

escola privada. Durante a realização do grupo-focal com meninas de escola pública a pergunta sobre violência física silenciou uma parte do grupo, nesse momento, uma das meninas que já estava falando disparou: *“elas ficam caladas porque elas apanham”* (menina, 16 anos).

O silêncio inicial do grupo das meninas de escola pública fala do medo e vergonha associada a violência: *“difícilmente, no contexto da entrevista, as mulheres relatariam episódios de violência que não houvessem ocorrido, pois esta condição é estigmatizada e está relacionada à vergonha e culpa.”* (SCHRAIBER et al., 2007).

Esse empurrãozinho no meio da rua. Esse empurrãozinho de brincadeira. Ah, porque estava brincando. Eu conheço a minha prima que levou uma surra do namorado dela na rua. Ah, eu acho isso muito feio se agente quer respeito agente tem que dar respeito.

(menina 17 anos, grupo-focal misto escola particular)

Nesta passagem a menina sofreu violência porque não se deu o respeito, tendo parcela de culpa na própria violência que sofreu. Essa situação de estigmatização da mulher que sofre violência é problematizada por um dos rapazes participante de um dos grupos:

(...) Aí o povo faz: “mulher é safada mesmo, já apanhou do marido e ainda tá com ele”. É porque ela... ela não é uma pessoa safada... é uma pessoa que se acha incapaz de arrumar outra pessoa melhor do que ele, aí fica aceitando todos os desatinos do marido.

(rapaz 18 anos, grupo-focal masculino, escola pública)

A questão dos rapazes que sofrem violência física de suas companheiras é problematizada pelas meninas, que relatam situações em que namorados apanham e são humilhados por suas parceiras:

Eu não acho que é tão comum, mas tem uma menina lá em frente a minha casa tava com o namorado e daqui a pouco passa um casal com algum na cabeça e tá eles lá andando e ela: você estava fazendo isso, isso, isso e pá na cara dele. E ele tá bom em casa agente conversa. Não mais você estava fazendo aquilo, não sei o quê, não sei o quê e pá na cara dele. E quando chegar em casa você vai ver. E o povo tudo dizendo. É é descendo a ladeira nem, nem você, você me respeita eu sou sua esposa e pá na cara dele. E ele calmo e não sei o quê todo sereno e todo calmo, mas ela não, e ela você vai ver.

(menina, 16 anos grupo-focal misto de escola particular)

Segundo os rapazes a possibilidade do homem sofrer violência por parte de sua companheira ou é considerado algo ridículo, uma outra possibilidade é ele ignorar a violência cometida pela parceira. Como a mulher seria fisicamente mais fraca, seus atos de agressão não causariam dano significativo no homem, além disso os homens já se tratariam normalmente de forma violenta.

Menino 1: Lá perto de casa tem uma mulher que bate no marido.

Menino 2: Isso é uma vergonha.

(grupo-focal misto, escola particular)

Menino: Eu sou cana-de-açúcar, eu vou tirar meu bagaço e só dou a doçura a ela. Se ela quiser brigar, ela pode pegar ma minha goela e eu fico calado. Aconteceu um caso, minha ex-namorada mesmo, ela pegou a minha..., “ô, ô, ô”... Eu disse, “meu amor, não faça isso comigo não, porque eu não sou capaz de fazer isso com você não”. Dei uma tapa nela sem mão, ela me soltou e... “desculpa... me beija?”. Ela quer brigar, “ahhhh”, chega gritando, você fica calado.

(rmenino, 18 anos grupo-focal meninos escola pública)

Menino 1:- É de meninos para meninas, assim, mas... meninas assim quando tá com raiva assim... que fazer alguma coisa... já bota galho, já bota um chifre mesmo, mas não... até mesmo por causa do físico não vai agredir fisicamente, verbalmente pode até ser, mas menino é tão acostumada com isso, nem se importa mais com essas coisas assim. As meninas chegam dois beijinhos, “oi meu amor” aí os meninos já chegam: “Ei filho da puta, não sei o quê!” Aí bate assim, não sei o quê.

Entrevistadora: Você acha que os meninos se relacionam diferente?

Menino 1:- É. Os meninos já são mais acostumados com esse negócio de palavrão, dessas coisas assim. E quando briga verbalmente com a mulher, pode ficar até mais ofendido assim, porque é com a mulher e não aceitar essas coisas, mas... não é tanto quanto uma mulher ser agredida por um homem.

(grupo-focal de meninos, escola particular)

Contudo, essa condescendência masculina se desfaz quando a honra estiver em jogo, principalmente quando se tratar de traições:

Eu acho que sim, tipo... eu digo agressão física e verbal, porque quando é negócio de chifre aí, com certeza, com certeza não, mas pelo menos o homem fica bem mais abalado, eu acho

(menino, 16 anos escola particular)

Uma das causas da violência física entre casais de adolescentes seria a falta de respeito entre os parceiros o que culminaria geralmente com o fim da relacionamento já que o namoro perderia o sentido de existir.

Porque se a pessoa chega nesse ponto de querer bater é porque não tem mais respeito um com o outro, então é melhor acabar.

(Grupo-Focal/Menina/Escola Pública)

Você não tá dando, você não tem respeito por essa pessoa. ... [pausa] ...
Por mais que tenha acontecido, ocorrido alguma coisa qualquer e tal, não é motivo pra você agredir fisicamente a pessoa

(Grupo-Focal/menina/particular)

Eu acho assim, que... é... a partir do momento que a pessoa, que o namorado ou a namorada, levanta a mão para bater no outro, então eu acho que perdeu o respeito, perdeu o alvo do namoro. Porque senão... no pensamento: - Poxa, a gente está namorando e já levantei a mão ou já levantaram a mão pra mim, imagina no casamento. Então eu acho que a partir do momento que a pessoa levanta a mão para bater no outro, então eu acho que perdeu o respeito e não vale mais a pena (menina escola pública, 16 anos).

A agressividade dos meninos apareceria como um dos motivadores da violência “o namorado é agressivo” e os “caras só querem bater” (grupo-focal meninas escola pública). Por outro lado, os rapazes relatavam que as mulheres provocavam os homens para que estes cometessem violência e fossem “enquadrados” na lei Maria da Penha, segundo eles essa “favoreceria” as mulheres que criariam situações irreais para processar os homens.

E agora com essa nova Lei Maria da Penha, agora que você não pode mais nem triscar na mulher, que se ela (>>>) e você der uma porrada nela, você vai preso. Principalmente no namoro, porque no casamento, o marido da mulher tem receio, é pai dos filhos, é isso... Namorar não, rapaz, namorar (>>>) dá cadeia valendo, sem pena nenhuma. E aí agora, porque os homens agora estão pensando mais depois dessa lei. Eu acho essa lei um pouco arbitrária demais, porque briga de casal existe, raiva de mulher existe, como existe raiva de homem. Então, a mulher é a mesma coisa. Vou citar um exemplo, um homem tá no ônibus, aí a mulher tá em pé no ônibus, o cara sai ralando nela e se ela gritar que é tarado, o cara apanha até morrer, se ela cismar: “tarado!” O cara apanha até morrer, ele não fez nada. Como aconteceu um caso aqui mesmo em Pernambuco, a mulher disse que o marido tinha estuprado a enteada e quando foi provar, não. A mãe que induziu a filha a dizer que o padrasto estuprou ela, e o padrasto pagava escola, o cara só não apanhou pra morrer porque o policial tava passando na hora e deu dois tiros pra cima e conseguiu dispersar a multidão.

Pesquisador: Você acha que a Lei Maria da Penha pode aumentar a violência porque a mulher provoca...

Menino: Não, favorece a mulher.

Pesquisador: Favorece a mulher.

Menino: Favorece a mulher, ao invés da mulher buscar a segurança pra amenizar, ela vai buscar aumentar tudo, com assim, provocações pra cima do homem, pra ele agredi-la e acabar se dando mal.

(grupo-focal masculino, escola pública)

Esse tipo de argumento traduz uma visão vitimista das situações em que vivem os homens, já que certas idéias conservadoras de relações entre homens e mulheres passaram a ter pouca aceitação social, que o homens seriam vítimas das conquistas dos movimentos feministas, ignorando a situação de sofrimento que muitas mulheres passam diariamente e considerando a legislação específica, não como um instrumento de garantia de direitos humanos, mas como um instrumento de favorecimento das mulheres em relação aos homens que utilizariam a lei como forma de pressão e vingança, um conjunto de práticas que Bonino define como micromachismo: “uma série de estratégias utilizadas pelos homens com certa freqüência e que constituem formas de violência e controle sobre as mulheres”. (MENDÉZ, 2009).

Ainda segundo Mendéz e Hernandez (2001), seria justamente os homens que atribuem as mulheres a responsabilidade pela violência que elas mesmo sofrem, como os que teriam maior probabilidade de cometerem violência. Outros elementos foram relacionados a violência física com a associação entre o uso de álcool, ciúmes e o machismo:

Entrevistador – E agressão física?

M 1 – Também não!

M 2 – Geralmente é com pessoas adultas.

M 3 – Jovens mais assim, 25, 24 anos que vive casado é que acontece mais.

Entrevistador – Vocês acham que eles o quê?

M 2 – A mulher quer separar, aí o cara não quer, aí bate nela.

M 3 – Ou então ta com ciúme mesmo.

M 1 – Álcool também né.

M 2 – Ta descontando a culpa na bebida.

M 1 – É, ele ta com raiva da mulher, ele bebe, chega em casa bêbado pra bater nela...

M 2 – Não só nela como nos filhos também.

M 1 – Eles pensam, “eu sou casado, ela é minha, eu faço o que eu quiser!”

M 3 – É!

(grupo-focal, rapazes de escola pública)

O álcool apareceria de forma relacionada a violência contra a mulher, mas dentro de uma posição coadjuvante: 1. “ele estava com raiva da mulher; 2. Ele bebe e 3. ele chega em casa bêbado para bater nela. A motivação inicial seria a raiva, provocada no ciúme, essa raiva seria “descontada” na bebida e ressurgiria no momento em que esse homem hipotético chegasse em casa e agredisse a mulher. O uso de álcool teria relação com a violência cometida contra a mulher, mas não seria a causa da mesma (HEISE, 1994).

5.2.2 A violência psicológica

A segunda categoria de análise é a violência psicológica presente nas relações de namoro. Conforme apresentado na introdução a violência psicológica aparece em vários estudos como a modalidade de maior prevalência entre adolescentes de ambos os sexos. A produção dos grupos-focais é mais rica em detalhes nos grupos formados por meninos, meninas e nos grupos mistos. Diferente da violência física surgem mais relatos em primeira pessoa ou focando em parceiros/as e pessoas próximas.

A violência psicológica é definida pelos meninos como uma série de comportamentos de controle, perseguições e ameaças:

Menino1: É o que a pessoa não pode sair pra lugar nenhum que o cara fica, “sai, eu tô de olho em você, viu”? “Se você sair só, se falar com alguém na rua, eu tô sabendo...”

Menino 2: “tem alguém te seguindo”.

Menino1: “tem alguém te seguindo”

Menino 2: E mesmo sem ter...

Menino 1: Mesmo sem ter. A mulher, ela já anda, olha pros lados
(grupo-focal, meninos de escola pública)

Para alguns meninos a violência psicológica se confundiria com a violência sexual na forma de chantagens voltadas para conseguir relações sexuais através da ameaça de fim do relacionamento:

E tem gente que usa da pessoa pra provar que gosta dela, aí tem gente que usa essa pessoa, você usa ela pra provar que gosta de você só fazendo coisas absurdas, tipo o sexo, forçando a barra pra fazer as coisas.

(menino 16 anos, grupo-focal masculino – escola particular)

Para as meninas, as agressões psicológicas estariam ligadas ao fato de serem humilhadas por seus parceiros:

F 2: chamar de galinha, de safada

F 4: é verdade, agressão verbal sempre fica humilhando assim

Entrevistador: chama de safada, humilha.

F 2: galinha, não presta, não vale nada, zero a esquerda e isso e muito mais (grupo-focal, meninas de escola pública)

Em determinado momento, uma parte do grupo das meninas estranha o fato dizendo que situações como estas não aconteceriam no namoro, que pela gravidade só poderiam acontecer no casamento, já que o fim da relação seria mais difícil, o que foi contestado por parte do grupo.

F 4: eu nunca vi não, namoro não. Já vi em casado, varias vezes, mas em namorar desse.
F 2: mas tem minha filha, até ficante
F 2: até ficante tem
Entrevistador: até ficante tem?
F 2: até ficante acontece isso
F 3: comigo já aconteceu
Entrevistador: já aconteceu com você?
F 3: já.
F 2: quem manda passar o rodo!
 Rsrssrsrsrsrs
Entrevistador: você quer falar sobre isso ou não?
F 3: assim, agente assim, teve um... eu fiquei com ele, sendo assim, agente ficava depois ele tava namorando com a menina. Aí eu fui e disse a menina que eu ficava com ele aí eu sei que deu um rolo nós dois. Aí ele me chamou um bocado de coisa comigo, aí eu também chamei um bocado de coisa com ele também. Agressão verbal.
F 4: ah ta
 Rsrssrsrsrsr
Entrevistador: sei. Aí, como você se sentiu?
F 3: eu fiquei com raiva, não falei mais com ele, não falei mais com ele. Mas aí, depois eu voltei
Entrevistador: voltou pra ele?
F 3: porque assim...
F 1: ah, isso aí é piada
 Rsrssrsrsrsrsrs
F 2: ele vai te chamar de safada
 Rsrssrsrsrsrsr (grupo-focal, meninas escola pública)

Nota-se que nesse trecho a garota é censurada em dois momentos pelas demais colegas, primeiro por ter motivado a violência por parte do namorado “ela passou o rodo” e depois por ter se mantido na relação mesmo depois da discussão e agressão mútua com o namorado “ele vai te chamar de safada”.

O impacto da violência psicológica na vida dos/das adolescentes foi tema dos grupos-mistos. A violência psicológica foi descrita como algo que faz mal, irrita, que marca, dói, inferioriza e tortura quem sofre esse tipo de agressão :

Menina1: É...irrita sim, não é uma palavra que o companheiro disse: sempre que por mais que ele faça a gente esquecer, mais a gente nunca esquece. Sempre faz alguma coisa que trás aquele negócio a gente fica assim pó ele fez aquilo, há eu ainda to com ele, pó isso aí é difícil que não sei o quê. De um jeito ou de outro termina sempre nisso.

Menina3: Eu acho que quem também fala assim palavra não fica com a consciência tranqüila entendeu.

(grupo-focal misto, escola pública)

5.2.2 A Violência sexual

O surgimento da categoria violência sexual durante os grupos, quase sempre causava alguma reação nos grupos, sendo bem freqüente um tempo de silêncio até que alguém iniciasse a fala. Sabíamos como o tema era mobilizador e que poderia provocar um retraimento nos grupos, mesmo assim, depois do silêncio inicial foi uma das modalidades de violência que mais suscitou opiniões e posicionamentos nos grupos.

As primeiras reações foram de negação desse tipo de violência, que seria muito difícil que durante uma relação de namoro acontecesse alguma violência sexual, que este tipo de violência seria cometida por um desconhecido no meio da rua e jamais por uma pessoa tão próxima como um namorado. Alguns meninos também trouxeram a idéia de que algumas mulheres simulavam a violência sexual para incriminar os homens que seriam presos de forma injusta, isso porque elas gostariam de ter relações, mas como o homem se negava elas simulariam a situação de violência:

Menino: Eu acharia, acho que sim, porque muitas vezes as mulheres que querem, entendeu? Aí, como ele não quer demais, aí já puxa o estupro. Já dizem, como ele mesmo falou, por pirraça, entendeu?

Menino: Chega naquele limite que o homem não agüenta mais, ela puxa pra trás, pra não acontecer nada (grupo-focal meninos, escola pública).

Menino: Porque você já esta se relacionando com a pessoa porque você partiria pra agressão sexual?, poxa, não sei se seria muito bom quanto a mulher mas tudo bem tá namorando pó a gente um tempo no relacionamento... um casal mais evoluído, mesmo que você não tenha feito ainda amor e tal, não importa qual o argumento, mas porque forçar isso se você já tá com a pessoa o que vai fazer convencer ela fazer porque gosta sabendo que ela gosta de fazer isso do quê você forçando essa relação né no caso da agressão sexual (...) você vai ter prazer (...) mais não dessa

forma. (...) mas não tem (...) uma dessa não, eu acho. (menino, 16 anos grupo-focal misto escola particular).

Durante o grupo-focal realizado com os meninos surgiu a idéia de que as meninas provocariam a agressão sexual quando se insinuavam para os meninos, estes ficavam confusos sem saber deveriam ou não forçar uma situação, até mesmo porque se essa reação fosse muito lenta poderiam ser taxados pelo grupo e pela própria menina de homossexuais, o que seria considerado, pelos meninos, como uma situação constrangedora. Neste caso temos uma aproximação entre a homofobia (aversão a homossexualidade ou aos homossexuais) e a violência dos homens contra as mulheres (KIMMEL, 1997), exemplificado no trecho abaixo:

Menino1: É porque tudo é uma situação, veja. Se você tá lá, você namora com uma menina ou senão, tá ficando com ela, ela vem com uma saínda curtinha e a cruzada de perna pra esquerda, pra direita, ela tá lhe provocando...

Menino 2: E se você não faz nada com ela...

Menino 3: Ela não pensa nas conseqüências.

Menino 2: E se você não faz nada com ela, você leva fama de tudo.

Menino1: Eu já levei nome de “frango”¹², tem uma menina, eu nunca me interessei por ela, é bonita, mas... fuma, bebe, eu não fumo, eu não bebo. Ela pegou, ela: “tu é “frango”, é?” Na minha cara isso, aí eu disse: “minha filha, não sou “frango” não”. Ela: “por quê?” Eu: “não, não, tá bom”, pronto, corri.

Menino 3: Tem um caso de um colega meu que aconteceu, que ele ficou com uma menina, aí foi assim muito devagar, como disse aqui, só fazia beijar, não passava a mão no corpo da menina, aí nisso a menina começou a espalhar, terminou de ficar com ele e começou a espalhar que ele era muito devagar, que achava até que ele era “frango”. Aí passou-se um tempo, todo mundo correndo esse boato por aí, passou-se um tempo, ele ficou com a prima dela, aí com a prima dela foi bem diferente, fez ao contrário, foi logo tentando arrancar a roupa dela, aí começou a dizer que achava que ele era um tarado, aí começou a espalhar outro boato. Aí fica a questão, ser ou não ser atirado na relação? Agüentar as provocações...

(grupo-focal, meninos escola pública)

Essa impossibilidade dos rapazes de resistirem aos impulsos sexuais ao ponto de cometerem uma violência seria justificada pela presença dos “hormônios masculinos”, em outras palavras, o homem seria naturalmente propenso a cometer este tipo de violência a depender da situação. Segundo Norma Fuller (1997), o aspecto natural da masculinidade se refere aos órgãos sexuais e a força física, esses traços biológicos, seriam o núcleo do masculino que se fundaria em assim a partir de características supostamente inatas e imutáveis, dentre essas supostas características temos o fato de que o homem deve ser sempre sexualmente ativo,

¹² Homossexual masculino

que sempre estaria pronto para ter relações sexuais, a disponibilidade para ter relações sexuais seria dada por um conjunto de “interpretações” sobre a forma de agir, falar ou vestir da menina:

Menino1: aí fala logo “quer ou não quer minha filha?” Aí daí, pode até vir a violência sexual, porque “você quis, agora você vai”. Não, não, não, vai, pega à força, mete e pronto.

Pesquisador: O que é que vocês acham do que ele falou?

Menino2: É, a questão dos hormônios.

Menino1: É o que mais acontece.

Menino2: Porque a provocação vai provocando um dia, provocando mais no outro, os hormônios vai... ficando muito puxado, com aquela pressão todo o dia (grupo-focal, masculino escola pública).

Já para alguns dos rapazes do grupo dos estudantes de escola particular a violência sexual não estaria presente no seu grupo e sim nas “classes menos favorecidas” que apareciam na televisão. As falas ilustram um preconceito de classe referente a violência contra a mulher, de que a mesma só aconteceria entre pessoas pobres, preconceito esse que é atualizado todos os dias pela mídia que expõem diariamente em programas de televisão pessoas pobres vivenciando situações de violência, muitas vezes de forma sensacionalista ou mesmo jocosa.

M1 – Muitas vezes, na maioria das vezes é mais na classe menos favorecida assim, pessoas assim que não tem, digamos, tem educação pelo convívio delas assim, as pessoas que moram na favela assim, não que isso aconteça com todos, mas com algumas pessoas [trecho inaudível], os pais dela eram [trecho inaudível], deu educação, só que ela passava mais tempo fora de casa, ou na escola, e as vezes nem ia pra escola, na rua, do que com os próprios pais, então logicamente ela ia absorver aquilo com que ela passou mais tempo, então ela aprendia a se drogar, se prostituir, e assim ia, então isso no futuro poderia acarretar que quando ele conhecesse uma garota, essa garota não quisesse, ele aprendeu que tudo dele, que ele conseguia era forçado, e começou desde pequeno, o colega não quis dar o lanche ele foi lá e, aprendeu com os outros a tomar, “vamos tomar!”, aí toma, desde pequeno isso vai acarretando, e futuramente, se fosse a situação hoje, vai que acarretava assim, a namorada não queria transar, ela não queria, e o que ele tinha aprendido ali, não que ele disse, “eu aprendi aquilo, hoje eu vou fazer isso!”, não, mas acho que tem algum processo psicológico nisso...

M6 – Já que com todo mundo foi assim, com ela não vai ser diferente, ele pensa que pode conseguir tudo o que quer.

(grupo-focal meninos de escola particular)

Esse distanciamento dos adolescentes em relação a violência é tratada por Almeida, Santos e Trindade (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2000) como uma estratégia para lidar com a violência a partir de um fechamento em seus grupos de origem e que teriam um caráter de prática preventiva para lidar com a violência que seria percebida como um fenômeno que acontece fora de casa, não pertencendo ao grupo a qual os adolescentes estejam incluídos.

Os rapazes também se remetem a valores tradicionais da masculinidade nordestina quando esta violência acontecer com alguém próximo ou da família. O agressor sexual seria passível de morte, ou em certos casos, de casamento forçado com mulher agredida, numa idéia de garantir a honra da família:

Menino: Essa pesquisa mesmo é sobre Pernambuco, né? Aqui no Nordeste todo mundo sabe no Sul, que aqui no Nordeste todo mundo é ignorante, porque o homem daqui é ignorante mesmo. Mexeu com uma filha sua, você não gostou, já compra um revólver pra derrubar o cara dentro de casa.

Pesquisador: Hum, hum.

Menino: Já no Sul eu acho que não é assim, pode até ser, mas não com tanta frequência assim, né? Você disse um tanto assim pra mulher do cara, o cara vai em casa, pega um revólver e lhe mata (...). Vai buscar você pra casar com a filha dele pelo pé: você vai casar seu infeliz, senão lhe mato. O cara tem que casar a pulso. Outra questão da violência sexual, o cara tem que casar a pulso, não quer saber de nada, é porrada, aí, tá entendendo?

Pesquisador: É, você diz que ainda tem casamento a pulso?

Todos: Existe, existe.

Pesquisador: Do pai pegar e obrigar a casar?

Menino1: Não, forçado, o cara dá duas opção, tá achando ou não tá?

Menino: Só se for uma ameaça mesmo.

Menino1: Não, o cara dá duas opções, no Nordeste acontece isso, principalmente em Pernambuco, interior de Pernambuco.

Menino: O cidadão, você: ah, eu não quero casar. Ele dá duas opções: ou você casa ou vai pra sete palmos debaixo da terra, escolha (grupo-focal, meninos escola pública).

Também caberia aos meninos defenderem as meninas de possíveis agressões sexuais (como beijos forçados) em festas e shows:

M – Quem tá ao redor não aceita você vê uma mulher sendo forçada a ser pegada, os homens vão lá pra tentar ajudar né?

M – Porque você já tem uma opinião, esse cara não tem o direito de fazer isso com ela, só que na opinião dele ele tem o direito de fazer isso, digamos que, com a nossa opinião vai tentar ajudar.

(grupo-focal meninos, escola particular)

Para as meninas a agressão sexual seria um contra-senso a idéia de relacionamento amoroso, que esse tipo de agressão seria esperado de algum desconhecido, mas nunca de um namorado ou de uma pessoa com quem você está

ficando. Explicam também que uma pessoa que se mantém num relacionamento depois de ter vivido uma violência sexual o faz por medo de que aconteça algo pior com ela no futuro

Menina: Assim um caso desse até as marcas fica não é no corpo. Eu acho que fica na cabeça né. Porque é... por exemplo tinha um tarado aqui perto do lago, pó os caras se escondiam atrás da moita né, aí vê alguém passar não sabe se é mulher aí vai lá pega agride né, mais poxa ele nunca viu e não conhece aquela pessoa pra ele tanto faz mesmo a pessoa seja pega, mais pó a pessoa tanta conviver no caso do namorado... fica... é pior ainda fica uma monstruosidade pra mim eu acho.

Menina: Na maioria dos casos né, omitem né a agressão esta é a questão e ainda continuam com o parceiro dessa forma ...

Menino: Com medo, desconfiando de acontecer qualquer coisa.

Pesquisadora: Como?

Menino: Com medo e desconfiança.

Menino: Justamente isso eu acho que acontece com frequência também pelo fato de maioria das mulheres e meninas tem medo de se expor também medo de possíveis agressões futuras pelos mesmos parceiros e por isso se omitem não procuram o juiz...

(Grupo-focal misto, escola particular)

Durante a apresentação dos resultados podemos observar que alguns elementos presentes nas relações de namoro poderiam criar “ambiências” para o surgimento da violência, dentre elas os comportamentos de controle exercido por meninos e meninas em suas relações de namoro, o medo de ser abandonado/a pelo parceiro/a, papéis tradicionais de gênero, a influência da homofobia e do machismo. No caso do machismo ainda destacaríamos o medo/rechaço da traição e dupla moral sexual que concede direitos sexuais diferentes para meninos e meninas.

Os elementos citados acima servirão de base para tecermos as considerações finais deste estudo.

6 DISCUSSÃO

Antes de nos debruçarmos sobre a discussão deste trabalho, seria relevante destacar alguns elementos que surgiram durante a análise comparativa entre os grupos-focais e a literatura consultada para embasar o estudo. Uma primeira questão que precisa ser levantada é a questão de classe social. A opção por trabalhar com grupos de alunos de escola pública e privada tinha a intenção inicial de estabelecer um comparativo entre adolescentes oriundos de classes economicamente menos favorecidas e estudantes oriundos da classe média ou mesmo de classes mais abastadas.

Apesar desta intenção inicial, não havia um consenso de que estudar em escola pública ou privada se consistisse num indicador confiável de classe social, nem que os adolescentes que estudavam em escolas tão diferente viessem a formar grupos sociais específicos. Contudo durante a análise dos grupos-focais surgiram diferenças entre estudantes de escola pública e privada que precisam ser explicitados.

A primeira questão é a proximidade que os estudantes de escola pública relatam em relação a violência nas relações afetivas, que foi sempre relatada de uma forma mais próxima. Uma outra questão é o preconceito de classe já apontado nos resultados, a violência entre parceiros íntimos é percebida por alguns adolescentes de escola particular como algo que não acontece em seu meio e sim entre as pessoas pobres, o que reitera a imagem que a violência de gênero que acontece no contexto da classe média é abafada pela vergonha e não vêm a tona como acontece nas classes populares.

Ressalva semelhante fazemos ao fato de focarmos a cidade do Recife em nosso trabalho, não existe elemento algum que possibilite um tipo de generalização compulsória entre os/as adolescentes participantes deste trabalho e a totalidade de adolescentes recifenses.

O estudo estava atento a possibilidade de violência no namoro entre gays, lésbicas e travestis, mas na prática não tivemos nenhum relato desse tipo nos grupos, certamente pela dificuldade que esses/as adolescentes teriam de se

expressar nos grupos por causa da homofobia e mesmo a dificuldade, no casos das travestis, de permanecer na escola. Essa é uma lacuna a ser abordada em outros estudos com outras metodologias que permitam que essas vozes sejam escutadas.

A apresentação dos resultados demonstra as vivências complexas e multifacetadas das relações amorosas entre adolescentes na cidade do Recife. Convivem expressões muito próximas ao *flirt* descrito por Tales de Azevedo (2004) e que se aproxima muito do *conhecer* apresentado nos resultados. Temos o ficar, que pode ser vivido tanto da maneira ocasional e sem compromissos como pode ser encarado como um relacionamento que antecederia o namoro.

De um lado teria a atração da liberdade possibilitada por relacionamentos mais rápidos como o conhecer, o pegar e o ficar. Por outro lado, sentiriam falta do aprofundamento, conhecimento do outro e possibilidade de troca que existiria em relacionamentos mais duradores como, por exemplo, o namoro.

A opção pelo ficar não se daria apenas pelas razões descritas por Justo (2005), como o relacionamento preferido pelos adolescente por ser um símbolo das relações modernas como todo, marcadas pela falta de compromisso, ausência de sentimento e transitoriedade. Os adolescentes trouxeram que o ficar também se daria pelo medo da ser traído, de ter seus sentimentos desvalorizados pela outra pessoa, talvez o ficar não ilustre uma falta de sentimentos em detrimento das sensações, mas uma grande dificuldade de lidar com a frustração e possibilidade de ter seus sentimentos desconsiderados.

A violência psicológica foi trazida pelos/as participantes do grupo como a mais presente em seus cotidianos, o que nos obriga a pensar em metodologias mais eficazes de detecção desse tipo de violência, além disso, os próprios programas e campanhas estão mais direcionadas para a violência física e sexual, que são bem mais fáceis de serem detectadas.

A violência no namoro é reportada pelos adolescentes como algo negativo, indesejado, mas que aconteceria no contexto das relações que vivenciam e presenciaram. Como o nosso estudo não pretendia analisar a prevalência da violência no namoro, não podemos afirmar quantos adolescentes cometeram ou sofreram essa ou aquela modalidade de violência, nem quantificar a proporção de meninos e meninas que são vítimas ou perpetradores/as desse tipo de violência.

O que estudo pode apontar é que sim, a violência no namoro é cometida e sofrida por meninos e meninas das escolas públicas e privadas, mas isso não significa que o fenômeno da violência seja igual para meninos e meninas.

Num primeiro nível teríamos elementos como o ciúme, a insegurança e o desejo de controlar o parceiro como um elemento comum entre meninas e meninos. Esses elementos estariam ancorados na noção de amor romântico, no medo de dissolução da relação e da frustração que isso acarretaria, mas essa violência seria percebida de forma diferente e traria impactos distintos para a vida de meninos e meninas.

Os sentidos produzidos sobre a violência cometida contra as meninas não difere muito do que já é consensuado sobre a violência dos homens em relação as mulheres de uma forma geral, ou seja relações desiguais de poder baseadas em gênero. A violência sexual por exemplo, seria justificada pela insinuação das mulheres e por características biológicas dos homens que associadas gerariam a perda de controle e na seqüência a violência.

O machismo aparece de várias formas, inclusive na reação negativa, de alguns homens adolescentes, frente a possibilidade das mulheres se organizarem e construírem dispositivos legais que garantam a sua integridade física, a Lei Maria da Penha é vista como um dispositivo que favorece as mulheres, desequilibra as relações e se “intromete” no cotidiano dos casais, além do fato das mulheres se utilizarem da lei para incriminarem injustamente os homens.

Contudo, o não reconhecimento dos meninos de que os atos praticados pelas meninas seja violência também é um fato grave e que cabe uma interpretação baseada em gênero. O fato dos meninos afirmarem que não consideram os atos de violência cometidos pelas meninas como algo natural, já que todas as relações entre os homens já são normalmente violentas é um fato de extrema gravidade. Primeiro porque esconde que homens realmente estejam sofrendo violência por parte de suas parceiras e que vivenciem um tipo de sofrimento que não pode ser revelado.

Além disso, confirma um tipo de masculinidade que torna os meninos vulneráveis já que a violência é naturalizada como fazendo parte da maioria de seus relacionamentos.

Ao analisarmos os discursos dos meninos e meninas observamos que a questão da violência no namoro vai além das dicotomias entre homens e mulheres, agressores e vítimas, vai além de lugares cristalizados e nos remete para

posicionamentos orientados e atualizados pelas relações de gênero. Essa dinâmica foi destacada por Medrado e Mélo, quando analisavam os lugares e posicionamentos dos homens no contexto da violência:

Em síntese, as informações acima evidenciam que os homens estão colocados no contexto da violência em diferentes lugares, inclusive muitas vezes como produto- alvo de padrões de subjetividade orientados por modelos de gênero e de relações hierárquicas de poder que definem a dominação masculina sobre as mulheres. Ou seja, o mesmo sistema de poder que autoriza os homens a agirem de modo agressivo e fazer valer os seus direitos sobre as mulheres em nome da honra é o mesmo sistema de poder que os coloca em situação de vulnerabilidade (MEDRADO; MÉLLO, 2008).

Pensar na violência nas relações afetivas entre adolescentes nos remete a possibilidade de prevenção desse fenômeno. Existem experiências internacionais no Canadá e em Portugal para identificação e prevenção da violência nas relações afetivas entre adolescentes, através do envolvimento do governo e das universidades que consideraram a violência no namoro como um problema de saúde pública. No Brasil organizações não-governamentais como o Instituto PAPAI (Pernambuco) e o Instituto Promundo (Rio de Janeiro) desenvolvem programas e projetos voltados para a violência de gênero entre jovens através de metodologias e pares e campanhas comunitárias, essas metodologias são direcionadas para homens jovens e adolescentes.

Dentro do contexto brasileiro, não existe uma legislação específica que trate da questão da violência no namoro entre adolescentes, contudo, ao nosso ver isto não traz impedimento algum para que ações específicas para esta temática e público específico sejam implantadas, já que acreditamos os determinantes para a ação governamental são determinados mais por aspectos políticos do que pela ausência de um dispositivo legal específico, isso porque o arsenal legislativo atual já forneceria ambiência para a adoção de medidas voltadas para o tema e população. Neste sentido destacamos:

O ECA (Lei n. 8.069/90) garante aos/as adolescentes a inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, autonomia, direito de opinião e expressão, de buscar auxílio e orientação (Artigos 3º, 15º e 17º do ECA). Um outro fator a ser destacado dentro do contexto do ECA, é que o mesmo considera os/as adolescentes como pessoa em desenvolvimento, cabendo ao Estado medidas

protetivas para todos e de caráter sócio educativas nas situações em que o/a adolescente se encontrar em conflito com a lei (BRASIL, 1990a).

A lei Maria da Penha se utiliza do termo “agressor” para se referir ao sujeito ativo da violência doméstica e familiar contra a mulher, inclusive dentro do contexto da Lei Maria da Penha esse sujeito ativo pode ser outra mulher, o que traz a possibilidade de considerarmos a violência doméstica dentro do contexto das relações entre lésbicas.

A Lei Maria da Penha não faz nenhuma menção a idade do agressor. A citada Lei se preocupa em criar mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar, mas não restringiu sua aplicação aos imputáveis, já que este tipo de violência pode ser exercida por adolescentes (SOUZA NETO et al., 2008). Nessa situação entram em cena as medidas sócio-educativas como resposta ao ato infracional cometido pelo/a adolescente, explicitadas no artigo 112 do ECA:

“Art. 112 - Verificando a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar aos adolescentes as seguintes medidas:

- a) Advertência;
- b) Obrigação de reparar o dano;
- c) Prestação de serviços à comunidade;
- d) Liberdade assistida;
- e) Inserção em regime de semiliberdade;
- f) Internação em regime educacional

Em virtude da especificidade dos/das adolescentes, não se aplicariam as alterações previstas no código penal brasileiro que introduziria a violência contra a mulher como um agravante que aumentaria a pena máxima e diminuiria a pena mínima para os crimes de lesão corporal ocorridos em virtude de relações domésticas, de coabitação ou hospitalidade e (artigo 43) e a possibilidade de prisão preventiva em qualquer momento do processo decretada pelo juiz de ofício (artigo 20), contudo podem ser utilizadas algumas das medidas protetivas de urgência, expressas no artigo 22 da Lei:

Art. 22. Constatada a prática de violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos desta Lei, o juiz poderá aplicar, de imediato, ao agressor, em conjunto ou separadamente, as seguintes medidas protetivas de urgência, entre outras:

I - suspensão da posse ou restrição do porte de armas, com comunicação ao órgão competente, nos termos da Lei no 10.826, de 22 de dezembro de 2003;

II - afastamento do lar, domicílio ou local de convivência com a ofendida;

III - proibição de determinadas condutas, entre as quais:

a) aproximação da ofendida, de seus familiares e das testemunhas, fixando o limite mínimo de distância entre estes e o agressor;

b) contato com a ofendida, seus familiares e testemunhas por qualquer meio de comunicação;

c) freqüentação de determinados lugares a fim de preservar a integridade física e psicológica da ofendida;

IV - restrição ou suspensão de visitas aos dependentes menores, ouvida a equipe de atendimento multidisciplinar ou serviço similar;

V - prestação de alimentos provisionais ou provisórios.

Obviamente, a primeira medida tem caráter nulo para adolescentes, já que os mesmos não podem portar armas. Já a segunda medida, o magistrado, precisa levar em conta o ECA (SOUZA NETO et al., 2008), pois o mesmo é contrário a possibilidade do adolescente se afastar do lar, O art. 19 do ECA diz que:

Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes (BRASIL, 1990a).

A nosso ver, o grande diferencial que este debate traz é a possibilidade de abordarmos a questão da violência entre namorados garantido a proteção da vítima, mas agindo com o/a agressor dentro de uma perspectiva sócio-educativa, lembrando que o ECA não tira a responsabilidade dos/as adolescentes por seus atos, mas, promove um sistema diferenciado de responsabilização em virtude de considerá-los como sujeitos em desenvolvimento. Mesmo reconhecendo as limitações práticas de cumprimento das medidas sócio-educativas (sucateamento da rede, ausência ou sobrecarga de profissionais, preconceitos da sociedade), a ação com adolescentes pode inaugurar uma forma diferente de abordar a figura dos/as autores de violência contra a mulher.

No contexto da saúde, a Lei Federal *n. 8.080/ 90*, conhecida como Lei Orgânica da saúde (BRASIL, 1990b), adotou a concepção de direito à saúde como um direito humano fundamental que garante, em sua dimensão individual, a preservação da autonomia da pessoa nas ações e programas de saúde. Na sua dimensão coletiva, a lei garante o atendimento à demanda de grupos específicos

(trabalhadores, mulheres, adolescentes etc.). Estes princípios são reafirmados em 2005 com a publicação do Marco legal: saúde, um direito de adolescentes (BRASIL, 2005), da área temática de saúde do adolescente e do jovem, que expressa em vários momentos o compromisso do setor saúde em estabelecer mecanismos que possibilitem que adolescentes vivam sem violência ou que recebam cuidados específicos quando vierem a sofrer qualquer tipo de violência.

Os discursos analisados neste trabalho deixam claro que é necessário atentarmos para a necessidade de ações específicas para a questão da violência no namoro entre adolescentes. Essas ações precisam respeitar as especificidades culturais, sociais, de orientação sexual e de gênero vivenciadas por esses adolescentes. Tanto as ações de prevenção como de intervenção voltadas para as situações em que a violência já ocorreu precisam levar em consideração as construções que os/as adolescentes possuem sobre o namoro e outras formas de relacionamentos afetivos, e de como nessas construções se articulam elementos como o ciúme, traição, controle, expectativas de continuidade ou não da relação e sobre a própria possibilidade de violência.

A introdução de um olhar de gênero frente ao fenômeno da violência no namoro também traz elementos importantes para a atuação de profissionais e formulação/implantação de políticas públicas específicas sobre o tema, na medida em que ajuda a compreender como a presença de uma cultura machista pode estar associadas a agressividade, controle e dominação presentes nos adolescentes. O olhar de gênero também ajuda a compreender a invisibilidade das pessoas que sofrem esse tipo de violência, que muitas vezes permanece de forma oculta pela vergonha e culpa das meninas ou pela impossibilidade de se colocar no lugar de quem sofre a violência no discurso de alguns meninos.

Frente a escassez de trabalhos na temática produzidos e publicados no Brasil, reiteramos a necessidade de novas pesquisas que possam aprofundar e trazer novas questões para um campo de pesquisa que ainda se apresenta de forma muito incipiente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. A violência no namoro é inicialmente tratada em todos os 6 grupos-focais como algo negativo e contrário e lógica do namoro. O surgimento da violência seria um motivo suficiente para o fim do relacionamento;
2. Contudo, as construções sobre amor romântico e relações de gênero, criam situações favoráveis para o surgimento da violência e dificultam a saída do/da adolescente da relação violenta;
3. A violência é relatada entre estudantes de ambos os sexos, de escolas públicas e privadas mas surge com sentidos diferentes;
4. A violência sofrida pelas meninas está relacionada a medo, vergonha e humilhação e a perpetrada nos remete a sentimentos de ciúmes, controle e receio da traição;
5. A violência sofrida pelos meninos é encarada como algo vergonhoso ou é contextualizada dentro dos padrões de relacionamentos masculinos, que seriam naturalmente violentos. A violência perpetrada pelos meninos estaria ligada ao controle do corpo e sexualidade da parceira, ao receio da traição e pela homofobia;
6. A violência no namoro é trazida pelos estudantes da escola pública de uma forma presente no cotidiano, aparecendo como uma possibilidade de resolução de conflitos. Nos estudantes de escola particular ela é inicialmente negada e apontada como algo estranho ao meio deles, algo que presenciam na televisão e que só aconteceria nas classes pobre, contudo no desenvolver dos grupos essa imagem entrava em contradição com outros relatos
7. Recomenda-se que programas voltados para a prevenção de violência entre namorados/as adolescentes se dê no âmbito da educação e da educação em saúde.

REFERENCIAS

ABRAMO, H. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte, n. 5/6, p. 25-36, maio dez. 1997.

ADORNO, R. C. F.; ALVARENGA, A. T. ; VASCONCELOS, M. P. C. Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos, São Paulo: Fapesp/EDUSP, 2005.

ALDRIGHI, T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. Psicologia, Teoria e Prática, São Paulo, v.6 n.1, p 105 – 120, jun. 2004.

ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. Temas de Psicologia, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 257-267, 2000.

ASSIS, S. G. et al. Violência entre namorados adolescentes: Um estudo em 10 capitais brasileiras. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli, 2009. Nota: Pesquisa em andamento, não publicado, circulação restrita.

AZEVEDO, T. O cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclo de vida. Recife: Massangana, 2004.

BANYARD, V.L.; CROSS, C.; MODECKI, K.L. Interpersonal violence in adolescence: ecological correlates of self-reported perpetration. Journal of Interpersonal Violence , New York, v.21, n.10, p.1314-32, Oct. 2006.

BARNETT, O.W.; MILLER-PERRIN, C.L.; PERRIN, R. Family violence across the lifespan: an introduction. London: Sage, 1997.

BASILE, K.C. et al. The association between self-reported lifetime history of forced sexual intercourse and recent health-risk behaviors: findings from the 2003 National Youth Risk Behavior Survey. Journal Adolescence Health, New York, v.39, n. 5, p.752, Nov. 2006.

BATISTA, C.; MAIA, M. (org.). Estado laico e liberdades democráticas. Recife: Articulação de Mulheres Brasileiras. 2006.

BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência Intrafamiliar: Orientações para a prática em serviço. Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de redução de Morbi-Mortalidade por acidentes e Violências. Brasília, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Brasília, 2005.

BRASIL. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 8 ago. 2006.

BRASIL, Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 jul. 1990a.

BRASIL, Lei n. 8.080 de 19 de setembro de 1990. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 set. 1990b.

CALIGARIS, C. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000. (Coleção Folha Explica).

CARDIA, N. Pesquisa sobre Atitudes, Normas Culturais e Valores em Relação a Violência em 10 Capitais. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos humanos, 1999.

CARLINI-COTRIM. B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substância. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v.30, n.3, p. 285-93, 1996.

CÁCERES, A.; CÁCERES, J. Violencia en relaciones íntimas en dos etapas evolutivas. International Journal of Clinical and Health Psychology, Granada, v. 6, n. 2, p. 271-284, 2006.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Physical dating violence among high school students--United States, 2003. MMWR: Morbidity and mortality weekly report, Atlanta, v.55, n.19, p. 532-5, May 2006.

CHAN KL; et al. Common correlates of suicidal ideation and physical assault among male and female university students in Hong Kong. Violence and victims. New York, v. 22, n.3, p.290-303, 2007.

CONVENÇÃO INTERAMERICANA PARA PREVENIR, PUNIR E ERRADICAR A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, 1994, Belém, PA. Relatório Final, Belém: Organização dos Estados Americanos, 1994.

COSTA, J. F. Nem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, I. E. R. da; LUDERMIR, A. B.; AVELAR, I. Violência contra adolescentes: diferenciais segundo estratos de condição de vida e sexo. Ciência e saúde coletiva, Rio de Janeiro, v.12, n.5, p.1193-1200, Set./Out. 2007.

DECKER, M. R.; SILVERMAN, J. G.; RAJ, A. Dating violence and sexually transmitted disease/HIV testing and diagnosis among adolescent females. Pediatrics, Evanston, v.116, n.2, p.272-6, Aug. 2005.

DEL PRIORI, M. História do amor no Brasil. São Paulo. Contexto: 2006.

DURANT, R.H.; CHAMPION, H.; WOLFSON, M. The relationship between watching professional wrestling on television and engaging in date fighting among high school students. Pediatrics, Evanston, v.118, n. 2, p. 265-72, Aug. 2006.

FRANCH, M. Tardes ao léu: Um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

FREEDNER, N. et al. Dating violence among gay, lesbian, and bisexual adolescents: results from a community survey. Journal of adolescent health, New York, v. 31, n. 6, p.469-74, Dec. 2002.

FOSHEE, V.A. et al. Typologies of adolescent dating violence: identifying typologies of adolescent dating violence perpetration. Journal of interpersonal violence, New York, v.22, n. 5, p.498-519, May 2007.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo, 2001.

FULLER, N. Fronteras y retos: varones de clase media del Perú. Santiago: ISIS Internacional,1997. (Ediciones de las Mujeres, n.24)

GIDDENS A. A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedade modernas. São Paulo :Unesp, 1993.

GIFFIN, K. Violência de gênero, sexualidade e saúde. Cadernos de Saúde Pública,Rio de Janeiro, v. 10, supl.1, p. S146-S155. 1994.

GOMES, R. Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

HELBORN, M. L. Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamound, 2004.

HEISE, L. Gender-based abuse: the global epidemic. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.10, supl.1, p 135 -145. 1994.

HICKMAN, L. J.; JAYCOX, L. H.; ARONOFF, J. Dating violence among adolescents. Prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. Trauma, Violence & Abuse, Thousand Oaks, v. 5, n. 2, p. 123-142, 2004.

HINES, D. A.; STRAUS, M. A. Binge drinking and violence against dating partners: the mediating effect of antisocial traits and behaviors in a multinational perspective. Aggressive Behavior, New York, v. 33, n. 5, p. 441-57, Sep/Oct 2007.

HOWARD, D. E.; WANG, M. Q.; YAN, F. Psychosocial factors associated with reports of physical dating violence among U.S. adolescent females. Adolescence. Roslyn Heights, v.42, n.166, p. 311-24, 2007.

HOWARD, D.E.; WANG, M.Q. Psychosocial factors associated with adolescent boys' reports of dating violence. Adolescence, Roslyn Heights, v. 38, n.151, p.519-33, 2003.

JOYCE, E. Teen Dating Violence: Facing the Epidemic. Disponível em: <<http://www.ncvc.org/ncvc/AGP.Net/Components/documentViewer/Download.aspxnz?DocumentID=37930>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

JORGE, M. H. P. de M. Violência como problema de saúde pública. Ciência e Cultura, São Paulo, v.54, n.1, p.52-53, jun/set. 2002.

JUSTO, J. S. O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. Revista do Departamento de Psicologia – UFF, Rio de Janeiro, v.17, n. 1, p. 61-77, 2005.

KIMMEL, M. S. Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. In: VALDÉS, T. ; OLIVARIA, J. Masculinidade/s : poder y crisis. Santiago, 1997. (Ediciones de las mujeres, n. 24).

LYRA, J., et al. “A gente não pode fazer nada, só podemos decidir o sabor do sorvete”. Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos. Cadernos Cedes, Campinas, v. 22, n. 57, p. 9-21, ago., 2002.

MACHADO, C.; MATOS, M.; MOREIRA, A. I. Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. Psicologica, Coimbra, n. 33, p. 69-83, 2003.

MAHLSTEDT, D.L.; WELSH, L.A. Perceived causes of physical assault in heterosexual dating relationships. Violence Against Women, New York, v.11, n.4, p.:447-72, Apr 2005.

MATOS, M.; MACHADO, C.; CARIDADE, S. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. Psicologia Teoria e Prática, São Paulo, v.8, n.1, p.55-75. 2006.

MELLO, R. P.; et al. Construcionismo, praticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. Psicologia & Sociedade, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 26-32, 2007.

MEDRADO-DANTAS B. Tempo ao tempo: a gestão da vida em idade. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Nos homens, a violência de gênero. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Programa de Prevenção, Assistência e Combate à Violência Contra a Mulher. Plano Nacional: diálogos sobre violência doméstica e de gênero: construindo políticas públicas. Brasília, 2003. cap. 4., p. 21-26.

MEDRADO, B.; LYRA, J. A adolescência “desprevenida” e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. In: SCHOR, N.; MOTA, M.; CASTELO BRANCO, V. (orgs.). Cadernos Juventude, saúde e desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde, Secretária de Políticas de Saúde, 1999. p. 230-248.

MEDRADO, B.; MÉLLO, R. P. Posicionamentos críticos e éticos sobre a violência contra as mulheres. Psicologia & Sociedade, São Paulo, v. 20, p. 78-86, 2008. Edição Especial

MÉNDEZ, L. B. Micromachismos: la violencia invisible en la pareja. Disponível em: <<http://www.juntadeandalucia.es/institutodelajuventud/informacionsexual/ficheros/articulos/micromachismos.pdf>>. Acesso em: 01 jan. 2009.

MÉNDEZ, R. G.; HERNÁNDEZ, J. D. S. La violencia en parejas jóvenes. Psicothema, Madrid, v. 13, p. 127-131, 2001.

MINAYO, M. C. Pesquisa Social - Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes. 1999.

MINAYO, M. C. S. Inequality, violence, and ecology in Brazil. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 10, n.2, p.241-250, abr.jun. 1994.

MINAYO M. C. S., SOUZA E.R.de (Org.). Violência Sob o Olhar da Saúde: infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003.

MINAYO, M.C.S.; et al. Possibilidades e dificuldades nas relações entre ciências sociais e epidemiologia. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro. v.8, n. 1, p. 97-107, 2003.

MINAYO, M. C. S. A Violência sob a perspectiva da saúde pública. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 7-18, 1994.

_____. A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, 2004. Disponível na internet: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 4 set. 2007.

_____. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 10, 1994. On-line. Disponível na internet: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 24 set. 2007.

NASCIMENTO, P. F. G. "Ser Homem ou Nada": diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe/PE, 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. World Programme of Action for Youth to the Year 2000 and Beyond. Nova York, 2000. Disponível em: <<http://www.un.org/esa/socdev/unyin/library/index.html>> Acesso em: janeiro de 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório Mundial Violência e Saúde. Genebra, 2002.

_____. Informe Mundial sobre la violencia y la salud: resumen. Oficina Regional para las Américas de la Organización Mundial de la Salud. Washington, D.C.; 2002.

_____. La Salud de los Jóvenes. Geneva, 1995.

OLSHEN, E. et al. Dating violence, sexual assault, and suicide attempts among urban teenagers. Comment In: Archives Pediatrics Adolescence Medical, Chicago, v.161, n.6, p. 609-10, Jun. 2007.

PERRY, A. R.; FROMUTH, M. E. Courtship violence using couple data: characteristics and perceptions. Journal Interpersonal Violence, New York, v.20, n.9, p.1078-95, Sep. 2005.

PETERS, J., SHACKELFORD, T. K. ; BUSS, D. M. Understanding domestic violence against women: Using evolutionary psychology to extend the feminist functional analysis. Violence Victims, New York, v. 17, n.2, p. 255-264, Apr. 2002.

RAIFORD, J. L.; WINGOOD, G. M.; DICLEMENTE, R. J. Prevalence, incidence, and predictors of dating violence: a longitudinal study of African American female adolescents. Journal Womens Health, Larchmont, v.16, n. 6, p. 822-32, Jul. Ago. 2007.

RAMISETTY-MIKLER, S.; GOEBERT, D.; NISHIMURA, S.; CAETANO, R. Dating violence victimization: associated drinking and sexual risk behaviors of Asian, Native Hawaiian, and Caucasian high school students in Hawaii. Journal Scholar Health. Malden, v.76, n. 8, p. 423-429, Oct. 2006.

RECIFE. Secretaria de Saúde. Diretoria de Epidemiologia e Vigilância à Saúde. Perfil Epidemiológico do Recife. Recife, 2005.

RECIFE. Diretoria Geral de Desenvolvimento Urbano e Ambiental, Departamento de Informações e Projeções. Regiões Político-Administrativas do Recife: aspectos gerais. Recife, 2001. (edição restrita)

REDE FEMINISTA (BRASIL). Dossiê violência contra a mulher panorama sobre a violência de gênero. Disponível em: <<http://www.redefeminista.com.br/panorama>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

RICKERT, V.I.; VAUGHAN, R.D.; WIEMANN, C.M. Adolescent dating violence and date rape. Current Opine Obstetric Gynecology, Stanford, n.14, v.5, p. 495-500, Oct. 2002.

RIVERA-RIVERA L. et al. Dating violence and associations with depression and risk behaviors: female students in Morelos, Mexico. Salud Publica México, Ciudad del México, n. 48, supl 2: p. 288-96, 2006.

ROSEMBERG, F.. O discurso sobre criança de rua na década de 80. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, p. 235 -247 n. 87. 1993.

ROBERTS, T.A.; AUINGER, P.; KLEIN, J.D. Intimate partner abuse and the reproductive health of sexually active female adolescents. Journal Adolescence Health, New York, n.36, v. 5, p. 380-385, May 2005.

SEQUESTRO DE 100 HORAS TERMINOU COM MORTE DA ADOLESCENTE ELOÁ. O GLOBO, 17 out. 2008. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/sp/mat/2009/01/08/sequestro-de-100-horas-terminou-com-morte-da-adolescente-eloa-587960818.asp>>. Acesso em: 21 jan. 2009.

SEARS, H.A.; SANDRA, B.; LISA, E. The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviours in their dating relationships. Adolescence, Roslyn Heights, v. 30, n.3, p.487-504, Jun 2007.

SCHRAIBER, L. B. et al.. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 41, n. 5, p. 797-807. 2007.

SCHRAIBER, L. B.; GOMES, R. ; COUTO, M. T.. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. Ciência e saúde coletiva, Rio de Janeiro: v.10, n.1, p. 7-17. 2005.

SCOTT, P. Gênero, Família e Comunidades: Observações e aportes teóricos sobre o Programa de Saúde da Família. In: WILZA V.; SIMONE M.(orgs). Gênero e Saúde: Programa Saúde da Família em questão. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva, 2005.

SCHIFF, M.; ZEIRA, A. Dating violence and sexual risk behaviors in a sample of at-risk Israeli youth. Child abuse and neglect, Oxford, v. 29, n. 11, p.1249-63, Nov. 2005.

SCOTT, R. P; et al. Como nossos pais? Homens e gerações em três contextos diferentes em Pernambuco. In ADORNO, R. C. F et al. Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo,1995. (Educação e Realidade v.20, n.2)

SILVERMAN, J.G. et al. Social norms and beliefs regarding sexual risk and pregnancy involvement among adolescent males treated for dating violence perpetration. Journal Urban Health Care, New York, v.83, n.4, p.723-35, Jul. 2006.

SIMMEL, G.. Filosofia do amor, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOUZA, E. R.; MINAYO, M. C. S. O Impacto da Violência Social na Saúde Pública do Brasil: Década de 80. Rio de Janeiro: Centro Latino Americano de Estudos Sobre

Violência e Saúde, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz
1994. (Distribuição restrita)

SOUZA NETO, M. O et al. Aplicabilidade da lei Maria da Penha no âmbito da justiça juvenil: Direitos e garantias do adolescente em conflito com a lei. Ministério Público do Estado do Rio Grande do Norte 65ª. Natal: Ministério Público do Estado do Rio Grande do Norte 65ª, 2008. disponível em < www.abmp.org.br/.../231925-Aplicabilidade%20da%20Lei%20Maria%20da%20Penha%20no%20>

SPINK, J.M.; MEDRADO, B.. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, J. Mary(Org.). Práticas Discursivas e produção de sentidos, aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 41-62

SPINK, M. J. P.; MENEGON, V. A pesquisa como prática discursiva. In: SPINK, M.J. (Org.). Práticas Discursivas e produção de sentidos, aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 63-92

SPINK, M.J.; LIMA, H. Rigor e Visibilidade: A explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, M.J. (Org.). Práticas Discursivas e produção de sentidos, aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed.. São Paulo: Cortez, 2004. p. 93-122

SPINK, M.J.; FREZZA, R. M. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, M.J. (Org.) Práticas Discursivas e produção de sentidos, aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 17 - 40

STRAUS, M.A.; RAMIREZ, IL. Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in Mexico and USA. Aggressive behavior / International Society for Research on Aggression. New York, v.33, n.4, p.281-90, Jul. Aug. 2007.

SWART, L.A. et al. Violence in adolescents' romantic relationships: findings from a survey amongst school-going youth in a South African community. Journal Adolescence, London, v.25, n. 4, p.385-95, Aug. 2002.

TAQUETTE, S. R. et al. Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.19, n.5, p. 1437 – 44, Set. Out. 2003.

VENTURA, M.; CORREA, S. Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1505 – 1509, 2006.

VEIGA-NETO, A.; LOPES, M. C. Inclusão e governamentalidade. Educação e Sociedade. Campinas, v. 28, n. 100, p. 947-963, out. 2007.

APENDICE A – DETALHAMENTO DOS GRUPOS-FOCAIS

Apresentação dos grupos

Conforme descrito na metodologia foram realizados 6 grupos-focais. A realização dessas etapas era sempre sucedida pela realização dos questionários. O objetivo da apresentação dos grupos é contextualizar o leitor sobre o local de realização dos grupos-focais, o perfil da escola e um pouco do clima de realização do grupo.

GRUPO 1(Misto: Composto por meninos e meninas de escola particular)

O primeiro grupo foi realizado no dia 26 de maio de 2008 e contou com a condução de uma pesquisadora do CLAVES e o registro e observação de um pesquisador do LEVES. O grupo teve uma duração total de duas horas e teve a participação de 10 adolescentes sendo 7 meninas e 3 meninos. O grupo teve a seguinte disposição:

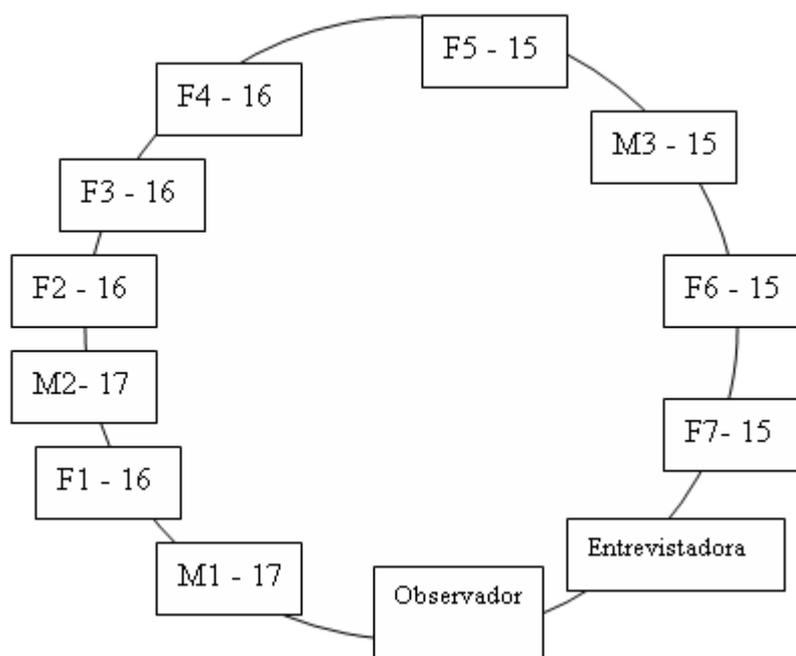


Figura 5 – Representação espacial Grupo-Focal 1

O primeiro grupo foi realizado numa escola particular do centro do Recife. É uma escola que funciona há mais de 8 anos e tem uma orientação religiosa (protestante) declarada. O prédio está bem conservado e a escola possui equipamentos como quadra, piscina e laboratório. O próprio grupo-focal foi realizado num laboratório de ciências.

O grupo iniciou com os adolescentes definindo as possibilidades de relacionamento entre eles. Segundo o grupo a primeira forma de relacionamento seria o “conhecer”, que é o primeiro contato entre os jovens “conhecer é dar uns beijinhos no rosto, mas é coisa mais de criança, a gente não se conhece mais” (Feminino 1 – 15 anos). Depois viria o “ficar” (que é a mesma coisa do “pegar”) que pode acontecer numa festa ou na escola. Os adolescentes não entram em consenso sobre os limites do “ficar” e acabam definindo duas modalidades de “ficar” o “ficar” básico comum entre adolescentes (com beijos e carícias) e o ficar adulto “que se estende a quatro paredes” (Feminino 6 – 15 anos). Já o namoro teria uma componente maior de responsabilidade, de envolvimento da família e que seria um passo para o noivado e o casamento.

“Meu namorado é muito ciumento, muito criança”(…) “Namoro sempre empata, gostaria de namorar uma pessoa mais velha” (Feminino 2 – 16 anos).

Para alguns o “ficar” também seria um passo para o namoro e não seria legal ficar com várias pessoas, para outros não deveria haver esses compromissos, que eles poderiam conhecer pessoas sem a necessidade de estabelecer um compromisso.

Falam do envolvimento dos pais nos seus relacionamentos, que os pais deveriam aconselhar, mas tinham que respeitar a opinião dos filhos. Um dos rapazes (Masculino 2 de 17 anos) Conta que sua mãe não aprovava que ele namorasse que tanto insistiu que ele acabou terminando o relacionamento. Outra menina (Feminino 7 – 15 anos) comentou que os pais queriam que os filhos se dedicassem aos estudos, segundo uma outra adolescente de 16 anos os pais queriam que “vivemos o que eles não viveram, mas só estudo não leva ninguém a nada”(Feminino 7 de 15 anos).

Outra menina discordou dos colegas, evidenciando a importância da participação dos pais na vida dos adolescentes.

Sobre violência no namoro, trazem relatos de pessoas que conhecem: “minha prima trata o namorado como se fosse um cachorro” (Mulher 2 16 anos). Viam a violência no namoro como uma coisa errada, que a pessoa deveria acabar com a relação no primeiro sinal de manifestação de violência.

O grupo ressaltou a importância da reciprocidade num relacionamento amoroso, da importância de dar carinho e de ser correspondido, por isso a presença da agressão psicológica ou física deve funcionar como um alerta de finalização do relacionamento.

Quando tocamos no assunto da violência sexual, o grupo silenciou-se por um instante e teve dificuldade em relatar ou exemplificar situações de violência sexual no dia-a-dia. A conversa fluiu melhor quando se falou em beijo forçado (que era diferente do beijo roubado), mas uma parte do grupo não enquadrou o beijo forçado como uma expressão de agressão sexual.

O grupo fluiu com um bom fluxo de fala, tinha a presença de pessoas mais falantes, mas a fala correu por praticamente todos os presentes. As meninas estavam em maior número que os meninos, mas as falas foram proporcionais aos dois sexos.

GRUPO 2 (Meninas de escola pública)

O segundo grupo-focal aconteceu na tarde do dia 26 de maio de 2008, sendo realizado numa escola pública do bairro de Areias (RPA 5) e contou com a presença de 6 meninas com idades entre 15 a 18 anos. A escola apresenta problemas comuns a muitas escolas estaduais da periferia. As paredes estão riscadas, os banheiros sujos e quebrados, as salas são escuras e abafadas, faltam professores em algumas turmas e os estudantes permanecem nos corredores sem ter o que fazer.

O grupo foi conduzido por uma pesquisadora do CLAVES e observado por um pesquisador do LEVES e teve a seguinte disposição:

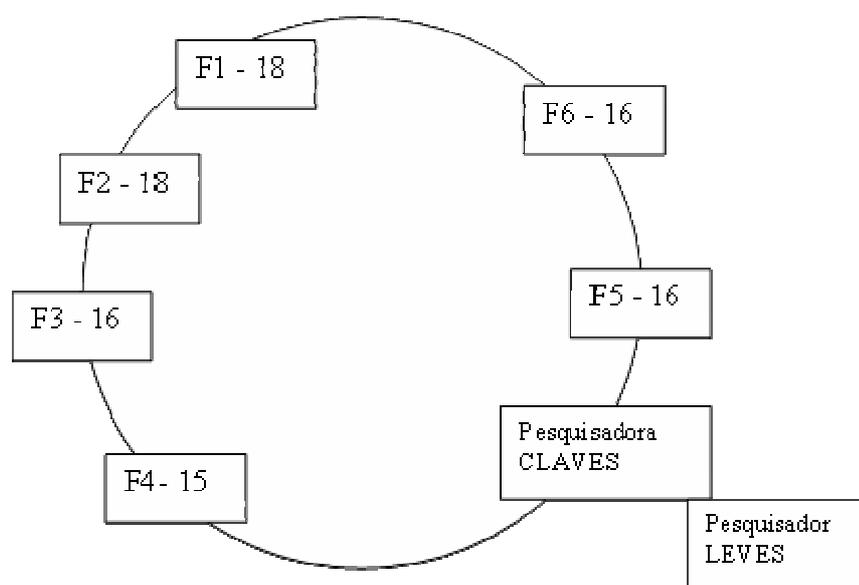


Figura 6 – Representação espacial do Grupo-Focal 2

Após a realização do questionário, foi aberto o convite para a participação das meninas no grupo-focal e algumas resistiram aparentando pouca empolgação com a proposta. Durante o trajeto da sala de aula até o local de realização do grupo algumas meninas pensaram em desistir, mas acabaram indo todas.

A sala escolhida era um tipo de mini-auditório, mas não tinha chave e a porta era aberta a toda hora, o que obrigou o pesquisador que estava na função de observador a sair da mesa para sentar junto a porta bloqueando a mesma. Contudo essa saída deixou o grupo mais a vontade e a fala fluiu com mais facilidade.

As meninas iniciaram, diferenciando o que é “colar”, “pegar”, “ficar” e “namorar”. Colar e pegar seriam praticamente a mesma coisa: “um beijo e pronto” (Feminino 3 – 16 anos). Já o ficar, envolveria mais tempo e manteria a característica de ser uma relação sem compromisso, às meninas poderiam ficar com mais de um garoto sem problemas. Já o namoro teria a figura de um só garoto, que seria o “fixo”.

Mesmo com algumas brincadeiras, a violência aparece como um elemento negativo: “Se ele vem querendo bater é porque não tem mais respeito pelo outro” (Feminino 5 – 16 anos).

O tema da agressão sexual é sucedido de um breve período de silêncio, que pode ser exemplificado tanto em chantagear o outro para ter benefícios sexuais ou mesmo numa situação de estupro.

As meninas falam da violência no namoro com uma certa naturalidade, não aparentando surpresa ou incomodo ao escutarem relatos de situações de violência. Criticam umas as outras por serem “varredoras”, ou seja, terem vários relacionamentos o que provocaria o ciúme dos meninos.

Nota-se que é uma forma de se expressar e um significado muito próximo ao descrito por Del Priore (2006) sobre o comportamento sexual das meninas nos anos 1940 e 1950:

Não era recomendável para a reputação de uma jovem usar roupas muito ousadas e sensuais, sair com vários rapazes, ser vista em lugares escuros ou em situação que sugerisse intimidades com um homem, sendo prejudicial para seus planos de casamento ter fama de leviana, namoradeira, vassourinha ou maçaneta (que passa de mão em mão), enfim, de garota fácil, pois poucos homens aceitavam a idéia de contraírem matrimônio com uma moça deflorada por outro, ou seja, a virgindade continuava representando uma necessidade, pois indicava a pureza das mulheres (DEL PRIORE, 2006).

Quando perguntamos como se sentiam frente ao fim de um relacionamento com uma pessoa que gostavam muito respondiam que poderiam se sentir mal, mas também, “soltar foguetes”.

O clima no grupo era um pouco “pesado” sendo comum que as meninas se tratassem de forma ríspida ou irônica, mesmo assim houve uma boa circulação da palavra na maioria das integrantes do grupo.

GRUPO 3 (Meninos escola particular)

O terceiro grupo foi realizado na manhã do dia 27 de maio, numa escola particular do bairro do Espinheiro (RPA – 3) e contou com a presença de 8 rapazes, todos com 16 anos.

O colégio fica num bairro de classe média alta na zona norte do Recife. É uma escola relativamente nova e que tem destaque na aprovação em vestibulares. As salas são grandes, com boa luminosidade e ar-condicionado. A escola está limpa, pintada e passa uma sensação de segurança. Fomos recebidos pela psicóloga da instituição e posteriormente, pelo diretor, que nos fez recomendações de não admitir nenhum tipo de indisciplina dos estudantes no momento da aplicação,

porém não tivemos nenhum problema de qualquer tipo com os alunos que foram bem receptivos a pesquisa. O grupo foi conduzido por um pesquisador do LEVES e observado por uma pesquisadora do CLAVES e outra do LEVES, sendo realizado na própria sala de psicologia, contando com a seguinte disposição:

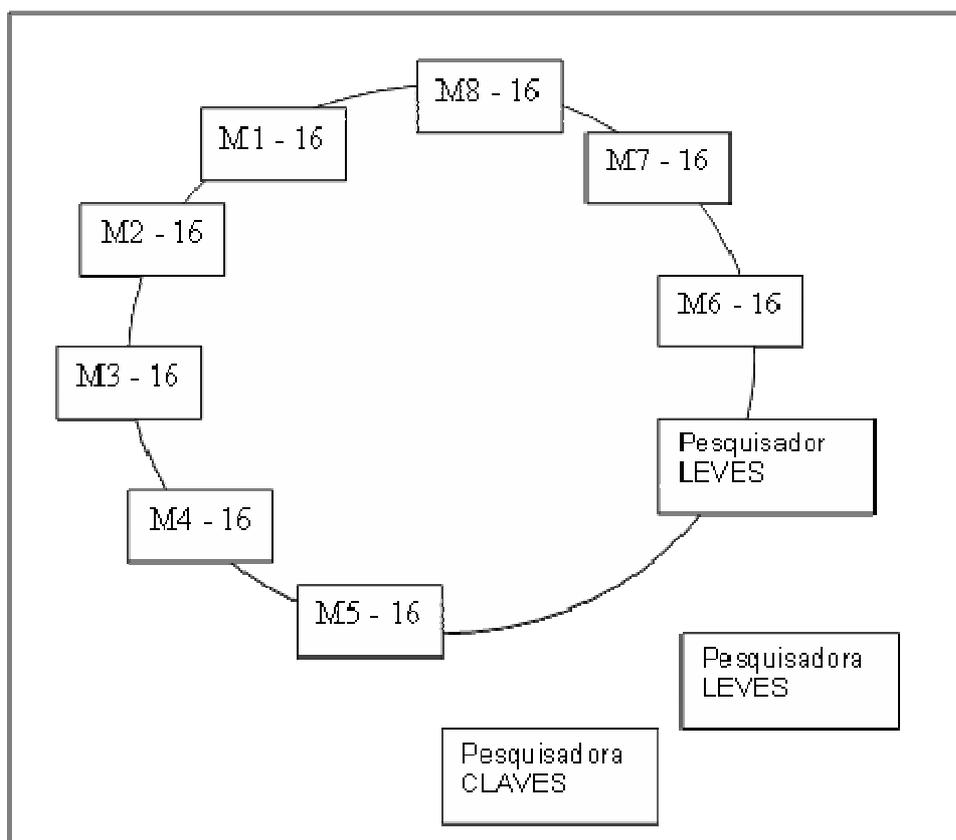


Figura 6 – Representação espacial Grupo-Focal 3

Após a realização do questionário convidamos alguns jovens que terminaram a atividade para depois do intervalo nos reunir num grupo que iria conversar sobre temas parecidos com os que tinham sido abordados no questionário. Um detalhe que nos chamou atenção foi a homogeneidade etária do grupo, todos participantes tinham 16 anos.

Iniciamos falando sobre as formas de relacionamento afetivo entre os jovens e, logo, boa parte do grupo se posicionou sobre as vantagens de ficar em relação a

namorar, pois no namoro existia uma grande possibilidade de traição e que evitavam namorar para não serem traídos.

Inicialmente descreveram a violência no namoro como algo estranho a eles, algo que só presenciavam na televisão e nos jornais. Acreditavam que é algo que acontece nas favelas, mas não no dia-a-dia deles.

Exemplificam a agressão psicológica no namoro como usar a mulher para apenas dizer aos amigos que está namorando, mas que na verdade não gosta realmente dela. Separam as mulheres entre aquelas que são só para ficar e aquelas que eles podem namorar. Essa separação seria devido ao comportamento delas, as mais “atiradas” seriam para ficar e mais “recatadas” para namorar.

A violência física existe no universo dos adultos, consideram muito difícil que uma pessoa aceite namorar alguém que a violenta fisicamente, já que não existem filhos ou compromissos que justificasse a permanência numa relação violenta, ao contrário do que aconteceria nas relações matrimoniais adultas.

A violência sexual não faria parte do cotidiano dos jovens sendo encontrada nas classes mais pobres. O beijo forçado em shows aparece como exemplo de violência, mas foi rejeitado pelo grupo.

GRUPO 4 (Misto: Meninos e meninas de escola pública)

O quarto grupo foi realizado na manhã do dia 27 de maio em uma escola pública no bairro de Beberibe (RPA – 3), que é um bairro popular. É uma escola grande, mas com problemas estruturais, as salas são escuras e os banheiros sujos. Chegamos ao final do turno, mas alguns alunos estavam nos corredores sem aula e a escola já se encontravam bem vazia. A equipe da escola recebeu bem os pesquisadores e os alunos se mostraram bem disponíveis a realização da pesquisa. Nesta escola realizamos um grupo-focal com 9 adolescentes, sendo 5 meninas e 4 meninos. O grupo foi conduzido por uma pesquisadora do CLAVES e de dois pesquisadores do LEVES na observação e na relatoria. O grupo observou a seguinte disposição:

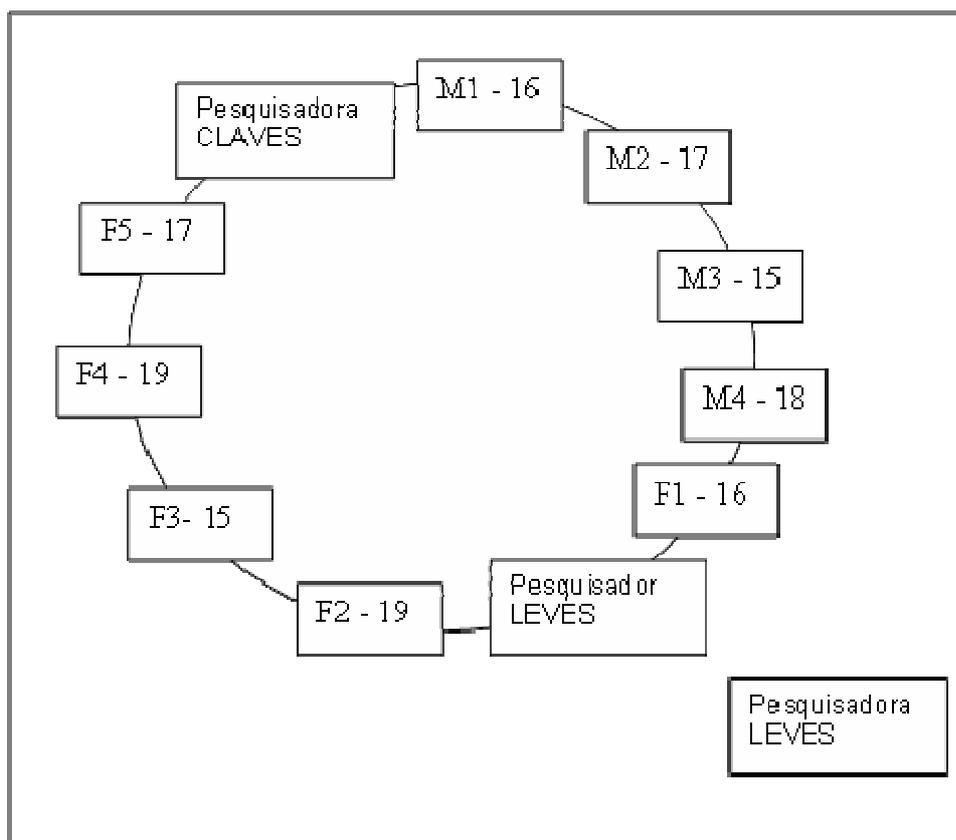


Figura 7 – Representação espacial Grupo-Focal 4

É um grupo bem equilibrado quanto as idades e sexo dos participantes (4 homens e 5 mulheres), curiosamente os homens e mulheres sentaram formando dois blocos distintos, essa disposição se refletirá na dinâmica do grupo.

O clima que prevaleceu no grupo foi o da “disputa dos sexos” em que meninas e meninos responsabilizavam o sexo oposto pelos problemas nos relacionamentos, o que aconteceu de forma irônica e com bom humor.

Quando perguntado sobre o tipo de relacionamentos amorosos existente entre os jovens, o grupo se focou na questão da diversidade sexual, falaram dos relacionamentos homossexuais e heterossexuais para em seguida classificarem os relacionamentos entre ficar e namorar e sobre as diferenças entre homens e mulheres, diferenças que serão invocadas em várias passagens do grupo.

A traição apareceu como principal causa da violência no namoro e estaria intimamente ligada ao ciúme e ao próprio amor. O medo de se envolver em relacionamentos mais profundos era causado pelo receio de ser traído/a.

GRUPO 5 (Meninos de escola pública)

O quinto grupo-focal foi realizado na tarde do dia 27 de maio de 2008. O colégio fica situado no bairro no Ibura (um dos mais populosos e violentos da cidade do Recife). O turno da manhã possui três turmas de segundo ano, mas não foi possível realizar o questionário, pois todas as turmas estavam dispersas, a direção nos informou que os alunos haviam sido dispensados das aulas para participarem de uma palestra sobre inclusão de pessoas com necessidades especiais, contudo boa parte dos alunos não estavam presentes. Nesta escola realizamos um grupo-focal com 7 homens adolescentes, com idades que variavam de 16 a 18 anos. O grupo foi conduzido por um pesquisador do LEVES e observado por uma pesquisadora do CLAVES.

Os jovens começam dizendo que no lugar onde eles moram, existe todo tipo de relação, dentre elas o ficar, marcado pela falta de compromisso, se bem que alguns homens não gostam da idéia de que as meninas tenham liberdade de sair com vários parceiros: “mulher dá em cima dos homens, tem homem que não gosta” (M – 18 anos).

Falam sobre os relacionamentos entre homens e mulheres, das dificuldades e da presença do ciúme numa relação, segundo um dos rapazes de 18 anos: “O problema é que um quer viver a vida do outro, ciúme não existe, ou você confia ou não, eu mesmo não confio em ninguém”.

Relatam que para que uma relação seja bem vivida, um não deve “pegar no pé do outro”, que o namoro era um momento para a pessoa relaxar, “se estressar, tchau”.

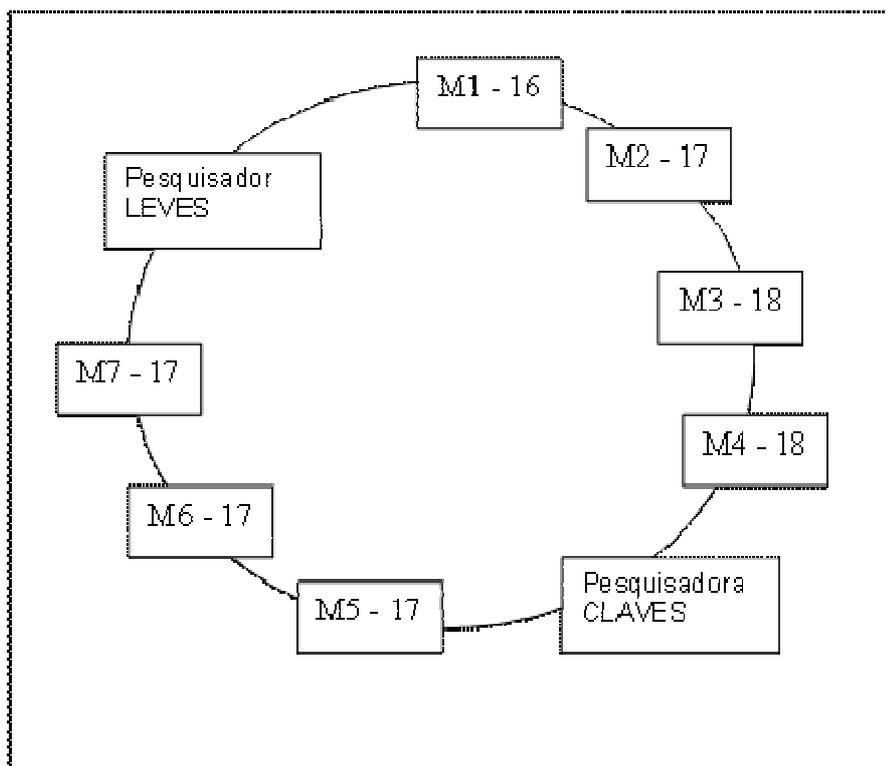


Figura 7 – Representação espacial do Grupo-Focal 5

Sobre a violência no namoro, consideram num primeiro momento, um absurdo, já que a mulher fica em desvantagem no caso de uma agressão física: “a mulher pode ser braba, mas não vai agüentar com o homem” (M – 18 anos).

Para o grupo a agressão psicológica poderia ser entendida tanto como a ameaça quanto nas situações em que a mulher “pegava no pé” do homem, procurando saber onde ele esteve, com quem andou etc.

Consideram que casos de violência física sejam mais raros em situações de namoro do que num relacionamento de casamento. Citam a lei Maria da Penha e a consideram injusta por privilegiar as mulheres, que elas provocam os homens e eles não podem fazer nada sob o risco de serem presos.

Condenam a agressão sexual, mas criticam as meninas que se vestem de forma sensual e que provocavam os homens e que muitas vezes a violência vinha porque o “cara não agüentava” ou ficava com medo de ser considerado homossexual por seus pares.

Justificam que muitas brigas acontecem por motivos culturais “que o nordestino não leva desaforo para casa” (H – 18 anos).

O grupo fluiu bem, a fala circulou em quase todos os presentes, apesar de um dos rapazes (de 18 anos) monopolizar a fala em alguns momentos, mas o grupo não hesitou em se opor a ele quando suas opiniões iam de encontro com os pensamentos do restante do grupo.

GRUPO 6 (Meninas de escola particular)¹³

O sexto e último grupo-focal foi realizado na tarde do dia 29 de maio de 2008 e foi conduzido por uma pesquisadora do CLAVES e relatado por uma pesquisadora do LEVES. O público deste grupo foram só meninas e a escola, um tradicional centro de ensino situado no bairro das Graças (RPA – 3).

A escola é de orientação religiosa e freqüentada por alunos/as de famílias abastadas da cidade do Recife, possui um forte esquema de segurança, sendo certamente o local que impôs maiores dificuldades para a realização da pesquisa. O grupo-focal teve que ser realizado em apenas 20 minutos, o que comprometeu o aprofundamento de algumas questões.

O grupo inicia com a descrição de alguns relacionamentos vivenciados pelas meninas e rapidamente chega ao tema da violência no namoro, que é visto com estranhamento pelo grupo, *“É irreal pra mim, acontece, mas eu não vejo”* (Menina, 16 anos), mas durante o grupo relatam algumas situações de agressão verbal, que seriam comuns em qualquer tipo de relação, que seria algo corriqueiro.

Reiteram em vários momentos que a violência no namoro não faz parte do cotidiano em que vivem: *“As agressões psicológicas não são do nosso meio. Ai...”* (menina, 16 anos), o que vale para as agressões físicas e psicológicas. A única exceção é a violência sexual, que apontam como bem mais freqüente que as agressões físicas:

Eu nunca fui agredida sexualmente, nunca cheguei a tal ponto, mas, tipo, eu tinha uma colega que ela ... Namoro mas... no meio do ficar, ele agrediu ela sexualmente e ela não queria. Só que ele era bem mais forte que ela e não teve como... Só que, depois, ela continuou ficando com ele. [riso da entrevistada] Eu acho que ela gostou [risos] (menina, 16 anos)

Finalizam o grupo trazendo algumas experiências de fim de relacionamento, de como se sentiram, se sofreram e de como superaram a separação.

¹³ Por motivos de otimização das equipes de campo, não participei da realização deste grupo, de forma que não temos a representação espacial do mesmo.

ANEXOS

ANEXO – A: Parecer Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães.



Título do Projeto: Violência e namoro: produções de sentidos sobre violência no contexto de relações de namoro entre adolescentes de ambos os sexos em dois grupos sociais na cidade do Recife.

Pesquisador responsável: Ricardo José de Souza Castro

Instituição onde será realizado o projeto: CPqAM/Fiocruz

Data de apresentação ao CEP: 16/09/2008

Registro no CEP/CPqAM/FIOCRUZ: 117/08

Registro no CAAE: 0116.0.095.000-08

PARECER Nº 11/2009

O Comitê avaliou as modificações introduzidas e considera que os procedimentos metodológicos do Projeto em questão estão condizentes com a conduta ética que deve nortear pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com o Código de Ética, Resolução CNS 196/96, e complementares.

O projeto está aprovado para ser realizado em sua última formatação apresentada ao CEP e este parecer tem validade até 16 de março de 2012. Em caso de necessidade de renovação do Parecer, encaminhar relatório e atualização do projeto.

Recife, 16 de março de 2009.

Handwritten signature and official stamp of the Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Observação:

Anexos:

- Orientações ao pesquisador para projetos aprovados;
- Modelo de relatório anual com 1º prazo de entrega para 16/03/2010.

ANEXO – B: Parecer Comitê de Ética da escola Nacional de Saúde Pública



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
Comitê de Ética em Pesquisa



Rio de Janeiro, 11 de março de 2008.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – CEP/ENSP, constituído nos Termos da Resolução CNS nº 196/96 e, devidamente registrado na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, recebeu, analisou e emitiu parecer sobre a documentação referente ao Protocolo de Pesquisa, conforme abaixo, discriminado:

PROTOCOLO DE PESQUISA CEP/ENSP - Nº 07/08 CAAE: 0011.0.031.000-08

Título do projeto: “Violência entre namorados adolescentes. Um estudo em dez capitais brasileiras”

Classificação no Fluxograma: Grupo III

Pesquisadora Responsável: Maria Cecília de Souza Minayo

Instituição onde se realizará: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/FIOCRUZ

Tipo do projeto: Projeto Individual

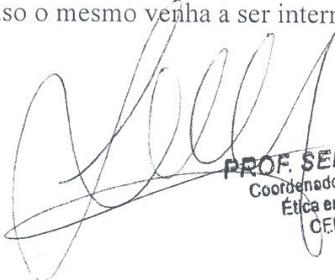
Data de recebimento no CEP: 19 / 02 / 2008

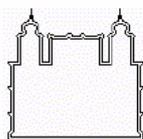
Data de apreciação: 10 / 03 / 2008

Parecer do CEP/ENSP: Aprovado. (Ad. Referendum)

Ressaltamos que a pesquisadora responsável por este Protocolo de Pesquisa deverá apresentar a este Comitê de Ética um relatório das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (*item VII.13.d., da resolução CNS/MS Nº 196/96*) de acordo com o modelo disponível na página do CEP/ENSP na internet.

Esclarecemos, que o CEP/ENSP deverá ser informado de quaisquer fatos relevantes (incluindo mudanças de método) que alterem o curso normal do estudo, devendo a pesquisadora justificar caso o mesmo venha a ser interrompido.


PROF. SERGIO REGO
 Coordenador do Comitê de
 Ética em Pesquisa
 CEP/ENSP

ANEXO – C: Carta de Anuência

**Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz
Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde**

Rio de Janeiro, abril de 2008.

Vimos por meio deste documento, autorizar o aluno RICARDO CASTRO a utilizar os dados da pesquisa “VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES. UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS” em sua dissertação de mestrado intitulada “VIOLÊNCIA E NAMORO: Produções de Sentidos sobre violência no contexto de relações de namoro entre adolescentes de ambos os sexos em dois grupos sociais, na cidade do Recife”, desenvolvida no CENTRO DE PESQUISAS AGGEU MAGALHÃES, sob orientação da Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima e co-orientação da Dra. Kathie Njaine.

Gostaríamos de ressaltar que a pesquisa está sob a coordenação da equipe original do Rio de Janeiro, constituída por pesquisadores do Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde – Jorge Careli. O aluno Ricardo Castro utilizará os dados qualitativos da cidade de Recife, oriundos de entrevistas individuais e grupos focais com alunos da rede pública e privada da cidade. Todo material qualitativo será transcrito no CLAVES. Orientações padronizadas para a pesquisa nas 10 capitais brasileiras estão disponíveis no Manual da Pesquisa, auxiliando o aluno no desenvolvimento do seu trabalho original. Esclarecemos que a pesquisa original foi aprovada pelo Comitê de Ética da Fundação Oswaldo Cruz.

Esperamos que essa parceria seja promissora ao melhor conhecimento da área no país, já que esse é um estudo pioneiro sobre as relações de violência na relação de namoro.

Grata pela colaboração

Simone Gonçalves de Assis
Kathie Njaine
Coordenadoras da Pesquisa
Pesquisadoras CLAVES/FIOCRUZ

ANEXO – D: Roteiro grupo-focal

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA *GRUPO FOCAL*

Pesquisa “Vivências de Violência nas Relações Afetivo-sexuais entre Adolescentes”

- 1- Estamos aqui para conversarmos juntos sobre suas opiniões e sentimentos nas relações de namoro e do ficar. Como é o namoro ou o ficar hoje em dia entre jovens?
- 2- Quando falamos, por exemplo, em “violência no namoro ou no ficar”, o que lhes vem à cabeça? Que coisas acontecem entre jovens que vocês chamariam de violência?

(Sobre agressão psicológica)

- 3- Um dos problemas que a população em geral, mas os jovens pouco comentam é a agressão psicológica. Vocês já ouviram falar? O que entendem e acham sobre isso?
- 4- Como os garotos e as garotas lidam com essas agressões psicológicas no namoro e no ficar. O que vocês pensam sobre isso?
- 5- Como um menino e uma menina devem agir nesses casos de agressão psicológica.

(Sobre agressão física)

- 6- Um outro problema do qual a sociedade e os próprios jovens também falam pouco é a agressão física nas relações de namoro e no ficar. Discutam sobre isso.
- 7- Como meninos e meninas lidam com essas agressões psicológicas no namoro e no ficar. O que vocês pensam sobre isso?
- 8- Como um menino e uma menina devem agir nesses casos de agressão física.

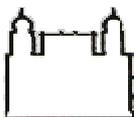
(Sobre agressão sexual)

- 9- A mídia, os psicólogos, os jovens e os estudos existentes falam que existe agressão sexual nas relações de namoro. Vamos discutir este assunto?
- 10- Como meninos e meninas lidam com esse tipo de agressão no namoro e no ficar. O que vocês pensam sobre isso?
- 11- Como um menino e uma menina devem agir nesses casos de agressão sexual.

(Perguntas finais)

- 13 – Alguma vez vocês pensaram em acabar com a própria vida por causa de algum relacionamento?
(Ou conhecem alguém que já passou por isso?)
- 14- Na opinião de vocês, como poderiam ser abordadas essas questões que nós falamos aqui? [Através de propagandas na mídia? Através da escola? Através de programa para pais? Através de profissionais de saúde que atendem adolescentes e jovens]?
- 15- Estamos quase chegando ao final da nossa conversa. Vocês acham que ficou alguma coisa de fora a respeito de relações de namoro e do ficar entre jovens e que seria muito importante refletirmos juntos agora?

ANEXO – E: Modelo dos termos de consentimento livre e esclarecido preenchidos pelos estudantes



Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA “VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES. UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS.”

Prezado(a) aluno(a),

O Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli, da Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz (CLAVES/ENSP/FIOCRUZ), convida você, aluno(a) da 2ª série do ensino médio (segundo segmento) deste estabelecimento a participar da pesquisa **“VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES. UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS.”**, sob a coordenação da Drª Maria Cecília de Souza Minayo, da Drª Simone Gonçalves de Assis e da Drª Kathie Njaine.

Este estudo pretende investigar como os adolescentes de 15 a 19 anos, de ambos os sexos, vivenciam situações de violência que podem ocorrer nas experiências de namoro (dentre elas o “ficar”).

Você está convidado(a) a preencher um questionário que aborda temas sobre relacionamento familiar, namoro, amizade, uso de substâncias, apoio social e violência, cujo preenchimento levará aproximadamente uma hora. Alguns alunos serão convidados a participar de uma entrevista que discutirá estas questões mais detidamente e pedimos sua permissão para gravá-la para que possamos ser fiéis ao seu relato. As fitas serão transcritas no Claves, no Rio de Janeiro, e posteriormente destruídas.

Garantimos que será mantida a CONFIDENCIALIDADE das informações e o ANONIMATO de todos que participarem das entrevistas. SUA PARTICIPAÇÃO É VOLUNTÁRIA, o que significa que você terá o direito de decidir se quer ou não participar, bem como de desistir de fazê-lo a qualquer momento. Contudo, ressaltamos a importância de sua contribuição para a pesquisa.

Não há riscos quanto a sua participação e o benefício será o fornecimento de informações para o debate sobre a questão das relações afetivo-sexuais entre os jovens.

Em caso de qualquer dúvida, você poderá entrar em contato com a coordenadoras do projeto no CLAVES, situado na Avenida Brasil, 4036, sala 700 – Manguinhos – Rio de Janeiro, ou pelo telefone/fax (0xx) (21) 2290-4893, no horário de 9 às 17 horas ; e com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública-CEP / ENSP na Rua Leopoldo Bulhões, 1.480 - Sala 314, Manguinhos - Rio de Janeiro - RJ / CEP. 21041-210. Tel e Fax - (21) 2598-2863 no horário de 14:00 às 17:00.

CEP/ENSP - cep@ensp.fiocruz.br

Drª Maria Cecília de Souza Minayo – cecilia@claves.fiocruz.br

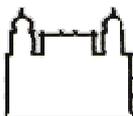
Drª Simone Gonçalves de Assis - simone@claves.fiocruz.br

Dra. Kathie Njaine - kathie@claves.fiocruz.br

Eu _____, declaro estar esclarecido(a) sobre os termos apresentados e concordo em participar da pesquisa.

(rubrica ou assinatura)

ANEXO – F: Modelo dos termos de consentimento livre e esclarecido preenchidos pelos diretores da escolas participantes.



Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA “VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES. UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS.”

Prezado(a) diretor(a)

O Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli, da Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz (CLAVES/ENSP/FIOCRUZ), pretende desenvolver uma pesquisa sobre as **“VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES. UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS** sob a coordenação da Dr^a Maria Cecília de Souza Minayo, da Dr^a Simone Gonçalves de Assis e da Dr^a.Kathie Njaine. Este estudo objetiva investigar como os adolescentes de 15 a 19 anos, de ambos os sexos, vivenciam situações de violência que podem ocorrer nas experiências de namoro (dentre elas o “ficar”).

Para tanto, pedimos sua permissão para convidarmos os alunos da 2^a série do ensino médio (segundo segmento) deste estabelecimento, para participar da pesquisa. As questões que serão abordadas versam sobre relacionamento familiar, namoro, amizade, uso de substâncias, de apoio social e de violência. Por isso pedimos sua permissão para a aplicação de questionários, de aproximadamente uma hora de preenchimento, e para a realização de entrevistas. Solicitamos também autorização para gravação das entrevistas para que possamos ser fiéis aos relatos dos estudantes. As fitas serão transcritas no Claves, no Rio de Janeiro, e posteriormente destruídas.

Garantimos que será mantida a CONFIDENCIALIDADE das informações e o ANONIMATO de todos que participarem da pesquisa.

A PARTICIPAÇÃO do aluno(a) é VOLUNTÁRIA, o que significa que ele(a) terá o direito de decidir se quer ou não participar, bem como de desistir de fazê-lo a qualquer momento.

Não há riscos quanto a participação do aluno(a) e o benefício será o fornecimento de informações para o debate sobre a questão das relações afetivo-sexuais entre os jovens.

Em caso de qualquer dúvida, você poderá entrar em contato com a coordenadoras do projeto no CLAVES, situado na Avenida Brasil, 4036, sala 700 – Mangueiras – Rio de Janeiro, ou pelo telefone/fax (0xx) (21) 2290-4893, no horário de 9 às 17 horas ; e com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública-CEP / ENSP na Rua Leopoldo Bulhões, 1.480 - Sala 314, Mangueiras - Rio de Janeiro - RJ /CEP. 21041-210. Tel e Fax - (21) 2598-2863 no horário de 14:00 às 17:00.

CEP/ENSP - cep@ensp.fiocruz.br

Dr^a Maria Cecília de Souza Minayo – cecilia@claves.fiocruz.br

Dr^a Simone Gonçalves de Assis - simone@claves.fiocruz.br

Dra. Kathie Njaine - kathie@claves.fiocruz.br

Eu _____, declaro estar esclarecido(a) sobre os termos apresentados e concordo em participar da pesquisa.

(rubrica ou assinatura)